RICHARD GRUNBERGER

A HISTÓRIA DA SS

RECORD

A HISTÓRIA DA SS

RICHARD GRUNBERGER

Quase trinta anos depois do colapso catastrófico do Terceiro Reich, quando a megalomania, a ambição, a crueldade e a loucura de Hitler se esboroaram fragorosamente arrastando consigo a arrogância, a barbárie e as quimeras da Nova Ordem de seus cúmplices nazistas, essas duas letras — SS — ainda podem ser capazes de infundir terror no coração de muitos homens.

A SS, as tropas de choque do nazismo, teve origem no pequeno grupo de guarda-costas de um obscuro pintor austríaco, que fora cabo na Primeira Guerra Mundial e passara a ser agitador na Alemanha inquieta de pós-guerra.

De obscuro orador de cervejaria na Baviera, o pintor se tornou Chanceler da Alemanha e depois ditador e imperador do Terceiro Reich. O grupo de guarda-costas cresceu com ele para ser a guarda pretoriana do novo César.

Aumentando de efetivo, de força, de importância, a SS passou a ser o instrumento do terror nazista, cabendo-lhe a maior responsabilidade da espionagem interna, da vigilância política, dos campos de concentração, do extermínio dos judeus e de todos os grupos oposicionistas e minoritários existentes na triste Alemanha dos tempos dominados pela Cruz Gamada.

O presente livro, bem documentado e profusamente ilustrado com fotografias que esclarecem e realçam o texto, conta fielmente a história da SS e, ao mesmo tempo, da Alemanha Nazista, para que ninguém esqueça o que foi um dos períodos mais trágicos da história daquele país e do mundo ameaçado pelas suas doutrinas dementes de ódio, de agressão e de fanatismo.

RICHARD GRUNBERGER

A HISTÓRIA DA SS

Tradução de RUY JUNGMANN

DISTRIBUIDORA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Título original inglês: HITLER'S SS

Copyright (C) 1970 by Richard Grunberger

Publicado originalmente na Inglaterra por George Weidenfeld & Nicolson Ltd.

Para I.G. (1883-1934)

Direitos exclusivos para publicação em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A. Av. Erasmo Braga, 255 — 89 andar — Rio de Janeiro, GB que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

1. DAS CERVEJARIAS AO PODER

DÉCIMO PRIMEIRO DIA DO DÉCIMO PRIMEIRO MÊS DE 1918: ENQUANTO a Grande Guerra extinguia-se em toda a Europa, na Alemanha a República de Weimar lutava para nascer. Em meio de agitações e sortidas revolucionárias, a democracia alemã — um balão frouxo a encher-se no vácuo de um vaso — expandia-se para preencher o vazio deixado pela fuga (ou aposentadoria) do Kaiser e de seus generais a um passo da inevitável derrota militar.

Na esteira de um colapso tão cabal e inesperado, pouco depois numerosos alemães diziam (repetindo o Marechal-de-Campo Hindenburg): “Não fomos derrotados em batalha, mas apunhalados pelas costas por traidores”. A essa altura o primeiro Parlamento da República reuniu-se em Weimar para instalar um governo responsável, introduzir o sufrágio universal e estabelecer o controle civil do Reichswehr, o exército de cem mil soldados permitido pelo Tratado de Versalhes, assinado em 1919.

Os elementos radicais que insuflavam as greves e motins, que haviam acompanhado a derrota militar , porém, consideravam a reforma política parcial como substituto inadequado de uma mudança econômica fundamental e tentavam — em Berlim, na Bavária e em outros locais — transformar o reajustamento do pós-guerra em revolução social.

Embora em Berlim os Espartacistas (precursores do Partido Comunista Alemão) tivessem logo amargado sangrenta derrota, um regime ao estilo soviético assumiu o poder na Bavária. Defendia ele um programa de governo dos operários, a reforma agrária e a participação popular no governo. Não obstante, foi logo depois esmagado por uma força combinada de grupos direitistas de elementos do Reichswehr e irregulares do Freikorps.

Em Munique, selvagemente expurgada da Revolução Vermelha, começou a história das SS. Heinrich Himmler (nascido em Munique em 1900), homenzinho de óculos e peito mirrado, um soldado manqué, não pudera, para mágoa sua, ter ação na guerra, mas pertencera durante curto espaço de tempo a um dos Freikorps que "libertaram" a capital bávara. Adolf Hitler, igualmente, encontrava-se em Munique em 1919, aguardando desmobilização.

Antes de dar baixa, compareceu a uma das aulas de doutrinação de soldados, com as quais o corpo de oficiais do Reichswehr suplementava o combate armado à subversão esquerdista. Hitler atraiu a atenção favorável dos instrutores e recebeu ordens de infiltrar-se, para atividades contra-revolucionárias, no suspeitosamente denominado Partido Nacional Socialista dos Operários Alemães — na verdade, pouco mais que um conventículo de políticos de cervejaria.

Por volta de janeiro de 1920, Hitler, já civil, tornara-se líder dos Nacionais Socialistas e começara a criar fama (e a atrair correligionários) em toda Munique com tiradas contra a República "infiltrada de judeus" de Weimar, arengas estas que pronunciava para platéias sempre maiores de desorientados pequenos burgueses.

Nos comícios nazistas, a fúria das palavras de Hitler fundia-se com as atividades de grupos de latagões, gerando ambas uma visível aura de violência. Durante certo comício, em fins de 1921, Hitler informou a seus seguidores: “Nenhum de nós deixará este salão a menos que sejamos retirados como cadáveres. Se algum covarde recuar, eu pessoalmente lhe arrancarei a braçadeira e o distintivo do quepe”.

Pouco tempo antes, um grupo de guarda-costas militares fora-lhe fornecido pelo Capitão Rohm (um corpulento oficial do Reichswehr bem relacionado com oficiais de alta patente). Esta unidade, logo depois reconstituída como esquadrão privado de choque do Partido, formou o núcleo original das SS, ou Esquadras de Proteção. Tinha ele como líder um vendedor de artigos de papelaria, Josef Berchtold. Os três primeiros guarda-costas de Hitler foram Ulrich Graf, Emil Maurice e Christian Weber — o primeiro, açougueiro e amador de luta romana, o segundo, relojoeiro transformado em motorista e o terceiro, vendedor de gado que trabalhava também como leão-de-chácara de cervejaria.

Em novembro de 1923, ano em que os nazistas causaram o primeiro — e curto — impacto sobre a história alemã do pós-guerra, a denominada “Stosstrupp Hitler” possuía cinquenta membros, embora, de fato, não constituísse mais do que uma subunidade especial das Sturmabteilungen (SA, ou tropas de assalto) — o exército particular de dois mil indivíduos que Rohm convocara para o Partido desde sua dispensa do Reichswehr.

O abortado “putsch” da cervejaria em Munique no dia 9 de novembro de 1923 custou doze perdas fatais às Stosstrupp, ou SA, e resultou na prisão de Hitler durante certo tempo, bem como na proscrição temporária de seu partido. Libertado em dezembro de 1924, Hitler reconstituiu o partido e, no abril seguinte, fundou uma nova “guarda de elite”, logo rebatizada de Schutzstaffeln, ou abreviadamente SS. Himmler, que desde a participação no “putsch” de Munique trabalhara para o Partido em várias atividades, tais como secretário do deputado nazista ao Reichstag, Gregor Strasser, orador itinerante e inspetor de arsenais secretos, ingressou nas SS e recebeu o número de inscrição 168. No ano seguinte, no congresso para-militar anual do Partido em Weimar (precursor dos gigantescos Comícios de Nuremberg na década de 1930) as SS desfilaram diante de Hitler, que lhes entregou a "bandeira sangrenta" — supostamente manchada pelo sangue das vítimas do "putsch" de Munique — em reconhecimento de serviços prestados naquela heróica ocasião. (A verdadeira façanha das Stosstrupp no "Dia do Levante Nacional" consistiu em empastelar as oficinas tipográficas do jornal do Partido Social Democrata de Munique. Paradoxalmente, os deveres primários extracombates dos membros das SS giravam agora em tomo do jornalismo; eram mandados colher assinatura e vender anúncios para o jornal do Partido, o Der Volkische Beobachter.)

No Comício de Weimar, Himmler agiu já na qualidade de vice-líder das SS. Em janeiro de 1929, Hitler nomeou-o Reichsführer SS. O "eterno subalterno" de vinte e nove anos conseguira, assim, realizar uma grande ambição. O novo e grandiloquente título disfarçava o fato de que o quartel das SS em Munique controlava apenas trezentos homens (em Berlim, as SS continuavam a agir independentemente sob o comando de Kurt Daluege, o principal ferrabrás de Goebbels) e, além disso, que as SS igualmente eram uma mera subseção das muito maiores SA comandadas por Rohm.

Apesar disso, simultaneamente, a despeito de sua situação teoricamente subordinada e do pequeno tamanho, os homens de uniforme preto das SS tinham primazia sobre os camisas-pardas de Rohm, da mesma maneira que a Guarda Pretoriana dos imperadores romanos vinha à frente das legiões. As SA envolviam a marcha em grandes batalhões; as SS, a filiação a uma elite selecionada.

Na gíria do Partido, "selecionado" encerrava a conotação de escolhido a dedo, bem como de puro-sangue — e desde que a raça formava o dogma-chave do credo nazista, não chegava a surpreender que alguns dos, seus altossacerdotes tivessem feito sua aprendizagem na criação de animais. O líder agrícola nazista, Walther Darré, que aspirava transformar os agricultores alemães numa “nova nobreza de sangue e terra”, fora outrora criador de suínos enquanto Himmler (um entusiástico discípulo das teorias de Darré sobre a pureza racial humana) criava galinhas nos arredores de Munique antes de ser nomeado líder das SS.

Dada a mística nazista da terra, a escolha prévia da carreira por Himmler parece ter sido bastante apropriada, embora, de fato, representasse como que um passo atrás na sua formação social. O pai, Studienrat (literalmente “Conselheiro de Estudo”) Gebhard Himmler, fora lente de um dos príncipes reais da Bavária (Heinrich de Wittelsbach, padrinho do líder das SS), ensinara numa escola primária em Munique e dirigira uma escola provinciana. Em outras palavras, o antigo criador de galinhas nascera na Bildungsbürgertum (burguesia educada), um estimado grupo de status, embora não excessivamente próspero, da sociedade Guilhermina.

A vida da família Himmler parece ter sido unida e harmoniosa, desempenhando obedientemente a mãe o esperado papel de Hausfrau, enquanto Herr Studienrat, transbordante de auto-importância, inculcava respeito pelo passado nacional e firmava a autoridade sobre os dóceis filhos. Na década de 1920, ocorreu um episódio altamente revelador do espírito da família e da mentalidade do jovem Himmler: ao saber que o irmão mais velho Gebhard noivara, Heinrich contratou uma agência de detetives para investigar o passado da noiva. Tão logo provas circunstanciais indicaram uma ligação anterior, ele forçou-o a romper o noivado.

Nessa ocasião, o puritano de vinte e quatro anos era ainda virgem. No que tocava à educação mais convencional, deixara a escola do pai e fora completar o curso de agricultura de três anos na Universidade de Munique. Na universidade, ingressou numa associação de duelistas (usava o pince-nez sem aro mesmo esgrimindo), realizou trabalhos burocráticos para a comissão de estudantes, escreveu um diário, compareceu à missa aos domingos e trabalhou para o auto-aperfeiçoamento de duas maneiras: a fim de adquirir forte masculinidade praticou tiro ao alvo e sujeitou o corpo comum a exercícios atléticos, ao mesmo tempo que, para adquirir maior desembaraço social, tomava lições de dança e buscava contatos (platônicos) com o sexo oposto. Embora a participação em atividades políticas ajudassem-no subsidiariamente a realizar, até certo ponto, tais objetivos, Himmler, o progenitor burocrata das "bestas louras", nunca superaria inteiramente — nem mesmo no auge da carreira — o senso de inadequação social e física.

Em 1928, contraiu núpcias com Margarete Concerzowo, sete anos mais velha do que ele e proprietária de uma pequena clínica em Berlim, à qual negócios do Partido na cidade levaram-no um ano antes. Embora Marga Himmler não nutrisse fortes convicções políticas, sua formação de enfermeira levava-a a compartilhar do interesse de Heinrich pelo folclore pseudocientífico da homeopatia e das curas das ervas. O casal sentia também um interesse quase esotérico pela viabilidade econômica de uma pequena propriedade que havia comprado com o dinheiro de Marga em Waltrudering (a dezesseis quilômetros de Munique) e na qual criavam cinquenta galinhas. Esta dedicação conjunta, contudo, não sobreviveu muito tempo além do nascimento de Gudrun Himmler em 1929, depois do que a fazenda e a criança tornaram-se os meios de Marga de levar uma vida de viúva de fato, a qual foi progressivamente reduzida pelas demais preocupações de Heinrich — não só políticas, mas também emocionais.

No ano do nascimento de Gudrun, o mundo perdeu o frágil equilíbrio do pós-guerra na esteira da crise de Wall Street. Enquanto o valor dos títulos descia alucinadamente, as ações políticas nazistas subiam como um foguete — a uma taxa ainda mais rápida do que as estatísticas sobre o desemprego na Alemanha. Nas eleições de setembro de 1930, a Fraktion nazista de doze deputados no Reichstag cresceu como um cogumelo e transformou-se no agourento contingente de cento e sete indivíduos que contribuiríam de todas as maneiras para anular as tentativas de instalar um governo parlamentar.

A filiação às SS começou a atingir a casa dos quatro e, finalmente, dos cinco algarismos em 1931, ano em que a “Ordem da Caveira” (assim chamada em virtude da insígnia que o pessoal das SS usava nos quepes pontiagudos) assumiu características ainda mais claras. O ideólogo do sangue-e-terra, Darré, fundou o Departamento de Raça e Colonização das SS (Rasse-und Siedlungs-Hauptamt, ou RUSHA), que combinava a promoção de casamentos eugênicos com pesquisas sobre raças arianas estrangeiras, potencialmente capazes de “germanização” no futuro.

Uma das primeiras inovações do Departamento de Raça e Colonização foi a elaboração do código de casamento das SS, segundo o qual a aprovação oficial do matrimônio de um membro da organização ficava na dependência de prova de ascendência ariana da noiva — retroagindo pelo menos a 1750 -— e de seu caráter, sanidade mental, saúde física e capacidade potencial de gerar filhos. O RUSHA mantinha ainda registros de linhagem de todos os membros das SS, e todos eles receberam um Sippenbuch (livro do clã), contendo o código matrimonial, no qual deveríam ser registradas as estatísticas da esposa e filhos.

Em 1931, a Ordem da Caveira recrutou o homem que mais do que qualquer outro emprestaria uma arrepiante autenticidade ao título: Reinhard Heydrich. Alto e louro, confiante e inteligente, atlético e de pendores artísticos, Heydrich era de muitas maneiras a antítese do Reichsführer, cujo lugar-tenente logo depois se tornou. Filho de uma cantora de óperas transformada em professora de música, Heydrich começou a estudar violino, envolveu-se no movimento do Freikorps aos dezesseis anos e, subsequentemente, ingressou na Marinha, na qual chegou à patente de Tenente-Sinaleiro, adido aos serviços de contra-espionagem. A despeito de seus antecedentes no Freikorps, a decisão em 1931 de ingressar nas SS não foi por motivos políticos. Constituiu, na verdade, um subproduto bem indireto do tipo de pecadilho sexual ao qual cedeu até a morte.

Um pouco antes, dois fios da vida sexual de Heydrich haviam-se tornado desajeitadamente emaranhados: o seu noivado com a obstinada Lina von Osten levara o pai mais acomodado da predecessor de Lina a solicitar que Herr Leutnant fizesse de sua filha uma mulher honesta. Ao receber a clássica resposta, “Nenhum oficial dotado de respeito próprio casaria com uma moça que se entregou a ele com tanta facilidade”, o pai (que tinha influência com o superior de Heydrich, Almirante Raeder) lavou a honra da família instigando a dispensa do serviço do galanteador.

Lina von Osten, uma ardente nazista, aconselhou o futuro marido a pleitear um cargo na crescente organização das SS. A personalidade do novo recruta e seus antecedentes na espionagem naval impressionaram Himmler o suficiente para nomeá-lo chefe do recém-criado Sicherheits dienst (SD, abreviadamente), ou serviço de espionagem intrapartidário, criado após o Caso Stennes, quando Kurt Daluege, o comandante das SS em Berlim, enfrentara sérias dificuldades para abafar uma rebelião contra Hitler entre as tropas de choque da capital.

A ação de Daluege merecera um elogio de Hitler, culminando na frase, “Homens das SS, vossa honra é a lealdade!” que, em forma modificada, transformou-se no lema da Ordem da Caveira; daí em diante as fivelas dos cintos dos soldados das SS proclamavam Unsere Ehre Heisst Treue — nossa honra chama-se lealdade — numa imitação (blasfema) do “Gott mit uns” gravada nas fivelas dos cintos do exército do Kaiser.

Ainda em 1931, Himmler foi nomeado chefe de segurança da Braune Haus, a recém-adquirida sede do Partido em Munique. No ano seguinte, ocorreu novo abalo na estabilidade econômica e política do país, enquanto simultaneamente o progresso eleitoral dos nazistas assumia as proporções de uma avalancha. Por volta de abril de 1932, os efetivos das SS chegam a trinta mil, contra os dez vezes mais de que dispunham as tropas de assaltos. Os novos contingentes de camisas-pardas permaneciam amiúde na ociosidade, ansiosos por uma refeição de favor, uniformes gratuitos e camaraderie, enquanto as elitistas SS atraíam profissionais liberais, professores universitários, ex-oficiais e mesmo membros da nobreza, como o Príncipe Waldeck-Pyrmont e o Príncipe de Mecklenburg.

A maré montante do recrutamento começou a subir durante os primeiros meses de 1933. No dia 30 de janeiro, Hitler assumiu o cargo de Chanceler. Em eleição geral realizada cinco semanas depois — a última convocada na Alemanha durante a era nazista — obteve uma pequena maioria, que se transformou em mandato para destruir a democracia. A tomada do poder inspirou tal safra de recrutas nazistas (zombeteiramente chamados de “as violetas de março”) que em maio, o Partido limitou a filiação ao nível então vigente. Tendo-se-lhes negado temporariamente o ingresso, milhares de jovens — e outros não tão jovens — pretendentes fluíram para as formações auxiliares do Partido (as SA, as SS, e a motorizada NSKK) para ocuparem o primeiro plano quando terminasse a moratória.

Reafirmando o princípio da seletividade como núcleo do espírito das SS, Himmler ordenou, em princípios de 1934, que fossem excluídas cinquenta mil uniformizadas “violetas de março”. Esta limpeza doméstica, contudo, constituiu um inocente interlúdio em comparação com o rito canibalista de purificação realizado pelas SS na sociedade alemã em geral e (após 1939) na maior parte da Europa.

Duas palavras alemãs, pouco depois incluídas em todas as línguas civilizadas, transformaram-se em símbolos dá purificação: KZ (sigla de Konzentrationslager, ou campo de concentração) e Gestapo (sigla de Geheime Staatspolizei, ou polícia secreta estatal).

A tomada do poder fez-se acompanhar, da prisão, maltratos e tortura (amiúde terminando em morte) de milhares de antinazistas. Presos pela Gestapo, ou “auxiliares” policiais, os prisioneiros, para os quais as cadeias policiais eram insuficientes, foram enviados a campos de concentração. Em 1933, nem a Gestapo nem os campos de concentração eram as instituições eficientes em que se transformaram posteriormente, sendo o seu controle disputado pelos administradores nazistas, as SA, e as SS. “Gauleiters” locais e líderes das SA estabeleceram os denominados campos de concentração “selvagens” e ocasionalmente — como no campo de Papenburg, nas proximidades de Osnabruck — organizações rivais do regime travaram verdadeiras batalhas para administrá-los.

Em março de 1933, Himmler tornou-se Presidente da Polícia de Munique, tendo Heydrich como assistente. Em junho, criou-se o campo de concentração de Dachau — o modelo de todos os subsequentes infernos nazistas na terra.

A rotina dos campos, a cargo de homens das SS e SA, cuja única alma mater fora o pavilhão de instrução, constituía uma perversão sadista do treinamento militar. Os recolhidos aos KZ eram obrigados a responder à chamada, fazer continência, postar-se em posição de sentido, acusar presença, marchar em acelerado e suportar simultaneamente as formas mais vis de insultos dos pátios de manobra dos quartéis. Por infração dos regulamentos, podiam sofrer, de acordo com o código disciplinar oficial, as seguintes penalidades: trabalho forçado, ordem unida punitiva, chamadas prolongadas, confisco de correspondência, redução das rações, prisão em solitária, prisão no escuro, encarceramento de pé em cela, vinte e cinco açoites nas nádegas (cobertas ou nuas), suspensão pelos punhos em um mastro, transferência para um batalhão de castigo, e morte por fuzilamento ou enforcamento.

Coube o primeiro comando de Dachau a Theodor Eicke, que Himmler tirara pouco antes de uma clínica psiquiátrica de Würzburg, onde o Gauleiter Bürckel o internara — numa camisa-de-força — como lunático que constituía uma ameaça pública. Eicke, filho de um empregado de estrada de ferro, fizera a guerra na Pagadoria do Exército e entrara posteriormente na polícia, mas não conseguira fazer carreira. Em contraste, realizou notável carreira nas SS, progredindo em pouco mais de um ano do comando no primeiro KZ do Terceiro Reich para o controle de todo o sistema de campos de concentração que, no outono de 1934, compreendia oito grandes instituições, variando de Dachau à temida Kolumbia Haus, em Berlim.

Os guardas de Dachau — convocados entre as unidades da Caveira — procediam na maior parte das camadas mais baixas da sociedade bávara: tipos de camponeses mentalmente atrasados e brutos que, num período de renovadas oportunidades de emprego, consideravam o serviço nas SS como meio socialmente aceitável (para não dizer prestigioso) de evitar o trabalho honesto. Irascivelmente primitivos, esses guardas nutriam um ódio especial contra intelectuais e judeus (duas categorias parcialmente paralelas). Prisioneiros possuidores de títulos universitários ou fisionomias ofensivamente eruditas — tais como os que usavam óculos — despertavam reações ainda mais perversas neles do que os demais. A brutalidade nata do pessoal do campo — de tal ordem que a pergunta de um amanuense do campo sobre o nome da mãe de uma prisioneira poderia ter o seguinte fraseado: “Que judia filha da p. defecou você?” — era intensificada pelo condicionamento: durante o treinamento, os membros das unidades da Caveira alternavam três semanas de exercícios militares exaustivos com uma semana de guarda no campo, no curso da qual eram obrigados a presenciar açoitamentos e enforcamentos, juntamente com os prisioneiros.

No que interessava ao mundo exterior, as SS organizaram as coisas de modo que o conhecimento do público alemão sobre os campos de concentração fosse simultânea — e paradoxalmente — geral e falho. Embora todos os alemães vagamente lhes conhecessem a existência, os campos continuaram a ser tabus cercados de sigilo e medo. Mas, já que o sigilo total lhes diminuiría o valor como dissuasivos, permitiu-se que um número mínimo de informações sobre o que acontecia por trás das cercas de arame farpado eletrificadas, holofotes e torres de metralhadoras alcançasse o mundo externo. Assim, a frase estereotipada “morto ao tentar escapar”, por trás da qual os comunicados oficiais (nas páginas internas dos jornais e em comunicações aos parentes próximos) camuflavam o assassinato premeditado de prisioneiros, logo depois entrava em uso corrente como um cínico eufemismo universalmente compreendido.

À medida que passava o tempo, a rede subterrânea de boatos, que suplementava os meios de divulgação oficiais como fonte básica de informação, disseminava também notícias sobre o costume das SS, segundo o qual os parentes próximos dos prisioneiros assassinados eram informados de seu destino mediante entrega, pelo correio, de uma uma contendo as cinzas do falecido.

Mesmo assim, numerosos cidadãos no Terceiro Reich continuaram absolutamente convictos de que os campos de concentração serviam ao alegado objetivo nazista — entronizado na inscrição “Arbeit macht frei” (O trabalho liberta”) que encimava os portões de Dachau — de reeducar e recuperar prisioneiros para a Volksgemeinschaft alemã (comunidade de folk) através dos instrumentos educativos do trabalho árduo e da disciplina.

Em tênue confirmação deste mito, os “mandriões” — que na terminologia oficial nazista significava trabalhadores que, sem motivos aceitáveis, rejeitavam por duas vezes trabalho que lhes era oferecido — eram enviados pela Gestapo para Dachau e instituições semelhantes. Eles, porém, constituíam apenas um dos numerosos grupos que habitavam os campos de concentração.

A diversidade entre os prisioneiros dos campos tinha origem na adaptação, feita por Heydrich e Himmler, da “Divide et Impera” romana às condições do próprio Estado-escravo-dentro-do-Estado. Os “mandriões” pertenciam à categoria dos Asoziale, juntamente com mendigos, vagabundos, ciganos, prostitutas, alcoólatras, desordeiros, psicopatas, imbecis e aproveitadores. Misturavam-se com membros de outras categorias, como criminosos profissionais e natos, homossexuais, testemunhas de Jeová, anti-nazistas (variando de comunistas a cristãos) e, finalmente, judeus.

A fim de evitar movimentos de solidariedade entre os grupos díspares, as SS criaram ainda uma hierarquia interna nos campos — tais como os mais idosos de blocos ou líderes de pavilhões — formado de criminosos natos, cujo poder sobre os infelizes subordinados, de qualquer categoria, era quase tão absoluto e arbitrário como o dos guardas (o pessoal dos KZ exercia domínio tão ilimitado sobre a vida e morte dos prisioneiros de cabeças raspadas e uniformes de zebra que o poeta socialista Erich Mühsam, por exemplo, obedientemente enforcou-se ao expirar o prazo-limite de três dias que lhe impusera o comandante de Sachsenhausen).

Apesar disso, esses senhores da vida e da morte estavam sujeitos ao frio controle e fiscalização dos “Departamentos Políticos” constituídos de pessoal da Gestapo, incluído na administração de todos os campos de concentração como parte da estrutura de comando erigida por Heydrich. A própria Gestapo evoluira, de acordo com as leis darwinianas, de um emaranhado de instituições inimigas — velhas e novas — cujas cruéis lutas internas continuaram durante meses após a tomada do poder. Os seus antecedentes relativamente inócuos eram os departamentos policiais políticos que haviam existido anteriormente nos vários Estados constituintes de Weimar — a Prússia, a Bavária, a Saxônia, e os demais.

O fundador da Gestapo, contudo, não foi Himmler — mero Chefe de Polícia da Bavária em 1933 — mas Hermann Goering, que na qualidade de Primeiro-

Ministro da Prússia “cedeu” esquadrões SA e SS à polícia prussiana durante o reinado de terror que se seguiu ao incêndio do Reichstag (27 de fevereiro de 1933). Esta composição inicial da nova força com claques rivais transformou o quartel-general de Prinz Albrechtstrasse num pequeno campo de batalha. Colegas tentavam prender-se reciprocamente e alertavam amigos pelo telefone antes de irem à privada — para o caso de não voltarem. Artur Nebe, Chefe da Polícia Criminal e em fulgurante carreira na hierarquia das SS, soltava a trava de segurança do revólver ao entrar no edifício pela porta dos fundos e colava-se às paredes ao subir uma escada.

Mas isto não era mais do que as dores da dentição e, de maneira alguma, reduzia a eficácia da Gestapo como instrumento de terror totalitário. Himmler e Heydrich, que nesse ínterim haviam fundido todas as forças de polícia política numa única, assumiram controle total do instrumento em abril de 1934 e, subsequentemente, tornaram-no ainda mais eficiente, aplicando o amor ao detalhe e à engenhosidade alemã em técnicas tão velhas como as de Torquemada e tão modernas como as da OGPU.

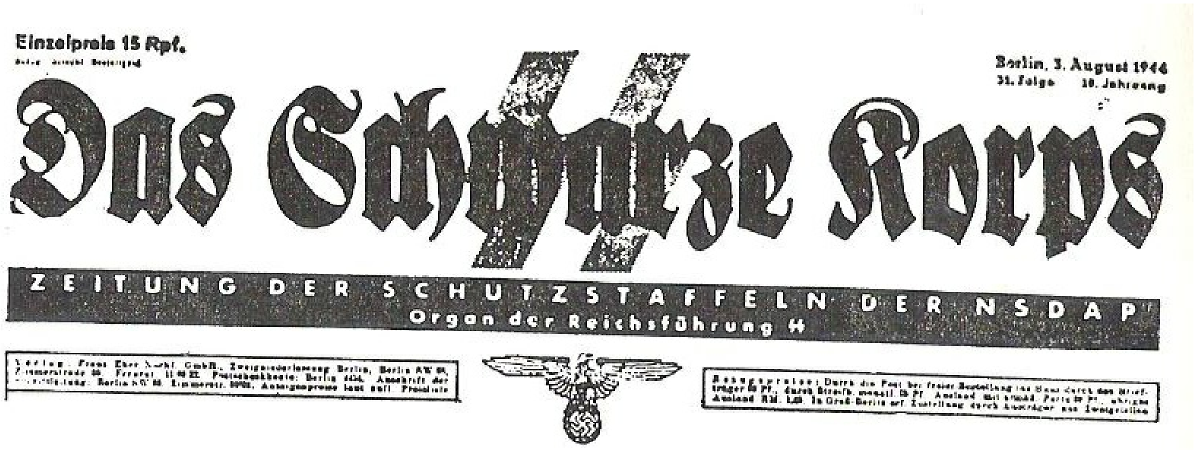
Os alemães e (após 1939) os não-alemães que passaram pelos porões da Gestapo conheceram a tortura sob grande variedade de formas: açoites com chicotes de couro de boi; afogamento e ressuscitação alternados em banheiras cheias de água fria; choques elétricos com fios presos aos pés, mãos, ouvidos, pênis e ânus; esmagamento dos testículos numa prensa especial; enforcamento com os punhos algemados por trás das costas; queimaduras com fósforo ou ferro de soldar. (Um refinamento especial consistia em torturar uma mulher colocada ao alcance do ouvido do prisioneiro e em informá-lo de que era sua esposa.)

À instituição, equipada com esse tipo de perícia, recebeu finalmente, nos termos de legislação promulgada em fevereiro de 1936, status legal retroativo e foi, simultaneamente, colocada acima da lei. (Desde 1933, a única formalidade necessária para enviar um cidadão alemão a um campo de concentração consistia na inserção, por um oficial da Gestapo, de seu nome no formulário apropriado.) O parágrafo 7 da lei de fevereiro de 1936 dispunha que não cabiam apelos contra as decisões da Gestapo e que os tribunais estavam proibidos de reformá-las ou revisá-las. Em outubro de 1938, Hitler cunhou o conceito nazista de legalidade: “Todos os meios, mesmo que não estejam de conformidade com as leis e precedentes, são legais se servem à vontade do Führer”.

A lei espúria equivale ao caos organizado. As SS, porém, transcenderam a essas contradições, sintetizando-as. Para Himmler, os assassinos das unidades da Caveira eram também doadores de esperma para uma forma mais alta de vida. No Terceiro Reich, a realidade e a ilusão tornaram-se de tal maneira emaranhadas que os não-nazistas — e mesmo judeus — consideravam as SS como formações disciplinadas e, por conseguinte, como um contrapeso relativamente tranquilizador aos dissolutos desordeiros das tropas de assalto de Rohm.

Durante a única grande crise interna experimentada pelo regime nazista — em junho de 1934 — essas duas alas do exército do Partido, em seus uniformes respectivamente preto e pardo, chocaram-se em combate que nada teve de leal. Após este expurgo, que veio mais tarde a ser conhecido como “A Noite dos Longos Punhais”, as SA declinaram e transformaram-se num exército de teatro, enquanto as SS evoluíam para contestar a primazia do Reichswehr (e, subsequentemente, do Wehrmacht) como “única força armada da nação alemã”.

A queima de Livros em 1933. Homens das SA e SS preparam o auto-de-fé.



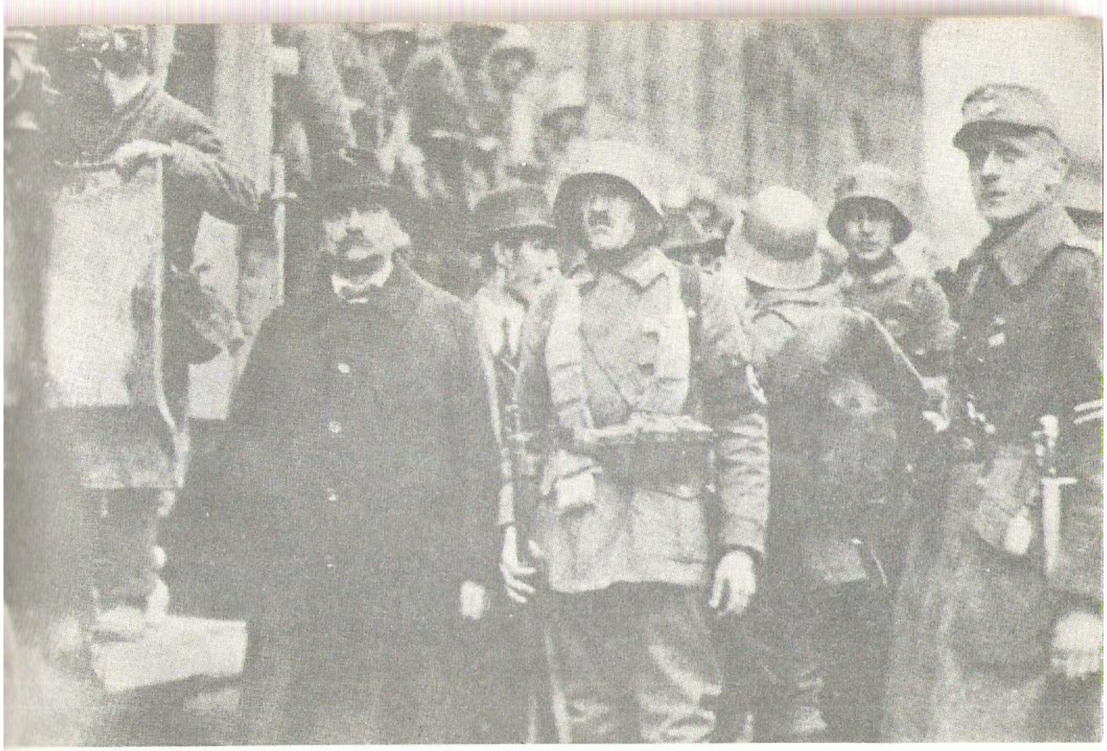
Einzelpreis 15 Rpf.

Berlin, 3. August 1944
31. Folge 10. Jahrgang

Das Schwarze Korps

ZEITUNG DER SCHUTZSTAFFELN DER NSDAP
Organ der Reichsführung ᛋᛋ

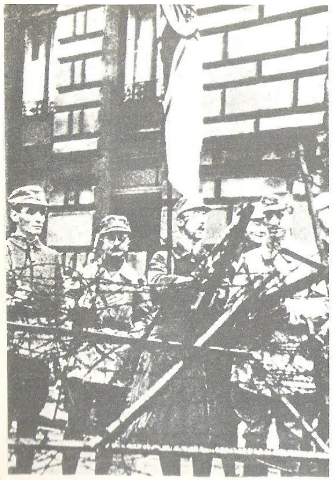
Cabeçalho do *Das Schwarze Korps* (A Guarda Negra), jornal oficial das SS.



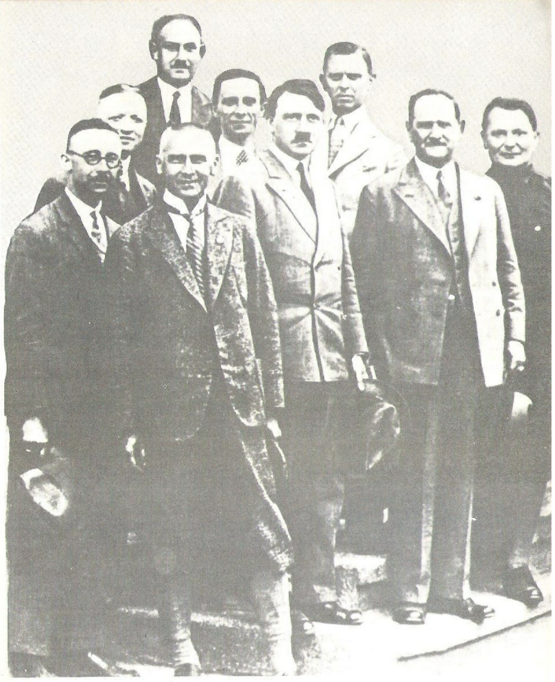
O "putsch" de Munique, em 9 de novembro de 1923. Tropas de assalto, usando capacetes de aço, prendem conselheiros municipais.

Tropas de assalto treinam com metralhadoras nos arredores de Munique (1923).

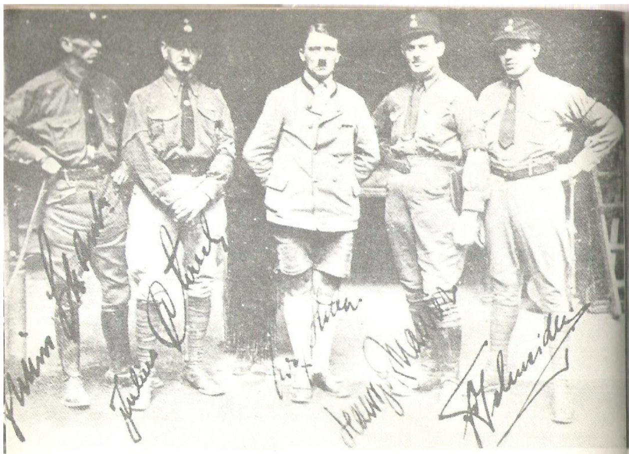
Um orador nazista fala à multidão, no centro de Munique, no dia 9 de novembro de 1923.



Himmler, o porta-bandeira, durante o "putsch" de Munique.



Na estrada do poder: Hitler e alguns altos dignitarios nazistas. Junto a Himmler (a partir da esquerda), Frick; Goebbels é visto à esquerda, por trás de Hitler, e Goering, na extremidade direita.



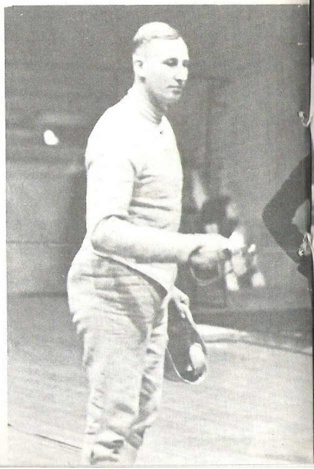
Hitler, ladeado por guarda-costas das SS em 1925 (da esquerda para a direita: Schaub, Schreck, Maurer, Schneider). Julius Schaub tornou-se subseqüentemente seu ajudante-de-ordens e Julius Schreck, motorista. Note-se a figura semi-apagada do quinto guarda-costas.

Ulrich Graf, que foi ferido defendendo Hitler no dia 9 de novembro de 1923.

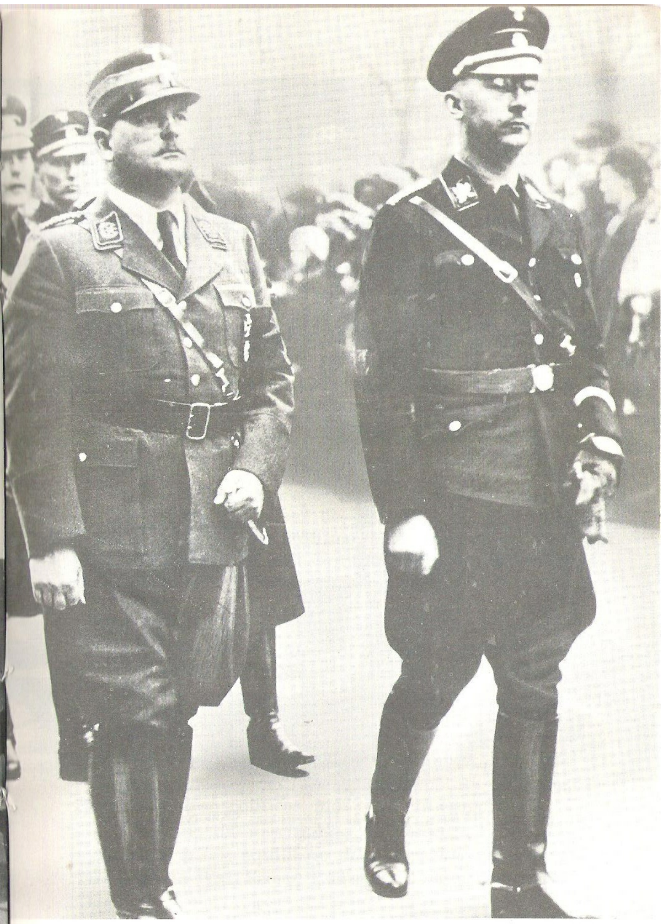
O *paterfamilias* nazista exemplar: Himmler e a filha Gudrun assistem a uma prova esportiva em um ginásio berlinense (1938).

Altas-patentes das SS em uniforme de gala. Himmler (à esquerda), Heydrich (centro) e Karl Wolff (à direita).

Um estudo de contrastes: Himmler, o pretenso esportista.



Heydrich, campeão de esgrima.



Os rivais: o chefe do Estado-Maior das SA, Roehm, e o Chefe das SS. Himmler, quatro meses antes do choque letal entre ambos, ocorrido em 1934.

2. OS CAVALEIROS DOS LONGOS PUNHAIS

QUEM QUISER COMPREENDER A FILOSOFIA DO NAZISMO PRECISA COMEÇAR POR entender que a despeito de todas suas pretensões ao status de uma ideologia abrangente, resumia-se ela numa idéia única, simples, embora emocionalmente inspiradora: guerra racial até a morte entre o alemão e o judeu. Essa falta de ideologia ou mesmo de um programa "aglutinador" deixou uma brecha que o regime preencheu com manifestações cínicas de oportunismo: as mulheres, cujo lugar — segundo Hitler — era no lar, foram forçadas a ir trabalhar nas fábricas; a terra (elogiada como fonte impoluta do domínio popular alemão) foi lentamente despovoada; e a Rússia foi transformada, da noite para o dia, de arquiinimiga em co-assinante de tratado e em arquiinimiga novamente.

Hitler demonstrou igual oportunismo nas relações com o Reichswehr — o único poder semi-autônomo a sobreviver na Alemanha após fevereiro de 1933. Embora a tomada do poder tivesse sido efetuada com as armas totalitárias do terror e do Gleichschaltung (coordenação compulsória), somente após a morte, em agosto de 1934, do Presidente do Reich, Hindenburg, que contara com o apoio do exército, tomou-se completo o controle de Hitler sobre o Estado — e mesmo assim ainda seria necessária a remoção do Ministro da Guerra, von Blomberg, e do Chefe do Estado-Maior, Fritsch, em princípios de 1938, para tornar a subserviência dos militares tão completa como a dos demais.

A ascendência de Hitler sobre o Partido, em contraste, fora sempre total. Baseara-se no carisma pessoal, na eliminação de rivais potenciais, como o “esquerdista” Gregor Strasser, na distância olímpica em que se mantinha na luta (por precedência, poder e despojos) que era travada nos bastidores por Ministros, Gauleiters, a organização política do Partido, a Frente Trabalhista Alemã, a Organização Alimentar do Reich, as SS e as SA.

As SA formavam o pretenso “Exército Popular do Nazismo”, o que significava que sua força residia na quantidade e não na qualidade. Não obstante, seus líderes, frequentemente ex-oficiais, estavam saturados de espírito militar/mercenário e se consideravam como constituintes dos quadros da futura força militar alemã. O comandante das SA, Rohm, queria na verdade absorver os cem mil efetivos do Reichswehr no seu inflacionado exército partidário e considerava-se o modelador de uma nova máquina de combate, livre das peias de casta e convenção que haviam estropiado os exércitos alemães na Grande Guerra.

Fez, em consequência, demonstrações — bem como aperfeiçoava — a eficácia dos seus batalhões de camisas-pardas em exercícios, manobras e armazenamento de armas durante os meses que se seguiram à tomada do poder. Em dezembro de 1933, conseguiu convencer Hitler a nomeá-lo Ministro sem Pasta do Gabinete do Reich. Hitler apreciava Rohm como o Carnot do levé en masse da revolução nazista e como valioso contato com importantes personalidades militares (entre eles, Ludendorff). Desde os primeiros dias do pós-guerra em Munique, tratavam-se, de fato, com o familiar “Du”, muito embora Hitler conservasse a distância todos os demais paladinos graças ao uso do formal “Sie”. Conquanto nenhum segredo da “corte” nazista tivesse circulado tanto antes e depois da tomada do poder como os pendores homossexuais de Rohm — apesar da publicidade adversa e dos resmungos internos, Hitler havia persistentemente recusado “realizar um inquérito” sobre os desvios do chefe das SA (e de grande número de seus subchefes).

Como todas as mudanças na hierarquia nazista lançavam os vassalos rivais num estado de fúria ultrajada, a elevação de Rohm à categoria ministerial levou Goering e Himmler — após meses de cruéis lutas internas pelo controle da Gestapo — a engolir as divergências e formar uma aliança contra as SA. Na qualidade de Primeiro-Ministro da Prússia e Ministro da Aeronáutica do Reich, Goering mantinha estreito contato com o serviço público civil e as forças armadas e compartilhava da hostilidade comum a ambos os esquemas "revolucionários" de Rohm, enquanto as SS — que incidentalmente nutriam ambições militares próprias — não podiam deixar de ficar assustadas com os planos expansionistas do seu mais sério rival.

Em fevereiro de 1934, Rohm assumiu a ofensiva pedindo, em memorando, uma "reforma" militar aos chefes do Reichswehr — levando Blomberg a pressionar Hitler para intervir na disputa iminente. Hitler impôs uma frágil trégua segundo a qual as SA teriam controle do treinamento dos recrutas do exército, antes e depois do serviço militar.

Tal divisão do trabalho militar originou compreensíveis descontentamentos entre as fileiras das tropas de assalto. Num banquete de líderes das SA, realizado algum tempo depois, línguas soltas pelo álcool veicularam ameaças ousadas, ainda que vagas contra o Führer. Não obstante, no entender de um líder regional das SA, admirador fervoroso de Hitler, Lutze, de Hanover, essas etílicas explosões eram provas de traição e ele avisou Hess (substituto de Hitler), von Blomberg e Heydrich. Armado com as revelações de Lutze, Heydrich convenceu Himmler da necessidade de antecipar-se e desfechar um golpe contra Rohm. Friedrich Krüger, um ex-SS encarregado do treinamento das SA, recebeu ordens de compilar material incriminador dentro do campo inimigo.

Enquanto Heydrich articulava seus planos com invariável e clandestina precisão, Rohm defendia a causa das SA com grande publicidade, exigindo uma “Segunda Revolução” — o que alarmou a burguesia — e a ampliação do campo de manobras das tropas de assalto para incluir exercícios de campo em nível de exército.

A frente anti-Rohm, por seu turno, acelerou os preparativos; o Reichswehr transferiu armamento pesado de seus arsenais para as SS; ao mesmo tempo as unidades da Caveira do comandante de Dachau, Eicke, realizavam manobras de guerra com munição autêntica. Heydrich, residente em Berlim (como Himmler) desde que as SS assumiram inteiro controle da Gestapo em abril, passou o mês de maio organizando uma “lista de execuções” básica. Pediu aos chefes regionais das SS que fornecessem os nomes de seus rivais das SA. Enquanto esperava esses adendos, Heydrich teve a idéia de ampliar o projetado expurgo das SA e transformá-lo numa liquidação geral de todos os personagens antinazistas, quaisquer que fossem suas filiações.

No dia 17 de junho, von Papen, o ex-Chanceler conservador que entrara no gabinete de Hitler para dar-lhe equilíbrio, manifestou-se contra as arengas revolucionárias de Rohm e exigiu a “normalização”. Este apelo provocou um eco suficientemente alto para levar Hitler a suspeitar de uma ameaça direitista a seu regime, além da que Rohm representava da esquerda. Resolveu, em consequência, atacar simultaneamente em ambas as direções — já que a boa-vontade do Exército era essencial até que tomasse finalmente o poder das mãos do quase moribundo Hindenburg — ainda que sob o disfarce de aliança com os conservadores.

Após uma reunião de emergência com Hindenburg e von Blomberg — reforçada pela divulgação feita por Heydrich de planos falsos de um golpe das SA em preparação — Hitler convocou uma conferência para o dia 30 de junho numa estação de veraneio bávara “para resolver as divergências” com a liderança das SA. Duas companhias de Leibstandarte de elite (os guarda-costas das SS de Hitler) foram enviadas à Bavária sob o comando de Sepp

Dietrich. Às primeiras horas da madrugada do dia da projetada “conferência” os líderes reunidos das SA foram arrancados de suas camas — que alguns, incidentalmente, compartilhavam com companheiros masculinos — e presos sob acusação de alta traição. Sepp Dietrich e Eicke supervisionaram as subsequentes execuções na Prisão Stadelhein, de Munique. No momento em que o moribundo Rohm murmurou: “Oh, meu Führer!”, Eicke respondeu cinicamente: “Você devia ter pensado nisso antes!”

Bem cedo na manhã de 30 de junho, unidades motorizadas das SS rugiram pelas ruas de Berlim e liquidaram — de conformidade com as diretrizes de Heydrich para um expurgo geral — os escalões superiores das SA na capital, juntamente com Gregor Strasser, o ex-Chanceler Schleicher, o líder católico Dr. Klausener, o secretário de imprensa de von Papen, e numerosos outros. Enquanto esta última fornada era assassinada em suas casas, numerosas execuções de membros das SA ocorriam na Kolumbia Haus. Foi nela que um sargento das SS disse ao condenado líder das tropas de assalto que arrancou da cela após a meia-noite: “Meta a cabeça sob a torneira para parecer disposto e dar uma boa impressão na hora da morte!”

De Munique e Berlim, o derramamento de sangue extravasou pelas províncias. Na Silésia e na região da Grenzmark, a caçada aos fugitivos das SA escondidos nas florestas durou vários dias.

No jargão nazista (bem como, estranhamente, mais tarde na palavra de historiadores alemães) o dia 30 de junho de 1934 tomou-se conhecido como “o putsch de Rohm" — uma má definição que reproduzia a mentira de Hitler de que “uma claque de pervertidos em tomo de Rohm” planejara um golpe, em conluio com potências estrangeiras. O homem da rua, por outro lado, chamou-a de “A Noites dos Longos Punhais” e cunhou, destarte, uma frase mais exata e mais ilustrativa.

Dissipando-se a fumaça das cenas de carnificina passadas na Prisão Stadelheim e na Kolumbia Haus, viu-se por fim quem brandira os longos punhais: as SS foram elevadas — por ordem do Führer, datada de 20 de julho de 1934 — ao status de organização autônoma dentro do Partido Nazista e autorizada a formar unidades blindadas próprias.

Esta última recompensa representou um agourento paradoxo para o Reichswehr, pois significava que mal haviam sido liquidados os contestatários de seu monopólio militar, e os próprios liquidantes postulavam a mesma ameaça. Quanto às SS, pode-se dizer que a “Noite dos Longos Punhais” completou a fase de crisálida de seu desenvolvimento. Daí em diante, a personalidade coletiva da Ordem Negra permaneceu sempre a mesma a despeito da evolução de seus subgrupos e sua transformação em serviço de espionagem, polícia política, sociedade de criação de gado humano, agência de trabalho escravo e corpo de janízaros.

Este papel protéico resultava em ocasionais desastres como na ocasião em que o assassinato do Chanceler Dollfuss, em julho de 1934, deixou de precipitar a ocupação da Áustria — embora, de maneira geral, o progresso das SS tenha sido suave e seu campo de ação limitado apenas pelo veto de Hitler.

A primeira divisão do que veio a tomar-se finalmente as Waffen SS do tempo de guerra foi formada — e aceita por um relutante Reichswehr (agora rebatizado de Wehrmacht) — como parte da conscrição militar, que entrou em vigor em março de 1935. Este núcleo do futuro exército das SS ganhou suas próprias Sandhursts na forma de escolas de preparação de oficiais situadas em Bad Tolz e Brunswick, criadas por Paul Hausser, um aposentado Tenente-General do Reichswehr e, por conseguinte, o oficial regular de mais alta patente a usar o uniforme preto.

Em abril de 1935, Himmler e Heydrich coroaram a aquisição de um exército com a de um jornal, o Schwarze Korps (Guarda Preta) cujo estilo — parte encantatório e parte lascivo — pouco depois atraía uma grande massa de leitores. Além de adular Hitler e lançar os piores insultos contra os judeus — os alimentos básicos do jornalismo nazista — o jornal das SS promovia campanhas de aumento da população, desfechava ataques à riqueza e aos privilégios e fornecia diretrizes à violência "espontânea".

Com a finalidade de elevar a taxa de nascimento, exaltava a maternidade, mesmo fora do matrimônio, lançava campanhas de serviços de fornecimentos de fraldas e servia afrodisíacos visuais sob a forma de fotografias de corpos queimados de sol entre ondulantes espigas de milho.

Esses induzimentos à procriação eram sincronizados com ataques à religião e à moralidade, "contrárias à vida". Durante toda a campanha nazista contra o catolicismo político o Schwarze Korps publicou violentas denúncias de desmandos sexuais e financeiros nas instituições monásticas.

De choque aplicado à burguesia bastava um pequeno passo para que começassem os açoites; semanalmente, o jornal denunciava algum gerente de fábrica por prover instalações sanitárias inadequadas ou algum agricultor cujas casas destinadas aos empregados apresentavam goteiras e submetia-os ao opróbrio público. (Tratava-se de uma cruzada lucrativa com a qual o Schwarze Korps obtinha dividendos políticos e, seus editores, lucros financeiros — sob a forma de pagamentos de suborno feitos por empregadores que preferiam a chantagem ao escândalo.)

Mais importante ainda, o jornal fornecia um serviço gratuito de informações às multidões de linchadores amadores. Fazia-o publicando nomes, endereços e (ocasionalmente) fotografias de indivíduos, em todo o país, culpados de falta de contribuição a uma obra de Socorro de Inverno, de quebra do boicote às lojas judaicas ou de recusa a fazer a saudação hitlerista.

Um aspecto digno de nota do Schwarze Korps era a total falta de constrangimento: notícias de casamentos e nascimentos nas páginas internas apareciam às vezes com origem em Dachau, como se fosse a coisa mais natural do mundo que uma maternidade se situasse próxima a uma câmara de torturas. (No campo de concentração de Dachau, exemplificando isto com muita propriedade o espírito nazista, residia também o pessoal casado das SS.)

Embora poucos homens das SS estivessem apenas no início da meia-idade, as colunas de notas pessoais do jornal publicavam regularmente avisos fúnebres tarjados de preto. Desastres fatais em treinamento, acidentes em exercícios de montaria, choques de motocicletas — refletiam, todos eles, outro aspecto do espírito das SS, segundo o qual o derramamento abundante de sangue era a única circunstância que distinguia um campo de batalha de um campo de manobras.

Se o limite superior de idade nas SS era o começo da maturidade, o inferior chegava quase à adolescência: o editor do Schwarze Korps, Günther d’Alquem, contava apenas vinte e três anos de idade ao ser nomeado para o importante cargo. Mas, além de desfrutar de oportunidades sem precedentes de promoção, os jovens das SS eram submetidos também a detalhada vigilância: d’Alquem, por exemplo, recebeu ordem de romper um caso amoroso com uma jovem de olhos castanhos e teve um prazo de três meses para noivar com uma possuidora de íris azuis, garantindo, assim, a eventual procriação de descendentes cem por cento nórdicos.

Detalhadas verificações dessa ordem nas fichas eugênicas de possíveis noivas de membros das SS eram um trabalho que Himmler ainda gostava de realizar pessoalmente, mesmo que dois anos depois da tomada do poder a filiação às SS tivesse subido vertiginosamente de 52.000 para 165.000. A imensa preocupação do Reichsführer com o mito ariano levou-o a prodigalizar não menor atenção ao passado: criou uma Ahnenerbe (“Herança Ancestral”), uma instituição destinada a investigar os restos pré-históricos nacionais de modo a estabelecer a continuidade racial dos alemães com seus antepassados. A instituição, que funcionava sob a direção de um autêntico professor de arqueologia, com a patente honorária de capitão das SS e dinheiro doado pelo “Círculo de Amizade do Reichsführer SS” entre as grandes empresas, patrocinava escavações em grandes escalas em certos sítios na Alemanha, para não mencionar aventuras bizarras, como uma expedição ao Tibete.

A História — ou para sermos mais precisos, sua versão altamente idiossincrásica — inflamava a imaginação de Himmler de uma forma estranhamente pessoal. Impressionava-o profundamente a figura de Henrique o Passarinheiro, rei alemão do século X, em cujo aniversário de morte promovia uma reunião à meia-noite na cripta da Capital de Quedlinburg (tido como local de repouso dos restos reais). Por ocasião do milênio da morte de Henrique, no dia 2 de julho de 1936, Himmler jurou — diante de um grupo de dignitários da Wehrmacht, do Partido, e das SS, em uniformes de gala, dourados e medalhas — continuar a levar a cabo a cruzada anti-eslava do monarca medieval.

Particularmente, levava ainda mais longe sua identificação com o homônimo real (Henrique-Heinrich). Alegava entrar em comunhão com o falecido rei durante o sono e, finalmente, considerou-se uma reencarnação dele.

Como se isto não fosse suficiente, considerava também sua personalidade como bastante grande para pôr-se à sombra do Rei Artur, da Távola Redonda: mandou reformar com grandes despesas o arruinado Castelo Wewelsburg, na

Vestfália, e periodicamente reunia os doze mais graduados Obergruppenführer das SS em torno da mesa de carvalho de uma alta e abobadada sala de jantar. (Por ordens de Himmler, todos eles traziam um escudo de armas próprio e, durante a estada no castelo, ocupavam uma câmara mobiliada ao estilo da época e dedicada a um herói alemão específico.) O mais sagrado dos lugares de Wewelsburg era um santuário subterrâneo. Plintos para as urnas de cremação dos Obergruppenführer formavam um círculo em torno de um poço: por ocasião da morte de cada Cavaleiro da Távola Redonda, o seu brasão era queimado em cima de um pilar escavado na pedra, formando a fumaça — graças a um sistema de ventilação habilmente montado — uma coluna vertical sobre o poço.

Rituais semelhantes, embora naturalmente menos dispendiosos e complicados, formavam a base da religião que se esperava fosse praticada por todos os membros das SS. “Religião” é, na verdade, uma palavra imprópria porquanto implica algo de ordem mais alta do que a mixórdia de adoração de ancestrais teutônicos e o culto da natureza que atendia às necessidades espirituais da elite nazista. A característica mais pronunciada deste Novo Paganismo era a rejeição de quase todos os aspectos do cristianismo, das virtudes de humildade e caridade ao simbolismo da cruz.

O mistério da ressurreição cedia lugar à eterna renovação da raça, o caráter sobrenatural ao mito do herói, e o Natal cristão (antecipada sua data para coincidir com o solstício do inverno) ao Natal pagão.

“No dia do solstício do inverno”, dizia um manual das SS, “o sol ergue-se novamente de sua sepultura invernal. Este evento anual era celebrado como o maior dos festivais pelos nossos antepassados. Avançavam eles na noite conduzindo tochas para libertar o sol da servidão da morte invernosa e consideravam-no um jovem herói que vinha despertá-los e libertá-los do sono quase mortal... Na Véspera do Natal, os principais ingredientes do cardápio festivo devem ser a carpa, o ganso assado e o javali — retirados

respectivamente dos domínios da água, do ar e da terra. Ao fim da refeição, o pai usa o candelabro de Natal para acender as luzes da árvore, deixando apagadas três velas. Os demais membros da família e do clã são chamados. O pai acende as três velas restantes, dizendo: Esta vela queimará em memória de nossos ancestrais que estão hoje conosco. Esta vela queimará pelos meus falecidos camaradas durante a guerra e as épocas de luta, e esta queimará para recordar-nos de todos os nossos irmãos alemães, em todo o globo, que celebram hoje conosco o Natal!"

As festividades envolviam o uso de objetos rituais como pratos, coroas de flores e rodas. Os pratos, feitos de zinco, madeira ou pó de pedra e, às vezes, entalhados com símbolos rúnicos em forma de árvore, eram realmente vasilhas para todas as finalidades e como tal podiam ser enchidas de presentes no Natal, ovos coloridos na Páscoa, maçãs nas ações de graça durante a colheita e pão e sal nos casamentos. Coroas de ramos de figueira com guirlandas eram pendurados verticalmente de coroas do Advento ou suspensas horizontalmente de mastros de madeira enfiados no cubo da roda de Natal (simbolizando os seus seis raios simétricos a interseção do horizonte com as diagonais formadas pelos pontos terminais da órbita solar nos solstícios de inverno e verão nas latitudes germânicas).

Continuava o manual: "Após a troca de presentes, a família escuta a irradiação de Natal a cargo do substituto do Führer. Em seguida — tendo em vista que o Natal constitui o maior festival do clã — está-se tornando costumeiro rever velhas fotografias da família, recontar velhas histórias familiares e trocar idéias sobre o sucesso da pesquisa, sempre mais profunda, das genealogias familiares".

Na maneira de encarar a morte, o "catecismo" das SS alternava falsas profundezas com regulamentos detalhados das pompes fúnebres:

“Da mesma forma que a ressurreição invernal é parte da vida, o mesmo acontece com a morte outonal. Nascer e morrer fazem parte da vida. Uma vez que toda vida para nós é sagrada, nascimento e morte são também inevitáveis — e daí estarem incluídos os ritos fúnebres ao ciclo anual de nossos festivais... O transporte ao cemitério exige uma carreta plana, puxada a cavalo, que permite uma visão desimpedida do caixão, envolvido na bandeira das SS e encimado pela adaga e pelo quepe pontiagudo do falecido. (A carreta deve ser adornada com galhos de figueira e em hipótese alguma os cavalos devem ser cobertos com mantas pretas.) Após os discursos à beira da sepultura, o comandante da unidade do falecido troca a adaga depositada na parte superior do caixão pela de seu parente mais próximo — simbolizando isto a aceitação por este último da obrigação do seu falecido camarada de esforçar-se e de lutar. Ao ser baixado o caixão à sepultura, os membros das SS presentes formam um círculo em torno da sepultura e — em posição de sentido — entoam o Treuelied. (hino de lealdade) das SS.”

Himmler talvez tenha se considerado encarnações do Rei Artur e de Henrique, o Passarinheiro. Na realidade, era o Duque de Alba nazista cruzado com Inácio de Loyola, e as suas SS eram tanto um Conselho de Sangue como uma ordem monástica defensora da verdadeira fé. A analogia com os jesuítas aplica-se mesmo na questão da educação — embora com a diferença de que enquanto Loyola queria concentrar-se nos primeiros sete anos da criança, as SS foram formalmente encarregadas de educar o grupo de mais de dez anos.

Desde que o sistema escolar germânico demonstrara fortes traços de autoritarismo mesmo sob a República de Weimar, os nazistas acharam que havia pouca necessidade de uma reforma drástica. Sua principal inovação consistiu no estabelecimento de duas redes escolares com internamento: a “Napolas” (National Politische Erziehungsanstalten, ou Instituições Nacionais Políticas Educacionais) para o treinamento de oficiais e funcionários do governo, e a Adolf Hitler Schulen, nas quais devia ser educada a próxima geração de líderes do Partido e das SS. (A Hitler Schulen era total e, a Napolas, parcialmente, controlada pelas SS.)

A seleção de alunos ocorria aos dez anos de acordo com critério parcialmente médicos e até certo ponto estéticos: eram excluídos todos aqueles classificados abaixo do nível AI de aptidão (tais como os que usavam óculos) ou de aparência insuficientemente nórdica. Os pedidos de admissão eram feitos — independentemente dos desejos dos pais — pela Juventude Hitlerista, que verificava também o “potencial de liderança” dos candidatos em campos de seleção especiais, que deviam frequentar durante uma quinzena.

Na Adolf Hitler Schulen os esportes gozavam de virtual paridade com os temas acadêmicos e ocupavam dois quintos dos horários. A educação religiosa — que ainda fazia parte do currículo das escolas comuns — foi substituida pelos “Estudos Políticos”, isto é, os vômitos dos editoriais e reportagens do Volkische Beobachter. A grande senha era “Kameradschaft”: os alunos usavam o informal “Du” ao se dirigirem aos professores, cujas escrivaninhas ficavam ao nível do chão, em vez de na plataforma elevada costumeira nas salas de aula alemãs.

Ainda mais nova era a ausência dos meios padronizados de avaliar o aproveitamento dos alunos, tais como os testes e os exames. Em consequência, nota alguma sobre matérias aparecia nos boletins anuais; a única informação dizia respeito ao grau do potencial da liderança do aluno. As classes eram chamadas de “pelotões” e, fora das salas de aula, a administração do estabelecimento cabia quase totalmente aos sargentos da Juventude Hitlerista.

Anualmente, uma cota fixa de ex-alunos da Adolf Hitler Schulen ingressava por promoção nas “escolas finais”, ou Ordensburgen, nas quais predominavam os esportes e um treinamento militar de severidade espartana (e que dava origem a uma correspondente taxa de baixas). Não obstante, as Ordensburgen — que não devem ser confundidas com as escolas de treinamento de oficiais das SS militares — estavam sob o controle da Organização Política do Partido, o que significava que a futura liderança das SS (não-militar) teria, de fato, uma educação de menos de 100 por cento SS.

Esta confusa superposição de feudos educacionais do Partido e SS encontrava paralelo na filiação. Confirmando sua asserção de que as SS eram sinônimos da elite nazista da Alemanha, Himmler concedeu títulos honorários de Ehrenführer a altos funcionários do Partido e do governo. Estes títulos significavam pouco, mas davam origem a uma situação bizarra, como a de implacáveis inimigos pessoais de Himmler, como Martin Bormann e o Ministro do Exterior Ribbentrop, que possuíam patentes honorárias nas SS.

Ilustres cientistas e professores universitários foram contemplados com as mesmas honrarias, embora a Bildungebürgertum (a burguesia educada) como tal, dificilmente precisasse desse tipo de engodo: nada menos de 12.000 representantes das “profissões liberais” (a metade constituída de advogados e médicos) alistaram-se voluntariamente na Ordem Negra. Além disso, tantos membros da nobreza vestiam o uniforme da caveira — estilizado, incidentalmente, segundo a libré dos pajens da corte bávara — que, em certos trechos, a lista dos altos escalões da SS parecia a contrapartida alemã do Burke’s Peerage.

Embora um entre 134 alemães usasse o aristocrático prefixo von, a proporção de sangue nobre entre os SS Obergruppenführer (generais de quatro estrelas) era de um em cinco, entre os SS Gruppenführer (tenentes-generais) de um em dez e entre os SS Brigadeführer (majores-generais) de um em sete.

Alguns desses recrutas titulados conferiam mais do que encanto aristocrático à nova ordem de cavalaria — os “caçadores das SA” — von dem Bach-Zelewski e von Woyrsch eram detentores de patentes no exército e haviam prestado serviço no Freikorps.

Uma das seções mais importantes da liderança das SS consistia de criminosos bem-nascidos, aos quais uma combinação de circunstâncias no pós-guerra e inadequação pessoal haviam negado as posições que lhe cabiam na vida. O mais graduado das SS e líder policial na Polônia durante a guerra, Friedrich Wilhelm Krüger, filho de um coronel, era um homem de negócios fracassado; o oficial de ligação de Himmler com Hitler, Karl Wolff, filho de um juiz, dirigira sem sucesso uma agência de publicidade; o segundo mais alto graduado das SS e líder policial na França ocupada, Carl Albrecht Oberg, era filho de um homem formado, cujo negócio de importação de bananas fora à falência.

Juntamente com aristocratas déclassé e burgueses que haviam descarrilado na vida, o comando das SS abrigava indivíduos selecionados, bem conhecidos, que haviam ascendido das camadas mais baixas da sociedade. Um deles era o comandante do Leibstandarte e, em seguida, general das Waffen SS, Sepp Dietrich, um homem atarracado, de feições grosseiras, a exsudar brutalidade camponesa. Filho ilegítimo de um trabalhador agrícola bávaro, Dietrich estava destinado a ser açougueiro — uma escolha de carreira à qual esse sargentão da última Grande Guerra permanecería fiel pelo resto da vida.

O grupo social mais ajustado ao espírito da época eram os intelectuais nada sentimentais da SD, que gozavam de oportunidades de carreira sem precedentes como engenheiros sociais e programadores de genocídio de Himmler.

Entre estes Otto Ohlendorf poderia ser descrito como o primeiro entre seus pares. A carreira deste jovem e brilhante economista, com uma ambição de pós-graduação — não realizada — de fundar um instituto para o estudo do nazismo, incluiu a criação do Serviço de Espionagem Interna, o SD, o comando de um Einsatzgruppe (unidade de comando de assassinos) na zona meridional da Rússia, e o controle de um departamento no Ministério do Comércio Exterior.

Um colega de Ohlendorf, Dr. Franz Six, subiu da direção das atividades Kultur do SD (à idade de vinte e sete anos) para uma cátedra de política na Universidade de Berlim e a uma alta posição burocrática no Ministério do Exterior. En route, exerceu dois cargos “fantasma”: chefe designado do SD na Grã-Bretanha ocupada e chefe de uma força-tarefa especial do SD destinada a estabelecer o esquema de segurança em Moscou quando da ocupação. (As principais diretrizes de seu posto na Grã-Bretanha estavam contidas numa lista de execuções de dois mil nomes, encabeçada por CHURCHILL, Winston Spencer).

Havia ainda Walter Schellenberg, estudante de direito e medicina na Universidade de Bonn que, em sete anos, subiu de aprendiz de espião ao posto de major-general e, à idade de trinta e dois, tomou-se chefe do Serviço de Espionagem, ou SD.

O SD — originariamente o serviço de Polícia interna e espionagem do Partido — havia por volta de 1936 ampliado de tal modo sua área de ação que a Wehrmacht foi obrigada a negociar um “tratado” com o mesmo demarcando suas respectivas jurisdições na espionagem estrangeira. Este tratado (conhecido como “Os Dez Mandamentos”) destinava o trabalho de espionagem política ao SD e a sua contraparte militar ao Abwehr do exército, dirigido pelo Almirante Canaris.

Um dos mais sensacionais embora fortuitos sucessos de espionagem do SD neste período disse respeito à queda do Marechal Tuchatschewsky, o Vice-Comissário de Defesa russo. Em fins de 1935, Heydrich foi informado — via fontes estrangeiras do SD — de planos de um coup d'état do Exército Vermelho, implicando o Marechal Tuchatschewsky. Resolveu enviar os documentos forjados a Stalin, documentos estes que implicavam o Marechal em contatos desleais com a Alemanha. A intenção de Heydrich de precipitar um choque entre Stalin e os líderes militares russos foi facilitada pela colaboração prévia de Tuchatschewsky — nos termos dos acordos russo-germânicos da década de 1920 — com oficiais de alta patente do Reichswehr.

Ao informar a Tass, em junho de 1937, a execução de Tuchatschewsky e de sete generais russos — prelúdio de um expurgo que envolveu metade do corpo de oficiais do Exército Vermelho — Heydrich reclamou o crédito por este auspicioso dénouement. Embora a alegação fosse largamente aceita entre os que conheciam o caso, o chefe do Abwehr, Canaris, discordou: uma análise exaustiva dos fatores temporais envolvidos convenceu-o de que a liquidação de Tuchatschewsky fora ato longamente premeditado por Stalin e no qual a evidência falsa de Heydrich não tivera mais do que importância secundária.

Isto levou finalmente Canaris à conclusão de que a mendacidade e o amadorismo do Apparat SD estava, cada vez mais, pondo em risco a segurança militar alemã — conclusão esta que trouxe, como consequência, atritos endêmicos entre a Wehrmacht e as SS. Mas, antes que o SD se envolvesse em choques abertos com os militares, ocorreu um estranho episódio que exemplifica bem a relação entre as SS e uma instituição muito mais poderosa do que o Exército — isto é, o Partido.

O especialista econômico Ohlendorf construíra uma rede de espionagem comercial no SD que fornecia dados sobre as tendências dos negócios e do trabalho aos departamentos governamentais interessados. Após algum tempo, passou da coleta de informações econômicas para as políticas, dando especial importância ao estado da opinião pública no Reich. Nisto o idealista SS — e mais tarde, assassino de massas — Ohlendorf era motivado pela idéia reformista de que a denúncia de abusos poderia dar origem a melhoramentos.

Em princípios de 1938, o SD desfechou dois consecutivos — e cumulativos — golpes no Exército. Nisto, contudo, agiu menos como iniciador do executor de política, desde que, essencialmente, apenas “produziu” a prova que Hitler desejava para derrubar o Ministro da Guerra, Blomberg, e o Comandante-Chefe do Exército, Fritsch.

Os dois figuravam entre a meia dúzia de figuras importantes às quais Hitler havia comunicado, em novembro de 1937, seus planos de anexação forçada da Áustria e Tcheco-Eslováquia e o choque premeditado com o Ocidente. A reação fria de Blomberg e Fritsch ao plano levou Hitler a procurar um pretexto com o qual pudesse demiti-los sem alienar o resto da casta militar.

Heydrich atendeu-o quase imediatamente, desde que sua inigualável arma nas violentas lutas internas que passavam por normalidade no alto nível da sociedade alemã consistia de dossiers incriminadores — compilados com a ajuda de milhares de agentes — sobre todas as personalidades de alguma importância no Reich.

Blomberg, viúvo, na casa dos sessenta, casara com uma datilografa de metade de sua idade. Semanas depois dessa mésaliance, o SD preparou documentos acusando a segunda Frau Blomberg como modelo de nus pornográficos e sua mãe como diretora de uma agência de prostituição a domicílio. As revelações do SD levaram o Marechal-de-Campo a perder prestígio entre as altas patentes, a quem os dossiers foram levados, e forçaram-no a uma aposentadoria prematura.

O caso Fritsch, mais complexo, demorou mais. Girava em torno de um chantagista que se encontrava detido e que alegava haver extorquido dinheiro do general, ameaçando-o de divulgar que ele era homossexual. Fritsch negou sob juramento a alegação e recebeu licença por tempo indefinido enquanto um tribunal militar lhe investigava a vida.

As deliberações do tribunal foram interrompidas pela invasão da Áustria — que fora um dos principais pomos de discórdia entre Hitler, Blomberg e Fritsch. Após o Anschluss (quando o assunto carecia já de importância) o tribunal decidiu que o chantagista havia confundido o general com um capitão de cavalaria homossexual, chamado von Fritsch, e que fora obrigado a persistir na acusação sob a ameaça de tortura da Gestapo. Embora exculpado, Fritsch não foi novamente nomeado — uma desconsideração pela qual finalmente pagou com a morte na campanha da Polônia em setembro de 1939.

O expurgo da liderança do exército em fevereiro de 1938 assinalara o início de uma fase abertamente beligerante da política nazista. Os doze meses subsequentes presenciaram — numa sucessão alucinante — o Anschluss austríaco (março de 1938), a incorporação da Sudetolândia (outubro de 1938), o horrendo massacre organizado Kristallnacht (novembro de 1938) e a anexação do restante da Tcheco-Eslováquia (março de 1939), eventos estes que, além de dar às SS um maior quinhão na política externa, mudaram drasticamente a escala e a natureza do sistema de campos de concentração.

Uma das maiores preocupações de Himmler (na qualidade de “Comissário da Consolidação do Domínio Popular Germânico”) era a defesa do Deutschtum dos alemães fora do Reich. As SS possuíam interesses na Áustria desde o abortado “putsch” de julho de 1934, no qual fora assassinado o Chanceler Dollfuss. Quando o sucessor de Dollfuss o Dr. Schuschnigg, aceitou o ultimato de Hitler em 11 de março de 1938 e permitiu a entrada da Wehrmacht no país, as SS alemãs e austríacas combinaram suas atividades com apavorante eficiência.

Medidas de segurança à prova de acidentes entraram em vigor durante a triunfal “volta ao lar” de Hitler. Dentro de semanas, 79.000 pessoas foram presas em Viena, de onde trens apinhados de carga humana partiam regularmente para Dachau e outros campos de concentração. Uma perseguição selvagem aos judeus levou mais da metade da comunidade de duzentos mil israelitas a fugir do país antes de irromper a guerra. Na verdade, não constitui grande exagero dizer que a nazificação da Áustria — ardentemente apoiada pela população local — levou tantos meses quantos anos levou na Alemanha.

Os principais executores da política da SS foram Ernst Kaltenbrunner, Odilo Globocnik e Adolf Eichmann — três homens cujos pares seriam difíceis de encontrar nos anais da desumanidade.

Kaltenbrunner, um grande e desajeitado advogado de rosto sulcado de cicatrizes, com mãos que lembravam a Schellenberg as de um gorila, sucedeu eventualmente a Heydrich e foi um dos principais acusados em Nuremberg: o ex-presidiário Globocnik, notório por ter dinamitado uma joalheria judaica, espojava-se no meio de sangue e da corrupção como seu habitat natural: o treinando de Dachau, Eichmann, reduziría os números da humanidade em diversos milhões durante a guerra — e neste ínterim, aterrorizava os vienenses e (após março de 1939) os judeus tchecos, levando-os a procurar a salvação na fuga, se pudessem.

O material e os recursos de mão-de-obra confiscados durante o biênio 1938-1939 provocaram uma mudança na escala e natureza dos campos de concentração. Com a chegada de austríacos, judeus e tchecos, aumentando imensamente a população dos campos, a rede de KZ proliferou e chegou a quase cem centros de variados tamanhos por volta de meados de 1939. Além do campo-protótipo de Dachau — que com suas instalações auxiliares alojou durante a guerra um máximo de 25.000 a 60.000 prisioneiros — havia ainda Sachsenhausen-Oranienburg, com quinze campos de trabalhos ancilares (20.000-35.000 prisioneiros), Buchenwald, com oitenta (20.000-50.000), Flossenburg, com quinze (30.000-40.000), o Frauenlager (“campo feminino”) em Ravensbruck, com vinte (30.000-40.000) e o de Mauthausen, com quinze (40.000-70.000).

Antes da anexação da Áustria, a mão-de-obra dos campos fora empregada principalmente na construção e ampliação dos próprios campos e dos edifícios adjacentes das SS. Após o Anschluss Himmler decidiu usar esses recursos sem precedentes de trabalhadores como nova fonte de enriquecimento e poder econômico. Ao confisco da riqueza dos prisioneiros judeus (que as SS confiscavam abertamente ou adquiriam através de chantagem e solicitação de suborno) acrescentou a dimensão mais alta de lucratividade do recrutamento forçado da mão-de-obra dos campos em trabalhos de mineração, construção de estradas e outros tipos de obras civis, horticultura, artesanato e (mais tarde) fabricação de armamentos.

Mesmo que os guardas inventassem maneiras de tomar letais os trabalhos mais inócuos — emaciados “horticultores” que empurravam pesados carrinhos-de-mão eram surrados quando tropeçavam e às vezes caíam em poços de esterco líquido — as oportunidades de sobrevivência dos prisioneiros variavam naturalmente de acordo com a natureza do trabalho. A designação para trabalho de mineração e construção equivalia a uma sentença de morte temporariamente suspensa, enquanto os trabalhos de artesanato — especialmente os que atendiam às necessidades do pessoal das SS nos campos — podiam resultar mesmo na concessão de privilégios a prisioneiros isolados.

Esta classificação informal de tarefas de acordo com os riscos de morte envolvidos tinha contrapartida oficial em um plano diferente. A administração dos KZ de Eicke classificava todos os Lager sob seu controle de acordo com uma escala tripla de crescente severidade — classificando I os campos “suaves”, II os “médios” e III os “duros”. Na escola de Eicke, Dachau representa a extremidade suave do espectro (!), enquanto a categoria III era exemplificada por Maulthausen, o campo da morte na Alta Áustria, construído após o Anschluss para alojar judeus vienenses. (A despeito desta designação, Maulthausen diferia dos campos de extermínio racionalizados, instalados posteriormente na Polônia ocupada, porquanto a inflação da morte não alcançara ainda o nível de processamento industrial.)

Maulthausen fora uma pedreira situada às bordas da pitoresca região lacustre de Salzkammergut, nas proximidades de Salzburgo; a sua conversão num KZ exigiu o nivelamento de uma arborizada vertente de colina e a construção de imensos muros de granito. Dentro do círculo de megalitos a morte era infligida segundo meios pré-industriais: os guardas empurravam correntes humanas de prisioneiros sobre as altas bordas da pedreira — um costume que abalou tanto os trabalhadores civis que haviam sido conservados que eles se queixaram à administração do campo do feio espetáculo de restos humanos salpicando a superfície da rocha.

Tendo dado, praticamente, um golpe na Tcheco-Eslováquia com a Anschluss, Hitler passou a primavera e o verão de 1938 exacerbando o conflito entre os tchecos e uma minoria (em grande parte nazificada) dos sudetos-alemães. Nessas manobras, coube papel de vulto às SS: os cordões que acionavam o títere sudeto Gauleiter Henlein eram puxados pelo Volksdeutsche Mittelstelle (Departamento de Ligação Volksdeutsche, VOMI, abreviadamente), o organismo especial das SS, a cargo dos alemães residentes fora do Reich.

O ponto de explosão fora quase alcançado em setembro de 1938 quando o Ocidente apaziguou Hitler em Munique, concordando com o desmembramento parcial da Tcheco-Eslováquia. Na vigência dos termos do Tratado de Munique, o corpo do Estado tcheco tornou-se ainda mais debilitado com a concessão de autonomia a um governo provinciano eslovaco, com sede na Bratislávia.

Em princípios de março de 1939, o SD reiniciou suas atividades na política externa: uma unidade de “quebra-galhos”, sob a direção de Alfred Naujocks, organizou uma série de explosões a bomba na capital eslovaca, provocando um rompimento entre Praga e a Bratislávia e dando a Hitler pretexto para invadir e obliterar o resto da Tcheco-Eslováquia.

Cinco meses depois, um Führer satisfeito lançou seus quebra-galhos do SD num papel de primeiro plano: as chamas que eles acenderam configurariam a abertura burlesca de uma conflagração mundial. No dia 31 de agosto de 1939, o pessoal do Naujocks, vestindo uniformes do exército polonês, atacou o transmissor de rádio alemão situado em Gleiwitz (Silésia), disparou alguns tiros para o ar, irradiou uma proclamação polonesa e desapareceu — deixando atrás um “polonês” morto (na verdade, o cadáver de um prisioneiro de campo de concentração alemão, vestido com o uniforme de combate polonês, com a finalidade de emprestar um toque de verossimilhança à ação). Na manhã seguinte, Hitler, em discurso pronunciado no Reichstag, anunciou a invasão da Polônia como medida retaliatória “provocada” pela incursão a Gleiwitz e uma série de outros falsos ataques executados pelo SD.

As operações do tipo realizado por Naujocks haviam-se tornado por essa época costume habitual do SD e dificilmente justificariam menção aqui não fosse a decisão de Hitler de transformá-las no Saravejo da II Guerra Mundial.

Muito menos rotineiro, o incidente de Venlo, na Holanda neutra, ocorreu algumas semanas depois da conclusão da campanha polonesa. Um emigré alemão ostensivamente antinazista — que, na verdade, trabalhava para o SD — havia por meio de logro convencido o Capitão Payne-Best e o Major Stevens, do Serviço de Espionagem Militar Britânico, a encontrarem-se com Schellenberg na cidade fronteiriça holandesa-alemã de Venlo, de onde Schellenberg (com a ajuda de fogo de cobertura da unidade de Naujocks) audaciosamente sequestrou-os em plena luz do dia. Este golpe trouxe recompensa a todos os interessados: Schellenberg foi promovido a Major-General das SS (e assumiu a chefia do Serviço de Espionagem, o SD, dezoito meses mais tarde), ao mesmo tempo que o SD estendia sua influência na política externa graças à elevação dos chefes de suas várias redes estrangeiras aos cargos — resguardados por imunidades diplomáticas — de Adidos de Polícia às Embaixadas Alemãs.

Mesmo assim, Himmler tinha bons motivos para encarar o incidente de Venlo com sentimentos contraditórios. Hitler, que mais tarde — na primavera de 1940 — apresentou a presença de Stevens e Payne-Best na Holanda como prova de um conluio holandês-aliado para justificar a invasão da neutra Holanda, deu-lhe uma interpretação diferente por ocasião do sequestro. O "incidente" ocorreu por acaso no mesmo dia — 8 de novembro de 1939 — de um fracassado atentado a bomba contra sua vida (na cervejaria de Munique, onde a velha guarda do Partido reunia-se anualmente para comemorar o "putsch" de 1923), coincidência esta que o convenceu de tuna conexão entre os britânicos e a bomba.

O homem exclusivamente responsável pela explosão de Munique — como apurou logo em seguida a polícia — fora realmente um lobo solitário alemão antinazista chamado Elser, capturado horas depois ao tentar cruzar ilegalmente a fronteira suíça. Hitler, contudo, estava de tal modo convencido de que o pretenso assassino era simplesmente o homem-de-palha de uma conspirata de amplas ramificações, envolvendo a Grã-Bretanha, os Judeus, os Maçons e a Resistência Alemã, que ordenou à Gestapo que extraísse a verdade de Elser (e igualmente de Stevens e Payne-Best), utilizando todos os numerosos meios ao seu alcance.

Não tendo o veterano investigador Kripa Chief Nebe conseguido demover Elser da declaração de que era o único autor do atentado, coube ao furioso e embaraçado Himmler extrair a confissão desejada por Hitler. Berrando insultos, lançou-se sobre o prisioneiro amarrado e escoiceou-o repetidamente no peito, estômago e virilha, e mandou surrá-lo até que ele perdesse os sentidos diversas vezes e fosse revivido à custa de baldes de água fria — embora, mais uma vez, sem resultado.

A inutilidade de tal investigação reduziu consideravelmente, ainda que por pouco tempo, o status de Himmler aos olhos de Hitler — fato este que não deixou de ser notado por Ribbentrop e outros inimigos de alto bordo do Reichsführer — mas que, paradoxalmente, salvou também a vida de Elser já que Himmler não queria cortar seu único elo com os supostos instigadores da conspiração. Em consequência , transferido para Dachau, Elser recebeu deveres que o salvaram dos maus tratos e excesso de trabalhos gerais em todo o campo.

Mesmo assim, Elser talvez não tenha notado que em Dachau os ninhos de aves eram objetos de especial atenção dos guardas das SS, da mesma forma que é duvidoso que qualquer prisioneiro soubesse que as SS haviam transformado o carvalho favorito de Goethe em Weimar no ponto central do planejamento do campo de concentração de Buchenwald. Um dos aspectos característicos de Maulthausen era o telhado de beirais curvos na parte superior dos muros de granito — num deliberado pasticho das casas de guarda que encimavam a Grande Muralha da China.

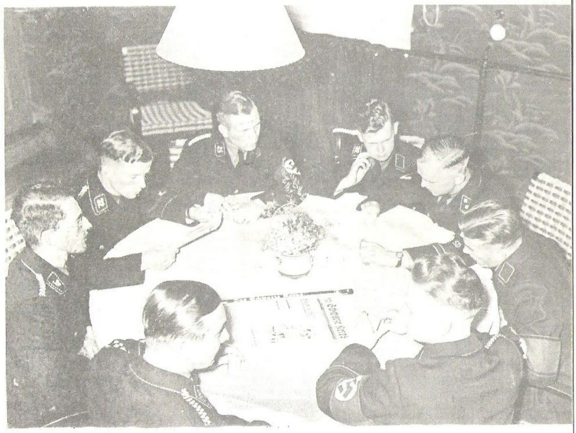
Esses toques extravagantes refletiam o esteticismo sentimental que, ocasionalmente, subia à superfície da mente nazista. Entre suas manifestações mais conhecidas, destacava-se o canto obrigatório de canções de KZ (amiúde especialmente encomendadas) pelos prisioneiros e a criação de orquestras cuja música, irradiada por alto-falantes, proporcionava um monstruoso contraponto aos sons diários de trabalho, violência e dor.

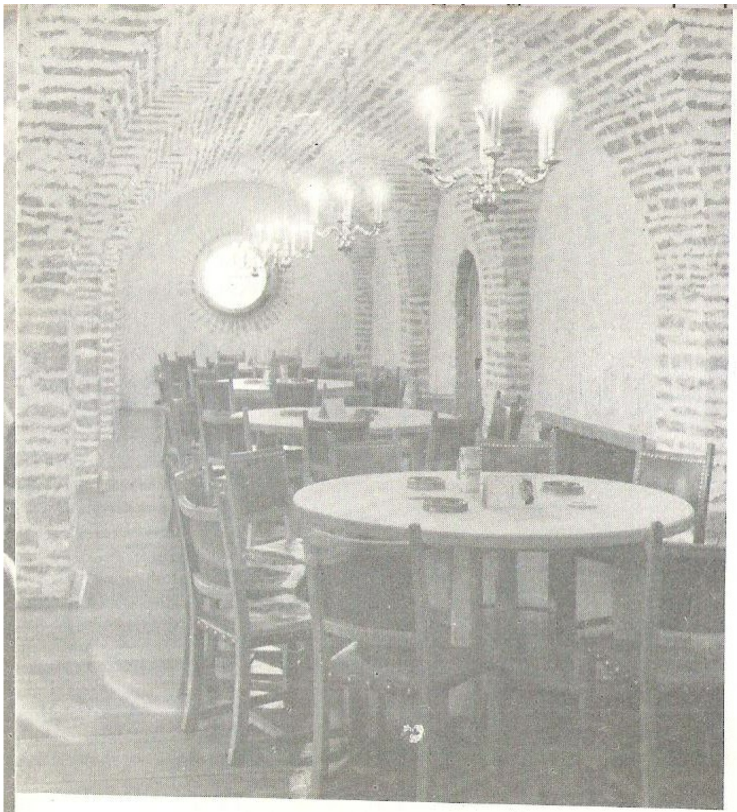
Hitler espojava as emoções nas cadências grandiloqüentes de Wagner, Heydrich brilhava em concertos privados de música de câmara, enquanto Hans Frank, Governador da Polônia, fazia os espaços barrocos do Palácio Wawel, em Cracóvia, vibrar com a música noturna de piano. Himmler, todavia, era uma criatura totalmente destituída de qualquer pendor artístico. Os seus gostos estéticos satisfaziam-se plenamente na casa do comandante de campo de concentração de Stutthof (próximo à fronteira polonesa de antes da guerra), onde se detinha ocasionalmente depois de caçadas nos latifúndios da Prússia Oriental. Era uma casa de arenito — branca, limpa, retangular, com grades de ferro trabalhado. À noite enquanto a corrente elétrica letal estalava no arame farpado em volta do campo, o sonolento ouvido do Reichsführer captava o farfalhar da floresta de pinheiros próxima e o distante murmúrio do mar.

O quinquagésimo aniversário de Hitler.

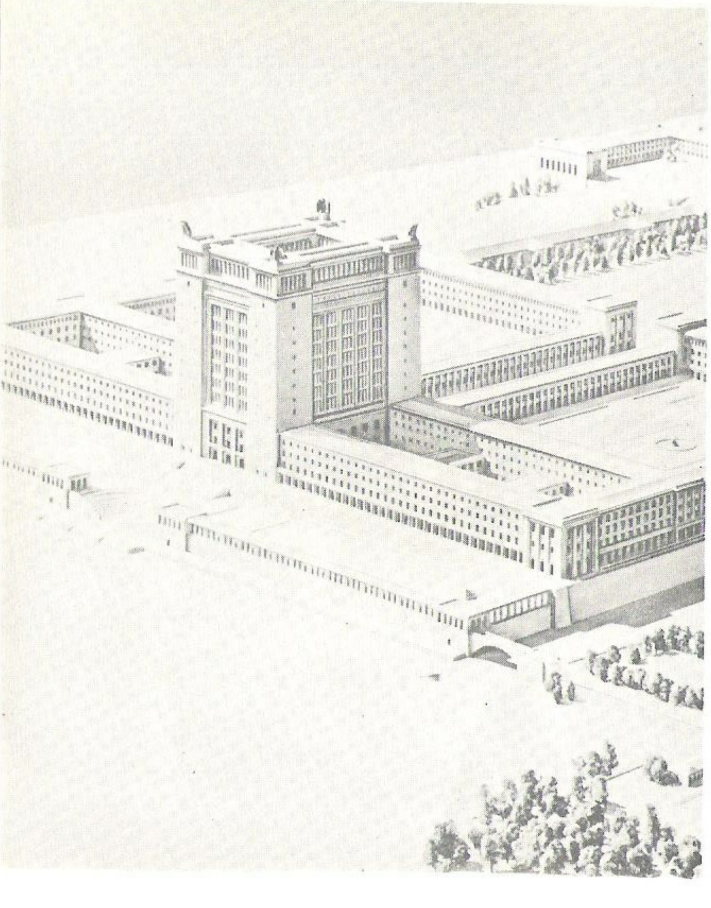
Membros das SS fazem par com donzelas nazistas numa exibição de danças.

Leitura obrigatória nas horas de folga: *Das Schwarze Korps.*

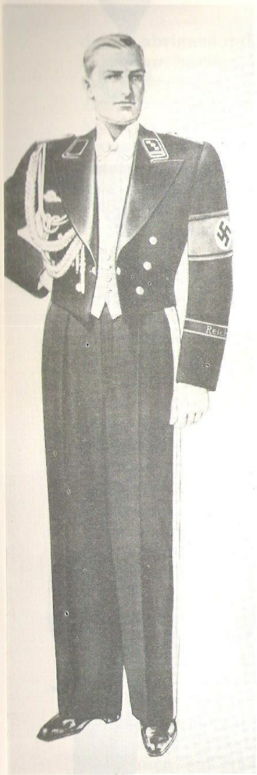




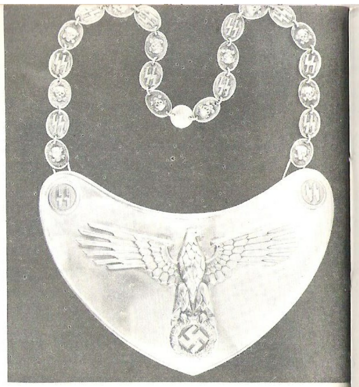
Arquitetura nazista: o refeitório em Ordensburg Sonthofen, escola de graduação de líderes nazistas.



Arquitetura nazista: projeto de uma escola secundária.

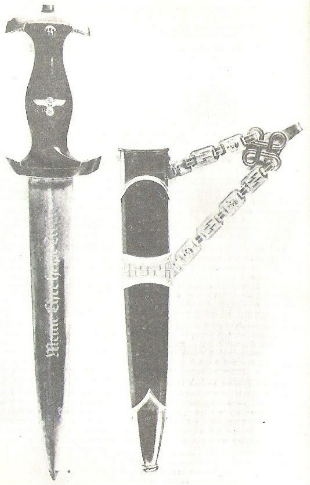


Uniforme de gala, para a noite, dos oficiais das SS, 1938.



Gorjal de porta-bandeira das SS (1938).

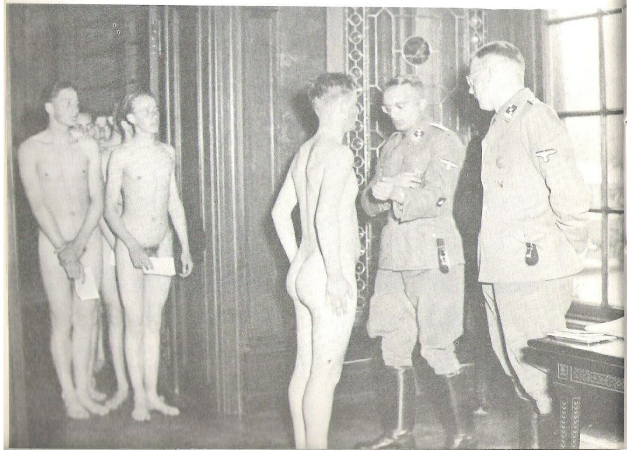
Adaga de oficial das SS (1936).



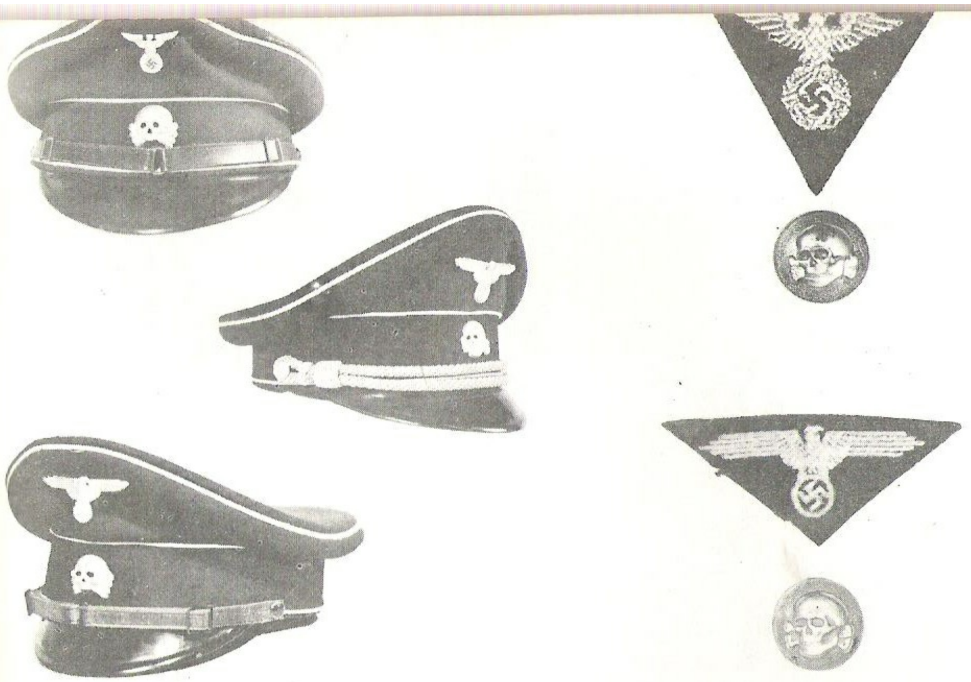
Ordem unida nas SS: "Alinhar pela direita".

Mudança da guarda na parte externa da velha chancelaria do Reich (1935).

Exame médico de recruta para as SS *Verfügungstruppe* (1938).

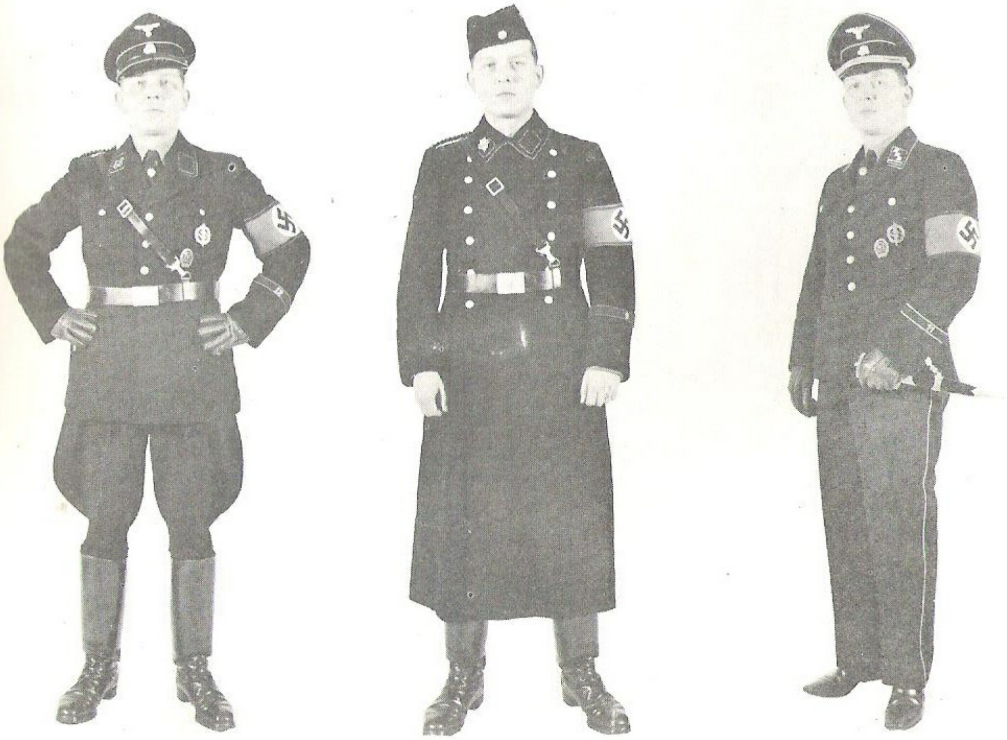


Uma reunião em 1935. Os cavaleiros das SS deram uma clara contribuição à "vida elegante" do Terceiro Reich.



Quepes das SS (no alto, outras patentes, 1934; no centro, modelo-padrão dos oficiais; no fundo, outras patentes, 1935); e distintivos de bonés de campanha (em cima, 1934; embaixo, 1935).

Uniformes das SS (à esquerda, uniforme de serviço; centro, uniforme de serviço, inverno; à direita, uniforme de passeio de oficiais).



3. MESTRES-ESCOLAS E ESPIÕES

UMA FOTOGRAFIA DA CLASSE DE HIMMLER NO GINÁSIO LANDSHUT mostra um grupo de rapazes de classes adiantadas, usando bonés de muitas cores e faixas, apertando fortemente os cabos de suas bengalas como se fossem cabos de sabres. A aura que esses embaraçados e arrogantes jovens de dezoito anos exsudavam combinava ameaça com Romantik — pois o exaltado romanticismo estava muito em voga entre os jovens educados.

O antigo pendor de Himmler pelo Romantik — durante o julgamento do General Fritsch por um tribunal de honra militar ele reuniu doze dignitários das SS numa sala contígua e mandou-os concentrar a mente para influenciar o general e levá-lo a contar a verdade — explica por que as Schutztaffeln exibiam contradições ainda mais flagrantes do que as demais formações do Partido.

A Ordem Negra, por exemplo, à testa de um império de trabalho escravo responsável por lucros colossais, proibia a seus membros que comprassem artigos a credito, sistema este considerado por Himmler como um vício capitalista. Os quartéis das SS militarizadas possuíam guarda-roupas e armários sem fechaduras — a fim de instilar camaradagem nos recrutas, mas estes eram simultaneamente intimados a denunciar os desvios políticos (ou sexuais) recíprocos. Advertiam-se os guardas dos campos de concentração contra o uso desnecessário de armas de fogo sobre o fundamento de que cada bala custava ao Reich três pfennigs — inferindo-se daí que a vida dos prisioneiros valia ainda menos, embora fossem obrigados a assinar declarações cada três meses dizendo-se sabedores de que não deviam maltratá-los.

Se, durante o treinamento básico, os recrutas deixavam cair os cartuchos que estavam colocando nos carregadores, eram obrigados a apanhá-los com os dentes; pelos menores deslizes, forçavam-nos a fazer cinquenta flexões de joelhos com os fuzis estendidos à altura dos braços — embora, tendo sido reduzidos a feixes de membros espasmódicos sem vontade própria, fossem subsequentemente elevados à condição de senhores da morte e da criação.

E da mesma forma que as divindades olímpicas, os homens das SS exsudavam vigor físico e mocidade. Heydrich representou o Reich em campeonatos internacionais de esgrima e cavaleiros das SS ganharam todas as provas equestres na Alemanha. D’Alquem, editor do Schwarze Korps, não chegara ainda aos trinta anos quando a circulação do seu semanário (edição inicial: setenta mil exemplares) alcançou a marca dos três quartos de milhão.

Heinz Reinefarth chegou em quatro anos a General da Polícia; Kurt Meyer, apelidado “Panzer-Meyer”, tornou-se — à idade de trinta e três anos — o mais jovem comandante de divisão na história militar germânica. O próprio Himmler contava apenas trinta e quatro anos ao assumir o comando das forças policiais combinadas e da Gestapo.

Com seus olhos inquisidores, queixo fraco e ombros arriados, Himmler projetava uma imagem bem medíocre; Heydrich, porém — o atleta, o piloto, o líder das marchas batidas das SS militares —, inegavelmente compensava as deficiências do superior. Coisa alguma ilustra melhor as qualidades complementares dos dois do que a contribuição dada por cada um deles à esgrima nazista: enquanto Heydrich acumulava troféus, Himmler elaborava o règlement de duelo das SS, dispondo, entre outras coisas, em que circunstâncias especiais os preliminares de um affaire d'honneur podiam ser conduzidos por carta registrada.

Esta atenção não atípica ao detalhe exerceu uma positiva influência sobre a situação das SS numa nação inclinada a emprestar significação moral à meticulosidade. Conquanto alguns alemães considerassem o Apparat de Himmler com indisfarçado horror, outros viam-no como um repositório de ordem e um elemento dissuasivo contra a corrupção. À época da guerra, época em que a corrupção desenvolveu-se como um cogumelo e Himmler reuniu ainda mais poderes, numerosos alemães racionalizaram suas apreensões, julgando o fato como uma indicação do higiênico expurgo que viria no pós-guerra.

A Ordem Negra conhecia bem os sentimentos ambivalentes que despertava. Já em 1934, Himmler declarara com inusitada franqueza: “Sabemos que alguns alemães ficam doentes à vista do uniforme preto, mas não esperamos ser amados.” As SS certamente jamais fizeram coisa alguma para despertar amor — mas, conquanto desdenhassem cortejar a popularidade, frequentemente provocavam temeroso respeito entre o público.

Por isso mesmo, durante o Kristallnacht (a orgia de âmbito nacional de incêndios e vandalismo antijudeu em novembro de 1938) as semi-horrorizadas e semifascinadas multidões presentes não puderam deixar de maravilhar-se com a eficiência com que os dirigentes do massacre, homens das SS, impediam que a destruição das propriedades judaicas afetasse propriedades alemãs adjacentes.

(Mas não apenas os alemães vieram a maravilhar-se com o espírito de previsão das SS. Em abril de 1943, os poloneses que residiam num raio de mil e seiscentos metros do gueto de Varsóvia receberam instruções para deixar abertas as janelas a fim de evitar a quebra das vidraças enquanto as tropas de choque do Brigadeführer dinamitavam as últimas ruínas das moradias dos judeus.)

Além da meticulosidade e espírito de previsão, a Ordem Negra dava considerável importância à boa apresentação -— tanto no sentido marcial quanto no de elegância no trajar. Nenhuma cerimônia oficial no Terceiro Reich estava completa sem uma guarda de honra das SS em capacetes de aço, lustrosas botas e uniformes de gala pretos com insígnias e debruns brancos. Subalternos das SS, de luvas brancas e quepes pontiagudos, faziam parte também do décor em todas as atividades sociais nazistas, grandes ou pequenas. Eram vistos escoltando estrelinhas do cinema no brilhante Filmball anual em Berlim (que Hitler honrava, deliciado, com sua presença) ou servindo café e doces nas ocasiões em que a proletária Frau Gauleiter Koch recebia as senhoras da aristocracia possuidora de terras da Prússia Oriental.

Fiel a uma profunda ambivalência, a mesma Ordem Negra que emprestava um toque de elegância à vida social nazista pretendia também instalar seus membros como fazendeiros-soldados (Wehr-bauern) na Europa Oriental e fomentava um culto camponês de simplicidade na casa e no mobiliário que contrastava flagrantemente com o décor do Filmball.

O mobiliário e peças de uma casa ideal de membro das SS compreendia pesadas vigas no teto com apliques de metal, mobília rústica natural, cortinas de lã frísia tecidas a mão, candelabros de ferro trabalhado, jarros de pó de pedra, utensílios de mesa de peltre e, como centro de atração, um berço de madeira rusticamente entalhado — de preferência entalhado a mão pelo próprio pater familias.

Igualmente rude era a maneira nazista de encarar o crescimento demográfico — oficialmente chamado de Geburtenschlacht (batalha de nascimentos). Como principal estrategista da batalha, Himmler deplorava a baixa fertilidade de numerosos casamentos e o tabu geral, tanto social quanto religioso, contra a maternidade ilegítima. A guerra finalmente proporcionou-lhe meios de ladear esses obstáculos graças ao Eindeutschung, ou germanização dos eslavos de aparência nórdica, isto é, por rapto biológico. Mas, mesmo antes, suas próprias SS haviam fornecido "assistentes de procriação" voluntários a mulheres solteiras que queriam ardentemente ter filhos.

Todas as peças de quebra-cabeças eugênico de Himmler — casais estéreis, eslavos germanizados, "assistentes de procriação" e mães solteiras — foram postas no correto lugar pela "Lebensborn" (Fonte da Vida), uma maternidade-centro de adoção fundada em 1936. De acordo com o relatório do Lebensborn relativo a 1938, "832 valiosas mulheres alemãs decidiram, a despeito de serem solteiras e do sacrifício que isto acarretaria, evitar o aborto e presentear a nação com um filho". Avaliando a contribuição de cada vida alemã à economia em cem mil Reichsmark, a Lebensborn proclamava ter enriquecido o país em oitenta e três milhões de Reichsmark.

No fim, milhares de crianças da Lebensborn foram colocadas nas casas de casais nazistas sem filhos; mais importante ainda, durante a guerra, o objetivo original — dar à luz e criar crianças alemãs ilegítimas — foi substituído pela espoliação genética da Europa Oriental.

Quando de sua primeira viagem de inspeção à Polônia ocupada, Himmler ficara profundamente impressionado com a aparência nórdica de numerosas crianças eslavas. Isto pode ter dado início a uma cadeia de raciocínio que culminou com o objetivo, durante a guerra, de "ampliar a existente base sanguínea da Alemanha, de 90 para 120 milhões". Crianças sequestradas — arrancadas de orfanatos ou de supostas famílias da Resistência — foram levadas para os lares da Lebensborn em toda a Europa ocupada e, após um período de adaptação, durante o qual os confusos pequenos aprendiam rudimentos do alemão e eram privados de contato com seus compatriotas, seguiam para o Reich, já com os nomes dos designados pais de criação.

A germanização, contudo, não se confinou absolutamente às crianças nem foram vítimas da força bruta todos os eslavos germanizados. Na Polônia, onde poloneses e alemães, durante longo tempo, haviam-se casado entre si, os nacionais de ancestralidade parcialmente alemã podiam candidatar-se à cidadania do Reich, o que — dada a situação dos poloneses sob a ocupação nazista — muitos deles estavam ansiosos para fazer.

Os voluntários, porém, não poderiam jamais atender à necessidade de reforço genético de Himmler, e duas agências especiais das SS — o Escritório Volksdeutsche de Ligação e o Departamento de Raça e Colonização — passaram um pente fino na Europa, selecionando espécimes humanos considerados apropriados para a germanização. Além dos sequestros, as missões do RUSHA, ou Departamento de Raça e Colonização, estendiam-se da conscrição de trabalho escravo à inflição de penas (frequentemente de morte) a europeus orientais culpados de intimidades com mulheres alemãs e à remoção dos eslavos das regiões destinadas à colonização alemã.

Uma destas regiões era a de Warthegau, na Polônia Ocidental. A “plantação” Warthegau exigia a remoção de um milhão e meio de poloneses e judeus de uma grande área a fim de abrir espaço para meio milhão de Volksdeutsche da Polônia Oriental, Romênia e Estados Bálticos. Himmler, o recém-nomeado “Comissário do Reich para a Consolidação do Domínio Germânico”, ordenou a remoção durante o ártico inverno de 1939-40 e provocou, destarte, mais baixas do que a diretriz simultânea de Hitler de decapitar a nação polonesa pela liquidação de todos seus intelectuais e sacerdotes.

As transferências de população promovidas pelas SS lembravam, mais do que qualquer outra coisa, a Migração dos Povos no século IV. Como seus precursores na Idade-Média, caracterizaram-se em iguais partes por barbaridades e caos. Em 1942, alemães da Iugoslávia chegaram às áreas da Polônia Oriental de onde o Volksdeutsche havia emigrado para o Warthegau dois anos antes.

Os migrantes, além de terem de abandonar antigos locais de residência, frequentemente em troca de acomodações improvisadas em campos de trânsito, nunca eram consultados se queriam ou não mudar. “Beneficiários” e vítimas das transferências, eles simplesmente serviam ao grande plano de ampliar e consolidar a área da colonização alemã na Europa.

Um objetivo correlato — o de purificar o reservatório de genes da raça alemã — inspirou a Campanha da Eutanásia de 1940-1941. Em setembro de 1939, Hitler ordenou a “morte misericordiosa” dos débeis mentais e doentes incuráveis em todo o Reich — sob fundamentos eugênicos e de economia de alimentos, acomodações e pessoal médico durante a guerra. O primeiro centro de extermínio entrou em funcionamento no fim do ano. Outros cinco, um deles situado na conhecida clínica psiquiátrica de Hadamar, começaram a operar em princípios de 1940. Como encarregado geral do programa foi nomeado Christian Wirth, antigo Superintendente do Departamento de Investigações Criminais de Stuttgart.

De início, Wirth liquidava suas vítimas com um tiro na nuca. Após algum tempo, passou a gaseá-las em câmaras especialmente construídas — e desta forma merece o título de co-criador dos métodos de extermínio em massa usados mais tarde na denominada “Solução Final da Questão Judaica”.

Em todos os estabelecimentos encarregados de aplicar a eutanásia havia, hermeticamente fechado, um quarto disfarçado como chuveiro, que se ligava por um sistema de canos e cilindros de monóxido de carbono. Os pacientes, antes de serem levados em grupos de dez ou quinze para a câmara, eram geralmente postos em estado de sonolência com a ajuda de injeções de morfina (ou escopolamina) ou drogados com soporíficos. Todos os centros possuíam crematórios, sendo as famílias informadas dos falecimentos em fórmulas impressas, que atribuíam a morte a um colapso cardíaco ou à pneumonia.

O aumento vertiginoso das mortes, comunicadas sob condições de sigilo mal disfarçado — colunas de fumaça sobre os crematórios eram visíveis em um raio de quilômetros e, em Hadamar, as crianças da aldeia recebiam os ônibus hospitalares aos gritos de “Lá vem mais gente para ser gaseada” —, provocou crescente inquietação no país. Entre os numerosos boatos em circulação, um deles dizia que mesmo soldados gravemente feridos estavam sendo também submetidos à “morte misericordiosa” nos hospitais militares.

Em agosto de 1941, o bispo católico Galen denunciou os crimes de eutanásia do púlpito de sua catedral em Münster, Vestfália. Verificar-se-ia mais tarde que este foi o ato isolado da Resistência, de maior êxito entre todos os praticados no Terceiro Reich: a liquidação sistemática dos internados em hospitais (que até então havia custado aproximadamente cem mil vidas) cessou quase imediatamente.

Tampouco foi tomada qualquer medida de represália contra o bispo, muito embora pouco depois a Gestapo tenha decapitado três párocos que haviam lhe distribuído o sermão em forma de volantes. Esta gritante discrepância na punição constituía fruto de um cálculo maquiavélico: enquanto a morte de padres anônimos passaria despercebida no tumulto envolvente de confusão e violência, a perseguição poderia ter elevado o conhecido prelado ao status de figura nacional da Resistência.

4. AS SS NA GUERRA

CONSIDERAÇÕES DE “IMAGEM” desempenharam também uma parte no induzimento a mudanças no papel das SS. Desde que Himmler “admitiu” que numerosos alemães ficavam doentes à vista do uniforme preto, mas não por esse motivo, o preto deixou de ficar associado exclusivamente às SS na mente do público. A Verfügungstruppe (SS militar) sob as ordens do Inspekteur Paul Hausser usava uniformes de campanha cinzentos que se distinguiam dos da Wehrmacht apenas pela insígnia das SS e os distintivos de posto. (Foi esse uniforme, incidentalmente, o usado por Hitler — que jurou não tirá-lo até a vitória — quando anunciou ao Reichstag a invasão da Polônia, em l.° de setembro de 1939.)

Embora no início da campanha polonesa a Verfügungstruppe tivesse tomado parte em algumas ações militares, Hitler ainda lhe atribuía essencialmente funções de segurança. Em agosto de 1940, declarou ele que uma força policial militarizada e centralizada, dotada de um eficiente serviço de escuta, poderia ter impedido o colapso alemão em 1918. Seis meses depois afirmou: “Para manter a confiança de uma nação guerreira as SS precisam derramar seu sangue”. Por volta do inverno de 1941-1942 — época em que a Alemanha sofreu as primeiras derrotas na Frente Oriental — tornou-se “necessário enviar as SS à frente para conservar-lhes o prestígio”.

As decisões do Führer refletiam várias pressões provocadas pelas fortunas mutáveis da guerra. Enquanto, por um lado, as crescentes listas de baixas aumentavam o ressentimento popular contra os guerreiros burocratas nazistas — os membros do Partido e das SS estavam em “missão especial” e, assim isentos de serviço na linha de frente — por outro, a liderança das SS via na escalada da guerra uma oportunidade de reduzir o monopólio militar da Wehrmacht.

Deste modo, Hitler finalmente sancionou (para repetir a bem lançada frase do historiador Gerald Reitlinger) “a confusa infiltração das SS no exército”. Como indicação inicial da transformação das Verfügungstruppe em exército SS completo, deram-lhe o título de Waffen SS em janeiro de 1940. Quando, mais tarde no mesmo ano, a Inspetoria da Verfügungstruppe transformou-se no quartel-general das Waffen SS, a Inspetoria dos KZ foi confusamente incorporada ao mesmo. Em consequência, a nova força incluía as Totenkopf Wachsturmbanne — ou unidades de guardas dos KZ, formadas com membros militarmente inaptos das SS, após a transferência das unidades da Caveira de Eicke para a frente de combate. A nomenclatura característicamente imprecisa de Himmler ocasionaria grande controvérsia após a guerra. Limitaremos, em consequência, o uso do nome Waffen SS exclusivamente às formações militares da Schutzstffeln.

O batismo de fogo dessas unidades na Blitzkrieg contra a Polônia fora extremamente sangrento — fato este devidamente notado pelo “serviço mais antigo”, queixar-se-ia Himmler um ano mais tarde. “Após a campanha polonesa, a Wehrmacht alegou que sofremos pesadas baixas porque não estávamos treinados para a missão; após a campanha francesa, o exército supôs que não lutamos.” Embora as baixas da Waffen SS no Ocidente fossem proporcionalmente mais leves do que na Polônia, a atitude básica não mudou. Assim, quando Eicke comunicou ao seu superior na Wehrmacht, General Hoepner, que a divisão Totenkopf das SS havia executado as ordens recebidas sem levar em conta as baixas, comentou este último: “Isto é mentalidade de açougueiro.”

Havia mais verdade nas palavras de Hoepner do que ele próprio pensava. Transferindo para o Oeste o padrão de barbarismo que havia empregado contra a “subumanidade” polonesa, os homens da Totenkopf massacraram, no dia 27 de maio de 1940, cem soldados do 2.° Regimento Real do Norfolk após capturá-los. (O soldado Pooley, o único prisioneiro não assassinado imediatamente, rastejou de baixo do monte de cadáveres nas caladas da noite e rendeu-se a outra unidade alemã. Gravemente ferido, foi repatriado em 1943. Ninguém na Grã-Bretanha quis acreditar na sua história.)

Aos olhos alemães, as Waffen SS emergiram da guerra no Oeste como uma raça de modernos Siegfrieds. Impelidos por agressiva fúria varreram os Países-Baixos e a França com desprezo total pelas baixas. A primeira Cruz de Ferro de toda a campanha foi concedida a um soldado da Leibstandarte, uma unidade cujas honrarias divisionárias de batalha incluíam Rotterdam e Boulogne.

A despeito deste aumento de prestígio, as Waffen SS permaneceram estritamente subordinadas à Wehrmacht — tanto em termos de comando quanto de efetivos. Hitler recusou-se categoricamente a modificar uma decisão segundo a qual a mobilização de pessoal para as forças armadas cabia aos Oficiais-Generais comandantes dos vários distritos militares do Reich. Em outubro de 1940, Himmler ladeou essa limitação estendendo o recrutamento para as SS a voluntários da Escandinávia, Países-Baixos e França. Parecia auspicioso o momento para alistar “reservas de sangue valioso para a luta da raça nórdica” uma força européia anticomunista, uma vez que a Rússia acabara de anexar pela força ou ameaças territórios finlandeses e romenos.

Mesmo assim, as SS européias eram mais um símbolo do que uma força real capaz de solucionar os problemas de pessoal da Ordem da Caveira. Mas havia à mão uma solução — graças a Gottlob Berger, um ex-professor de ginástica na casa dos quarenta que, após dirigir os latagões do Freikorps de Henlein, na crise sudeta do outono de 1938, tomara-se chefe do SS Führungsamt (Departamento de Liderança).

O genro do atlético e romântico Berger (ele gostava de alpinismo e de filmar águias e abutres em vôo) era líder do grupo minoritário alemão na Romênia. E foi esse lapso familiar que lhe inspirou a sugestão absolutamente segura de resolver o problema da deficiência de pessoal das Waffen SS: o recrutamento entre os milhões de Volksdeutsche, cuja residência fora do Reich tomava-os inelegíveis para alistamento na Wehrmacht.

O plano de Berger combinava-se sutilmente — Himmler podia envolver os generais sem ter que entrar em disputa de jurisdição sobre a questão de pessoal — com a profunda vantagem ideológica de que a maioria dos alemães balcânicos nutria profundo ódio pelos vizinhos eslavos.

Este ponto foi amplamente ilustrado pela Divisão Prinz Eugen, da Volksdeutsche, que, no curso de operações contra partisans na Iugoslávia, executou inúmeros reféns civis e perpetrou uma série de massacres de populações inteiras de aldeias (como, por exemplo, a de Kosutica, em agosto de 1943).

Não que os homens das Waffen SS nascidos na Alemanha agissem de maneira muito diferente. No dia em que, após os primeiros reveses de inverno na Rússia meridional, as unidades vanguardeiras SS descobriram os cadáveres mutilados de seis de seus soldados no pátio do quartel-general da Taganrog OGPU (Polícia Secreta Soviética), o comandante da Leibstandarte, Sepp Dietrich, ordenou o massacre de quatro mil prisioneiros de guerra russos num banho de sangue que durou três dias e três noites.

Tais barbaridades não impediram as Waffen SS de executar prodigiosas façanhas de bravura na Frente Oriental. Após terem unidades do Exército Vermelho se infiltrado pela retaguarda do Grupo Central da Wehrmacht, o General Model ordenou ao Obersturmbannführer Kumm, do Regimento Der Führer das SS, que defendesse, em temperaturas muito abaixo de zero, a linha ao longo da curva do Volga enquanto o Nono Exército se reagrupava. Quatro semanas depois, Kumm pessoalmente comunicou a Model: “Missão cumprida”. E acrescentou: “Meu regimento está formado lá fora”, e apontou para trinta e cinco sobreviventes de um efetivo original de dois mil soldados.

Engajados numa luta sem quartel com os partisans do Exército Vermelho, o tempo, a lama, a piolheira e as doenças, os soldados das SS buscavam inspiração em fontes simultaneamente espirituais e materiais. A maior fonte isolada de força espiritual residia no fato de que Ele, que lhes havia feito a honra de considerá-los sinônimo de lealdade a Ele mesmo, existia: “Sentamo-nos ali”, escreveu um esgotado soldado das SS em Vassoloye, “no chão de barro e escutamos a voz que tanto amamos. Todos fixamos os olhos no alto-falante — como se ele estivesse ah, o Führer... Há melhor recompensa depois de um dia de batalha do que ouvi-lo? Nunca!”.

Embora nesse registro num diário soe uma nota de absoluta convicção, havia de fato outras recompensas igualmente boas à espera das Waffens SS experimentadas em batalha — como atesta uma nota do Administrador Econômico Chefe das SS, Oswald Pohl, intitulada “Diretrizes para a Distribuição de Relógios a Membros das Waffen SS: Armazenados no campo de concentração de Oranienburg existem atualmente 24.000 relógios de algibeira, 5.000 canetas-tinteiro, 4.000 relógios de pulso, 3.000 despertadores e 80 cronômetros. Esses presentes são, em nosso nome, oferecidos aos membros mais valorosos da divisão”.

O som da voz de Hitler e um relógio de ouro tomado de um judeu — estes incentivos contrastantes e, ainda assim, complementares, indicam os pólos do aspecto das emoções das SS; variavam do fanatismo jungido à devassidão, do espírito de sacrifício à capacidade e à fúria alimentadas por total falta de sentimentos.

A despeito da motivação fora do comum, as façanhas das Waffen SS durante longo tempo mal apareceram — pelo menos aos olhos do mundo — na onda de violência, sofrimentos e confusão que subia. Houve uma exceção, contudo: a ação punitiva contra Lidice, uma aldeia das proximidades de Praga, no dia 9 de junho de 1942. Heydrich, Protetor da Boêmia e da Morávia (desde setembro de 1941) fora assassinado numa rua de Praga por patriotas tchecos, que se dizia serem originários de Lidice. Em represália, a aldeia foi nivelada até o chão, fuzilados todos os habitantes masculinos de mais de quinze anos, enviadas as mulheres para os campos de concentração, e arrastadas as crianças para os centros da Lebensborn (de onde os inapropriados para a germanização foram despachados para os KZs). Esta obliteração de uma pacífica aldeia recebeu a máxima divulgação nos meios de propaganda nazista com a finalidade de esmagar a vontade de resistir da Europa ocupada.

Apavorante vingança foi também tirada dos suspeitos políticos na Tcheco-Eslováquia e entre os prisioneiros judeus em toda parte— como se um banho de sangue (nome de código “Aktion Reinhardt”) pudesse apagar o fato de que, no auge do poder nazista, Heydrich, o segundo mais alto líder das SS, havia caído sob a bala de um patriota.

O seu corpo foi exposto em câmara ardente na Chancelaria do Reich. Hitler, o orador das exéquias, pôs a mão sobre a cabeça dos dois pequenos filhos de Heydrich (que estavam de mãos dadas com Himmler) enquanto a Orquestra Filarmônica de Berlim entoava a Marcha Fúnebre de Wagner.

No negro Valhalla ao qual Hitler havia-o consignado em sua oração, Heydrich logo depois teve a companhia de outro fundador das SS. Em fevereiro de 1943, “Papa” Eicke, fundador do sistema de campos de concentração e, em seguida, comandante da Divisão Totenkopf, foi abatido pelos russos durante um vôo de reconhecimento sobre as linhas inimigas.

O Obergruppenführer Eicke, que um ano antes — na Batalha de Demjansk impedira uma débâcle alemã quase das proporções de Stalingrado — despertava uma devoção tão fanática entre seus soldados que uma unidade da Totenkopf arriscou a vida para ir buscar-lhe o corpo em território ocupado pelos russos.

Antes de morrer, Eicke havia veiculado, em certo número de ocasiões, a suspeita coletiva das SS de que os comandantes da Wehrmacht enviavam as Waffen SS para os setores mais expostos da frente a fim de dizimar-lhes a força pelas inevitáveis pesadas baixas.

Qualquer que tivesse sido o motivo, as divisões das SS foram realmente lançadas em algumas das mais cruciais batalhas da Frente Oriental. A resultante taxa de baixas, combinadas com as propensões naturais dos homens das SS explicam por que as perdas das Waffen SS superavam todas as demais nos relatórios semanais do Oberkommando der Wehrmacht (Alto Comando das Forças Armadas) de graves transgressões, raptos etc.) nas forças armas, isto a despeito da proporção entre a Wehrmacht e as Waffen SS, de dez para um em números.

O crescimento das Waffen SS havia sido gradual — uma divisão na campanha polonesa e duas na francesa — e mesmo a expansão subsequente (a criação das SS européias e, mais importante, o recrutamento entre os Volksdeutsche) fora mantida dentro de limites aceitáveis à Wehrmacht. No inverno de 1942-4943, três novas divisões blindadas SS foram agrupadas num corpo de exército sob o comando de Paul Hausser, que ganhara suas esporas de comandante de tanques em 1940. Pouco depois, a grande batalha de tanques de Kharkov deu a Hausser a oportunidade de conquistar uma distinção excepcional: tomou-se (em março de 1943) o último general alemão da II Guerra Mundial a obter uma vitória no Leste.

Esta notável façanha invalidou todas as objeções da Wehrmacht à expansão das Waffen SS e levou Hitler a autorizar-lhe a imediata ampliação. Um segundo corpo blindado surgiu sob o comando de Sepp Dietrich, seguido (no inverno de 1943-1944), por um terceiro, sob as ordens de Felix Steiner — antigo oficial do Reichswehr que havia se transferido para a Verfügungstruppe porque a classe militar via com maus olhos suas idéias nada convencionais.

A elevação em efetivos e importância das Waffen SS, todavia, ocorreu apenas depois de ter virado irreversivelmente a sorte da guerra. Fora grande demais a demora em equipá-las com blindados pesados — além do fato de um terço de seu quadro de oficiais estar sepultado na Rússia por volta de fins de 1943.

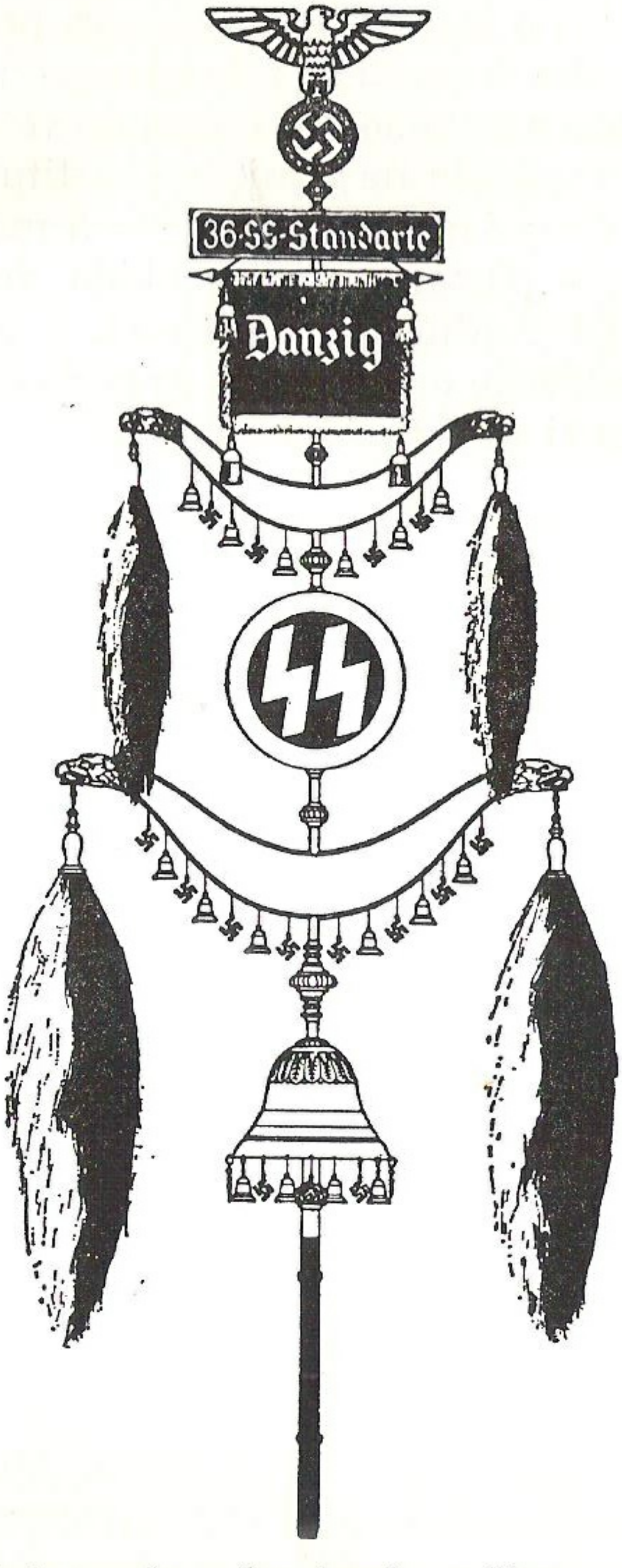
As perdas foram agravadas pela qualidade sempre mais inferior dos novos recrutas. Os voluntários que haviam sido, até fins de 1942, suficientes para atender a todas as necessidades de pessoal das SS, tiveram de ser suplantados por conscritos, alguns dos quais — influenciados pelas famílias ou por sacerdotes — sentiam acentuada aversão pela idéia de nelas ingressarem.

Por ocasião da época em que o Reich já desistira da vitória, mas parecia ainda impossível de ser derrotado, alguns líderes das SS começaram a exibir um desacostumado grau de independência ideológica. Procurando arduamente uma solução política para o impasse militar — ou coisa pior — o General Steiner, das Waffen SS, o antigo editor do Schwarze Korps, d'Alquen, que fora nomeado chefe da companhia de propaganda da Wehrmacht, e outros, sugeriram uma drástica modificação da política nazista em relação aos russos.

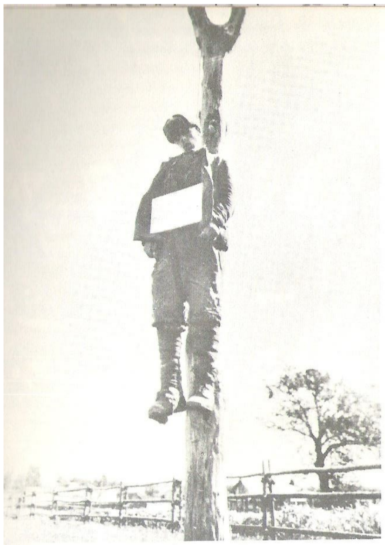
Situações desesperadas exigem remédios desesperados. O espírito das SS era a quintessência do racismo nazista; a fim de orientar os soldados das SS no Leste, o departamento de Gottlob Berger publicou, em 1941, um panfleto de instruções, intitulado "O Subumano", onde os povos da União Soviética eram chamados de "secundinas da humanidade, vivendo espiritualmente em nível mais baixo do que o dos animais".

Agora, o General Steiner dizia a Himmler que a guerra somente poderia ser ganha mediante concessão de soberania a grupos nacionais na Rússia ocupada. Relatórios do SD procedentes da Ucrânia atribuíam intencionalmente o aumento das atividades dos partisans à repressão praticada pelo Gauleiter Koch. O Schwarze Korps e os propagandistas que d'Alquen dirigia na Wehrmacht lançaram uma operação de relações públicas em favor do General Vlassov — um renegado, antigo comandante do Exército Vermelho, que então comandava uma força, patrocinada pelos nazistas, de prisioneiros de guerra russos libertados — com o objetivo de elevá-lo à categoria de testa-de-ferro de um Estado russo semi-soberano sob a tutela alemã.

O exercício dissidente de relações públicas de d'Alquen, as denúncias dos desmandos de Koch feitas pelo SD, a reavaliação por Steiner dos problemas de nacionalidade — coisa alguma adiantou. Embora em fins da guerra Himmler tenha modificado suas concepções raciais a ponto de criar a brigada russa Kaminski, incluída nos efetivos das SS, Hitler permaneceu obstinado. Na escala de subumanidade do Führer, o eslavismo ficava apenas um grau acima dos ciganos e judeus. Enquanto d'Al-quen inventava o título de "herói libertador" para o patético Vlassov, Hitler permanecia fiel à visão de eslavos como escravos, úteis apenas para servir a seus senhores alemães e, desta forma, frustrou a tardia tentativa de um punhado de altos membros das SS de livrar-se da camisa-de-força racista que eles mesmos haviam costurado.

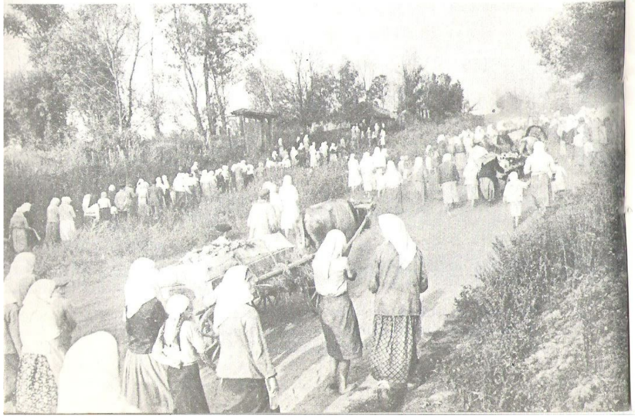

36·SS·Standarte
Danzig

Estandarte usado pelas bandas militares das SS.



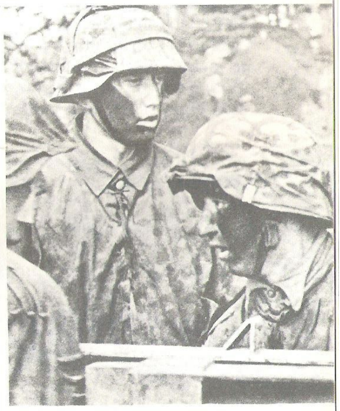
Pour encourager les autres. A inscrição no cartaz branco diz (em russo): "Eu fui um *partisan.*"

Frente Central, 1943: mulheres russas levam os restos mutilados de seus parentes masculinos para enterro na aldeia.



"Guarda Metropolitana das SS em Danzig" por ocasião do irrompimento da II Guerra Mundial.

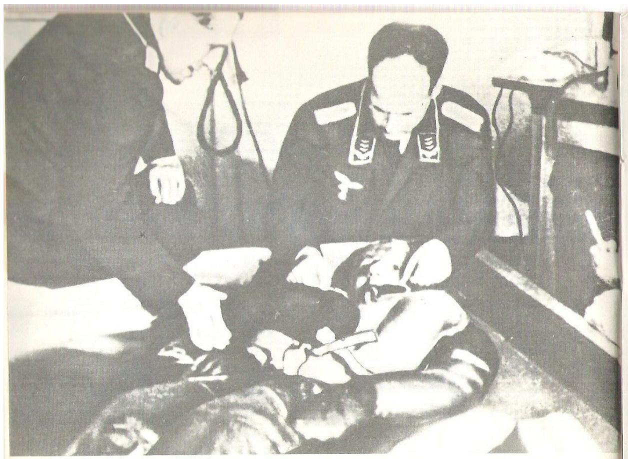
Membros da Divisão da Juventude Hitlerista, das *Waffen SS*, na Normandia.



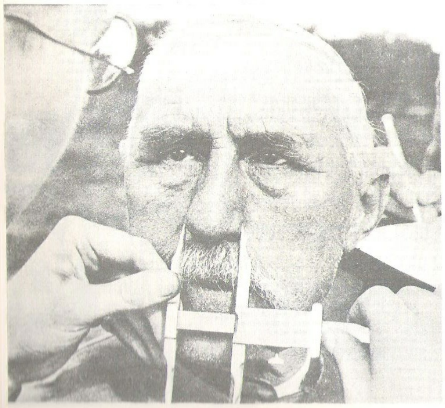
Líderes das SS durante a guerra: Sepp Dietrich e Himmler na frente polonesa (1939).

O General Paul Hausser, o criador das *Waffen SS*.

"Papa" Eicke, criador do sistema dos KZ, caminhando de cachimbo na boca após a batalha de Demjansk (1942).



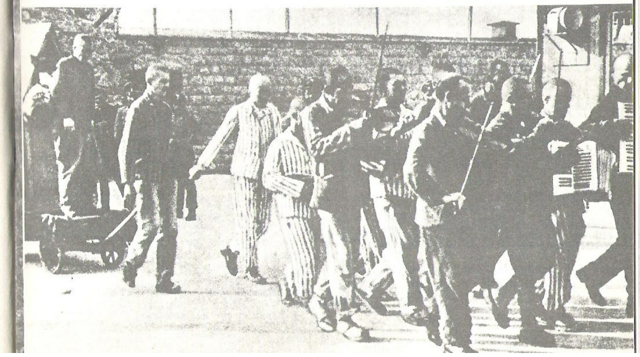
"Pesquisa" médica nos KZ. Experimento de superesfriamento, durante o qual o Dr. Rasher imergiu prisioneiros de Dachau em água quase no ponto de congelamento, durante até três horas (1942).

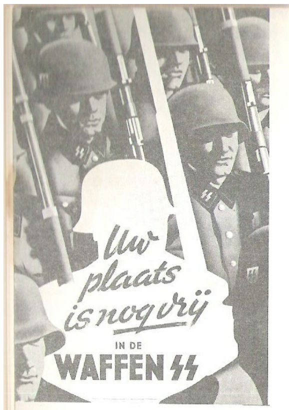


Pesquisa racial das SS.

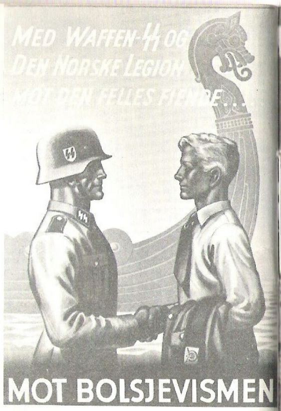
Prisioneiros trabalhando nas pedreiras do campo de concentração de Mauthausen (1938).

"Celebração" da recaptura de um fugitivo de um campo de concentração.

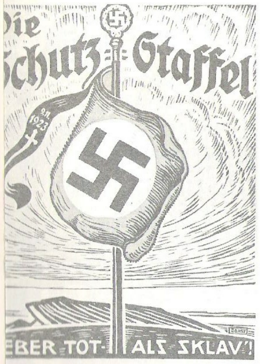



Uw
plaats
is nog vrij
IN DE
WAFFEN ϟϟ

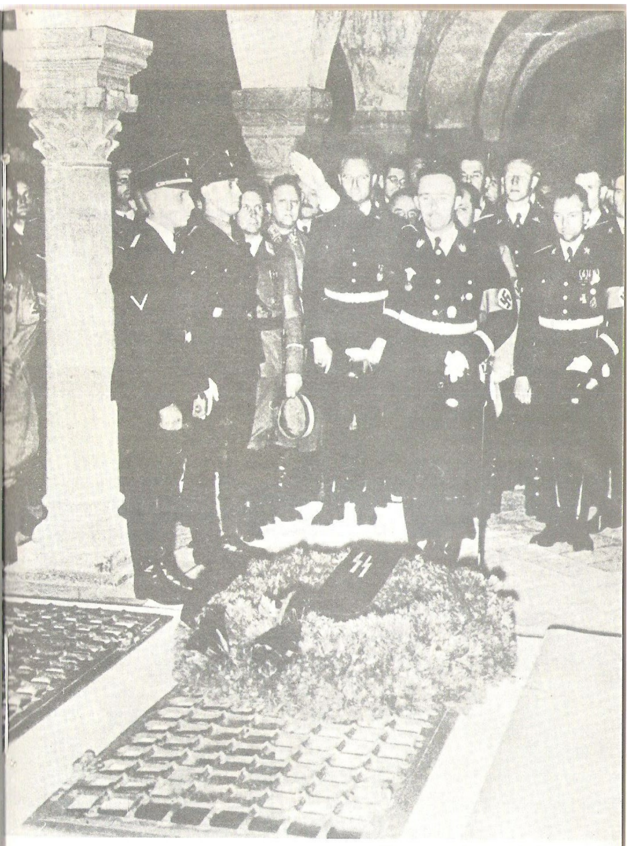
Cartaz holandês de recrutamento para as *Waffen SS*.


MED WAFFEN-ϟϟ OG
DEN NORSKE LEGION
MOT DEN FELLES FIENDE...
MOT BOLSJEVISMEN

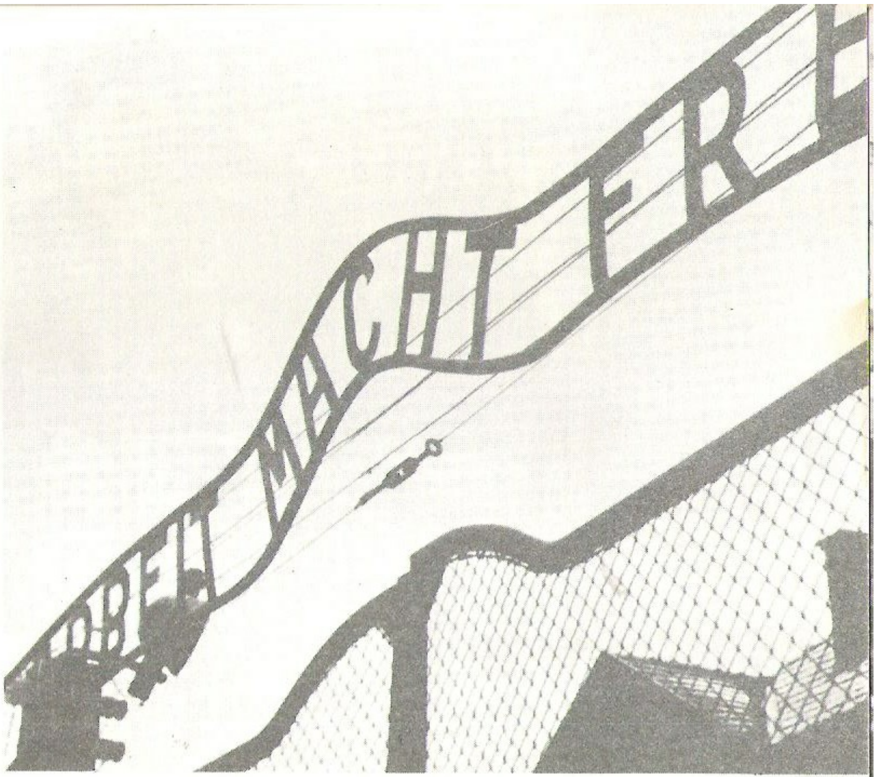
Cartaz norueguês de recrutamento para as *Waffen SS*.


Die
Schutz Staffel
EBER TOT ALS SKLAV!

Página de rosto da revista das SS, *"Die Schutztaffeln"*.

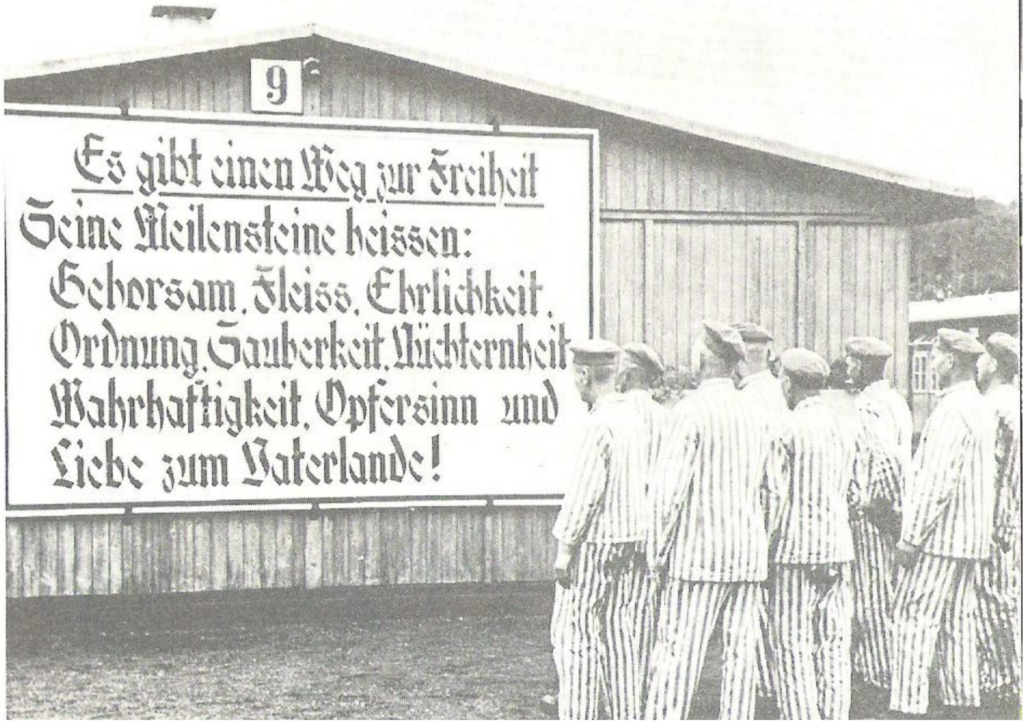


Himmler, Heydrich e outras altas-patentes das SS na cripta do medieval *Quedlinburg*, a suposta sepultura de Henrique, o Passarinheiro.


RBEIT MACHT FRE

Legenda sobre os portões de Auschwitz: "O Trabalho Liberta".

Campo de concentração de Dachau. Diz a inscrição: "Há apenas uma estrada para a liberdade. Os seus marcos são: obediência, operosidade, honestidade, ordem, higiene, sobriedade, amor à verdade, e desejo de amar o país e sacrificar-se por ele".


9
Es gibt einen Weg zur Freiheit
Seine Meilensteine heissen:
Gehorsam, Fleiss, Ehrlichkeit,
Ordnung, Sauberkeit, Nüchternheit,
Wahrhaftigkeit, Opfersinn und
Liebe zum Vaterlande!

5. A SOLUÇÃO FINAL

QUAISQUER QUE TENHAM SIDO AS CONSEQUÊNCIAS DA ESLAVOFOBIA DE HITLER, ideologicamente ela vinha em segundo lugar em relação ao anti-semitismo. A guerra, até à morte, aos judeus constituía, de fato, o núcleo irredutível do credo nazista — e nesta guerra as SS ocuparam a linha de frente com febril dedicação.

Os judeus do Reich haviam sofrido perseguições crescentes desde 1933, às quais um número cada vez maior reagiu pela emigração. Em discurso pronunciado no Reichstag em 30 de janeiro de 1939, Hitler havia publicamente reconhecido que tinha intenção de cometer genocídio — "uma guerra futura presenciará a destruição da raça judaica na Europa" — mas nem a opinião mundial nem o mundo judaico podiam, nessa ocasião, penetrar sequer nas pavorosas implicações dessas palavras.

O início da guerra e as conquistas alemãs adicionaram novas dimensões em escala e horror à provação dos judeus. Todas as rotas de emigração foram bloqueadas enquanto, ao mesmo tempo, a suspensão de comunicações libertava Hitler de quaisquer inibições restantes à manifestada intenção de levar a cabo a chamada "Solução Final".

Em setembro de 1939, as chefias da Gestapo, do SD e da Kriminalpolizei foram fundidas no Reichssicherheitshauptamt (RSHA ou Departamento Central de Segurança do Reich) — pedra fundamental de um edifício de terror que se estendeu de um lado a outro de um continente. Como primeiro chefe do RSHA, Heydrich teve como mais importante subordinado o Untersturmführer Adolf Eichmann que, em janeiro de 1940, assumiu a chefia do Departamento Judaico, a notória subseção IV R, situada em uma casa da elegante Kurfürstenstrasse de Berlim, apinhada de arquivos, teletipos e outros equipamentos de escritório.

Por essa ocasião, a expulsão dos judeus das áreas incorporadas pela Alemanha na Polônia para o que restava do país (o chamado Gouvernement Général) estava cobrando um pesado tributo em vidas em virtude do frio, da fome e das doenças. A limpeza de inverno do Warthegau não fora o único prelúdio das coisas que estavam reservadas aos judeus: desde sua chegada ao país, as SS e unidades policiais haviam realizado esporádicos fuzilamentos em massa e incendiado sinagogas.

No primeiro inverno da guerra ocorreu também a deportação de judeus do sudoeste da Alemanha para acampamento na França, ainda não ocupada — de acordo com o nebuloso “Plano Madagascar” de Eichmann, de transformar a ilha colonial francesa no Oceano Índico numa reserva para judeus.

Imensos Judenreservate surgiram no período 1940-1941, época em que os três milhões de judeus poloneses foram inexoravelmente arrebanhados em uns poucos guetos inimaginavelmente congestionados — em Varsóvia, Cracóvia, Lodz, Bialystock. O “gasto natural” já havia eliminado meio milhão de moradores dos guetos quando a escalada final que Hitler deu à guerra, o ataque à Rússia, preparou o palco para o clímax da catástrofe judaica. Três meses antes do lançamento da Operação Barbarossa, o Führer deu ordens a Himmler — na notória “Ordem do Comissário” — para criar as Einsatzgruppen (unidades de extermínio), que deviam promover a “liquidação inexorável de todos os agitadores bolchevistas, “partisans”, sabotadores e judeus encontrados atrás das linhas russas”.

Embora os judeus figurassem por último na ordem, constituíram a principal presa dos três mil comandos altamente móveis da Einsatz, que passaram uma raspadeira pela vasta área compreendida entre o Golfo da Finlândia e o Mar Negro nos calcanhares das forças irresistíveis da Wehrmacht. Os Estados Bálticos, a Rússia Branca e a Ucrânia eram áreas de densa colonização judaica. Além disso, os avanços relâmpagos dos alemães em 1941 engolfaram comunidades que a censura soviética — especialmente desde o Pacto Russo-Alemão de agosto de 1939 — havia durante longo tempo mantido na ignorância sobre o destino dos seus compatriotas que se encontravam sob o jugo nazista.

Nessas circunstâncias, a missão dos Einsatzgruppen reduziu-se a um simples problema de logística: a reunião dos judeus numa aldeia ou praça pública, o transporte para um lugar discreto, cortado por uma profunda vala e, corretamente espaçado, o alinhamento das vítimas diante das alças de mira dos executores. A solução ideal, racionalizada, era aquela pela qual sucessivas filas resultavam em camadas após camadas bem arrumadas de corpos na vala, que era posteriormente coberta de areia.

Esta economia de esforço, embora influenciada pelos pequenos efetivos da “força”, refletia basicamente a orientação econômica inerente da maquinaria da morte nazista: antes de aproximar-se da beira da cova, em massa, as vítimas eram obrigadas a despirem-se e colocar as roupas, sapatos, objetos de valor e outras posses em pilhas separadas para posterior — e racional — utilização.

Em conjunto, os Einsatzgruppen liquidaram cerca de 1.300.000 judeus, o que, considerando a razão de 1 para 430 entre caçadores e caçados, revela o volume da incansável dedicação e eficiência demonstrada.

A cifra é ainda espantosa, mesmo depois de descontado o papel de soldados alemães e de voluntários locais — e não menos, pelo espírito competitivo que levava os comandantes dos grupos Einsatz a inflacionar seus placares de morte para superar os colegas e impressionar os superiores do RSHA em Berlim.

Que tipos de homens eram esses modernos Genghis-Khans com essa queda para “ajustar” o placar? Surpreendentemente, poucos deles poderiam ser classificados como assassinos ou psicopatas completos. Walter Stahlecker, líder do Einsatzgruppe A, que conseguiu um “primeiro lugar” ao comunicar a limpeza de judeus da Estônia em tempo recorde, viera diretamente de um alto posto administrativo — Chefe da Espionagem Estrangeira — do Departamento Central de Segurança do Reich. O Dr. Staslecker era uma espécie de intelectual — como também o seu colega de posto Otto Ohlendorf tanto como líder do Einsatzgruppe D (Ucrânia e Criméia) como antigo Diretor da Espionagem Interna, do Departamento Central de Segurança do Reich.

Indivíduos formados em universidades destacavam-se fortemente entre as patentes intermediárias dos oficiais dos Einsatzgruppen. O Standartenführer Paul Blobel, responsável pelo horripilante massacre de trinta mil judeus em Baby Yar, nas proximidades de Kiev, era um arquiteto desmoralizado pela bebida. O colega de Blobel, Bieberstein, formara-se em teologia. Ao perguntar em 1947 um juiz de Nuremberg a esse ex-pastor expulso de sua religião se nunca lhe ocorrera oferecer conforto espiritual às suas vítimas, respondeu Bieberstein: “Eles eram bolchevistas. Não devemos lançar pérolas aos porcos. Se falo aos ateus sobre a palavra de Deus, corro o risco de torná-los irônicos. Essas coisas são sagradas demais para mim para pô-las em risco em situações como essas”.

Em Nuremberg, Blobel transpirava de autocomiseração — uma atitude que embora estivesse superficialmente em choque com a prescrita imagem das

SS, podia ser apresentada como uma manifestação da muito gabada capacidade alemã de subjetivismo. “A vida humana não era tão valiosa para eles, isto é, para os russos e os judeus, como para nós. Os nossos homens que tomaram parte nessas execuções sofreram mais do que os que deviam ser fuzilados.”

A preocupação do consciencioso oficial de baixa patente pelo bem-estar de seus subordinados transparece também vivamente nas reminiscências ouvidas em Nuremberg de outros dos acusados: “Pela manhã, eu levava meus homens para praticar esportes à beira do lago e, à noite, cantavamos em volta das fogueiras do acampamento”.

O único ponto que provocava acentuada discórdia entre os oficiais submetidos a julgamento dizia respeito à metodologia do extermínio. Alguns julgavam o fuzilamento “mais honroso” do que a execução a gás, enquanto outros, entre eles Bieberstein, expressavam preferência pela segunda forma, que julgavam “mais agradável para ambas as partes interessadas”.

A morte pelo gás, à qual os comandos de Einsatz no Leste haviam recorrido apenas esporadicamente, tomou-se a partir do inverno de 1941-1942 o costume padrão no Judenreservate do Gouvernemente-Gênéral. Em Chelmo, Polônia, uma câmara de gás experimental entrou em operação já algumas semanas antes da histórica Conferência de Wannsee, quando foi encontrada a solução final (janeiro de 1942). Esta conferência, presidida por Heydrich, secretariada por Eichmann, e à qual compareceram dignitários do RSHA e secretários de Estado de uma dezena de ministérios, concebeu o plano-diretor do extermínio dos judeus em todo o continente.

Nos meses seguintes, quatro complexos de câmaras de gás — Belcez, Sobibor, Majdanek e Treblinka — surgiram na região de Lublin, que era uma enorme área de recepção de judeus deportados, administrada pelo Gruppenführer Odilo Globocnik. Globocnik teve como ajudante encarregado da organização efetiva do campo de extermínio o mesmo Christian Wirth que supervisionara a campanha da eutanásia. Como todos que haviam subido aos altos escalões do SS Apparat, Wirth vivia cercado de poderosos inimigos, alguns dos quais — infelizmente para ele — estavam presentes em Belcez no dia de agosto de 1942 em que ocorreu a seguinte cena:

Às 7:20 da manhã chegou procedente de Lemberg uma composição de 45 vagões, transportando mais de 6.000 pessoas. Entre estas, 1.450 já estavam mortas por ocasião da chegada. Por trás das pequenas janelas fechadas com arame farpado, crianças, jovens, homens e mulheres tremiam apavoradas até a morte. Ao parar o trem, 200 ucranianos designados para a tarefa abriram violentamente as portas e, tocando os judeus com chicotes de couro, esvaziaram os vagões. Instruções foram berradas de um alto-falante, ordenando-lhes que tirassem toda a roupa, membros artificiais e óculos. Usando pequenos pedaços de barbante entregues por um menino judeu, deviam amarrar os pares de sapatos. Todos os artigos de valor e dinheiro deviam ser entregues num balcão, embora nenhum recibo tenha sido dado. As mulheres e moças deveríam cortar os cabelos na tenda do cabeleireiro.

A um canto postou-se um corpulento membro das SS, indivíduo de voz forte e untosa de padre: “Coisa alguma de horrível vai acontecer-lhes. Tudo que vocês têm a fazer é respirar fundo. Isso fortalece os pulmões. A respiração é um meio de prevenir doenças infecciosas”. Os prisioneiros perguntavam a si mesmos o que lhes iria acontecer. “Os homens terão de trabalhar na construção de casas e estradas. As mulheres, porém, não serão obrigadas a fazê-lo: farão trabalho caseiro ou ajudarão na cozinha.” Para alguns, isto constituiu um pequeno raio de esperança, suficiente para levá-los, sem resistência, até as câmaras da morte. A maioria conhecia a verdade. O cheiro disse-lhes qual seria seu destino. Subiram um pequeno lance de degraus e entraram nas câmaras, a maioria sem uma palavra, empurrados pelos que vinham atrás.

No interior, homens das SS espremiam-nos, uns contra os outros. “Encha-as bem”, ordenou Wirth, “700 ou 800 deles para cada 270 pés quadrados”. Em *seguida, as portas foram fechadas. Enquanto isso, esperava nu o resto do pessoal desembarcado.*

Um sargento das SS, motorista de um caminhão diesel, cujos gases de escapamento seriam usados, lutava para ligar o motor, que se recusava a pegar. Cinquenta, setenta minutos escoaram-se lentamente, mas o diesel não queria funcionar. Podia-se ouvir gente chorando dentro da câmara de gás. Furioso com a demora, Wirth chicoteou o ucraniano que ajudava o sargento.

Passaram-se 2 horas e 49 minutos antes que o diesel pegasse. Ao fim de mais 32 minutos, estavam todos mortos. Alguns trabalhadores judeus no lado oposto abriram as portas de madeira. No lado de dentro, as pessoas estavam ainda erectas como pilares de basalto, já que não havia um centímetro de espaço onde pudessem cair ou mesmo inclinar-se. Os corpos foram lançados para fora, azulados, úmidos de suor e urina, pernas sujas de fezes e sangue menstrual. Umas duas dúzias de trabalhadores examinaram as bocas dos mortos, que abriram com ganchos de ferro. Outros inspecionaram ânus e órgãos genitais em busca de dinheiro, brilhantes, ouro, enquanto dentistas andavam em volta tirando a golpes de martelo dentes de ouro, pontes e coroas. Em meio a eles, via-se a figura do Hauptsturmführer Wirth, espojando-se no seu elemento.

Wirth, porém, não ficaria nesse meio por muito tempo. Nas 2 horas e 49 minutos de tempo perdido, uma discussão interna entre os homens das SS sobre os méritos relativos do monóxido de carbono e Zyklon B (ácido prússico) como agente asfixiante levara a uma conclusão. A controvérsia técnica assinalou, como frequentemente acontece, uma luta pessoal pelo poder — de modo que, em consequência do enguiço do diesel em Belcez, o Zyklon B substituiu o monóxido de carbono em todos os campos e Wirth foi derrubado pelo Hauptsturmführer Karl Fritzsch, porta-voz da facção do ácido prússico.

Fritzsch fazia parte do quadro de Auschwitz, o campo que o pessoal das SS havia cognominado — com característica autocomiseração — de anus mundi.

(Aqui os ainda vivos invejavam os mortos: prisioneiros russos enlouquecidos pela fome despendiam a última gota de energia para subir nas carroças que, todas as tardes, levavam os cadáveres do dia para os braseiros.)

Auschwitz dominava a rede de campos de extermínio tanto em tamanho — quatro crematórios, compreendendo quarenta e seis fornos, davam vazão a quinhentos cadáveres por hora, e ainda precisava suplementação de enormes fornalhas abertas de incineração — e em diversidade. Entre as câmaras de gás e crematórios o campo compreendia (em quinze milhas quadradas entre os rios Vístula e Sola) um enorme complexo industrial de oficinas de armeiros, fábricas químicas, usinas de petróleo e borracha sintética, oficinas de reparo de vagões e locomotivas, pedreiras, e empreendimentos florestais e agrícolas — todos eles servidos por trabalho escravo.

A despeito dessa variada indústria, o seu principal produto era a morte: uma mercadoria na qual Auschwitz apresentou uma produção média anual de mais de um milhão durante seus três anos de existência.

Por ocasião da chegada ao campo, cujos portões eram encimados pela inscrição Arbeit Macht Frei (O Trabalho Liberta), os prisioneiros submetiam-se à seleção para envio imediato às câmaras de gás ou extermínio mais lento pelo trabalho. Durante os poucos meses (no máximo) que, exceto nos casos de artesãos especialmente úteis, os separavam da chegada de sua seleção final, eles viviam num estado de inconcebível degração e desamparo. O trauma de serem lançados nesse inferno degradavaos, da noite para o dia, da individualidade humana para os meros reflexos animais; anônimos, com a identidade reduzida a um número tatuado no antebraço direito, tornavam-se um montículo de pó que existia apenas enquanto um dos homens das SS ou um dos Kapos (privilegiados) não o tirava com um piparote.

O ex-comissário de polícia Wilhelm Boger, chefe do departamento contra fugas do campo, realizava investigações com auxílio do “balanço Boger”. Duas mesas eram colocadas a uma distância de noventa centímetros, obrigando-se a vítima a sentar-se no chão e cruzar as mãos em frente dos joelhos dobrados. Algemados os punhos, uma pesada barra era inserida entre os cotovelos e os joelhos, colocando-se as extremidades da barra sobre a mesa. A vítima, assim, balançava-se inerme entre as mesas. Era chicoteada nas nádegas ou nas solas dos pés, o que a fazia dar uma cambalhota quase completa. Se seus gritos tornavam-se altos demais, uma máscara contra gás era colocada em seu rosto. A máscara era removida de tempos em tempos para verificar-se se estava disposto a “confessar” ou se perdera a consciência.

O subcomandante do campo, Robert Mulka, antigo homem de negócios, gostava de fazer caçadas de coelhos: lançava os bonés dos prisioneiros ao chão e, quando eles se curvavam para apanhá-los, fuzilava-os: “mortos quando tentavam escapar.”

O oficial médico do campo, Dr. Mengele, demonstrava um senso de humor menos primitivo. No Yon Kippur (Dia da Expiação) duas mil crianças judias foram reunidas no campo de futebol e obrigadas a passar sob uma vara pregada nas balizas; todas aquelas cujas cabeças não tocavam na prancha eram retiradas para um lado e, em seguida, gaseadas. (No Dia da Expiação, os judeus recitam uma oração que diz que o Senhor, como pastor, passa seu rebanho sob uma vara.)

Todos os campos produziam variações do tema favorito dos oficiais das SS, de ridicularizar a religião judaica no próprio ato de eliminá-la. O comandante de Treblinka nomeou um “plantão de merda” que, vestido em trajos rabino e armado com despertador e chicote, exigia prazos dos usuários das latrinas do campo, todos eles doentes de disenteria.

Em Belcez, as portas da câmara de gás eram revestidas de cortinas de sinagoga com uma inscrição em hebraico: “Este é o portão do Senhor, pelo qual entrarão os puros de coração.” A entrada para o complexo da morte a partir das acomodações dos guardas tinha a inscrição: “Entrada para o Estado Judaico”.

Em Auschwitz, os guardas matavam as horas de folga com um esporte ingenuamente destituído de alusões religiosas. Ordenavam aos prisioneiros que pusessem camundongos dentro das calças (que eram fortemente amarradas na bainha) e que ficassem em posição de sentido — sob pena de serem chicoteados, enquanto os ratos rastejavam por cima de seus corpos. Garrafas colocadas sobre a cabeça de prisioneiros ‘ serviam para tiro ao alvo; eram obrigados a caminhar sobre pranchas a sete metros do solo — os “pára-quedistas inimigos” (todos os que caíam) recebiam vinte e cinco açoites — ou eram lançados a enormes cães que à ordem de “Homem, ataca”, literalmente os reduziam a pedaços.

Mas seria errôneo dizer que todos os homens das SS nesses campos eram perfeitas encarnações do demônio. Um dos médicos de Auschwitz, responsável pela “seleção” de milhares, salvou a vida de uma médica que frequentara com ele a mesma universidade e que fingiu recordar-se dele como habituê da taverna local de estudantes.

No dia em que o Sturmbannführer Hofle, um ajudante de Globocnik com duzentas mil deportações a seu crédito, perdeu uma filha numa epidemia de difteria, soluçou à beira da sepultura: “Isto é castigo do céu por todos meus crimes.”

Ohlendorf sentia a necessidade de disfarçar como execuções militares os massacres perpetrados pelo seu Einsatzgruppe D e o próprio Himmler sentiu-se mal ao presenciar um fuzilamento em massa em Minsk em 1942 — ao que o Gruppenführer Wolff observou para os que o acompanhavam: “Deixem que ele veja o que exige dos demais.”

Os cris-de-coeur de Hofle e Wolff mostravam a deformação de pontadas vestigiais de consciência, transformadas em clichês de autocomiseração — a sensação do indivíduo que se sente alternativamente explorado e a euforia da violência como padrão da emoção das SS. Assim, o Gendarmeriemeister Fritz Jacob queixava-se amargamente de ter de exterminar judeus enquanto era obrigado a suportar a separação da família.

No dia em que “dissolveu” todos os campos sob sua jurisdição em fins de 1943, Globocnik jovialmente lembrou a Himmler as cruzes de ferro prometidas por “esse árduo trabalho” — pois era injusto que “a operação menor de Varsóvia (isto é, o esmagamento, em abril de 1943, do heróico levante do gueto pelas Waffen SS Brigadeführer Jürgen Stroop) tivesse trazido aos seus homens maiores recompensas por menos esforço.

O fechamento do campo de Lublin por Globocnik significava que outra controvérsia interna nas SS — entre os defensores do extermínio dos judeus e os defensores do seu emprego como trabalho escravo — havia chegado ao fim; na questão judaica, como na russa, o dogma racial nazista apagava todas as considerações de auto-interesse nacional alemão.

O departamento das SS mais afetado pela decisão foi o Wirtschasfts und Verwaltungs Hauptamt (WVHA, Departamento Central de Administração Econômica). O ex-tesoureiro naval Pohl fora o chefe econômico de Himmler desde a decisão do Reichsführer, em 1938, de fundar um império baseado na mão-de-obra dos campos de concentração. Sob a égide de Pohl, empresas de produção de armas, manufatura de têxteis e artigos de couro, processamento de alimentos e destilação de bebidas não-alcoólicas haviam crescido por volta de meados da guerra e alcançavam um movimento anual de cinquenta milhões de marcos.

A indústria de armamentos demonstrou a mais rápida taxa de crescimento entre todas as das SS. O seu diretor, Dr. Hans Kammler, um tecnocrata de imensa ambição, dirigiu também a construção das câmaras de gás, quartéis, hangares e fábricas subterrâneas. Além- disso, construiu as rampas de lançamento das bombas voadoras e foguetes V-2 — missões de alta prioridade para a qual requisitou, em 1942, uma força de trabalho de 175.000 prisioneiros de guerra e dos campos de concentração.

Nessa fase da guerra, os altos executivos de Pohl ficaram preocupados com a diminuição do ativo representado pela mão-de-obra dos campos. Em dezembro de 1942 somente, um aumento global da população dos KZ (obtida através de incursões em todo o continente e de caçadas humanas) de 136.000 foi contrabalançado por um “gasto” natural de 70.000. Evidentemente, alguma coisa precisava ser feita. O WVHA em consequência, proibiu o mau trato dos trabalhadores dos KZ e limitou-lhes o dia de trabalho a onze horas.

A fim de esgotar as últimas reservas de força (e lucratividade) do quarto sobrevivente do judaísmo polonês, os homens de Pohl fundaram, em princípios de 1943, a Ostindustrie GmbH, mas, como todos seus “empregadores” foram liquidados naquele mesmo ano, a firma teve finalmente de ir também à falência.

Mesmo assim não secou o suprimento de mão-de-obra ao império de escravos das Schutzstaffeln. Uma das fontes de reabastecimento eram os milhões de trabalhadores estrangeiros convocados para o Reich. Mediante acordo, em 1942, entre Himmler e o Ministro da Justiça, Thierack, todos os trabalhadores estrangeiros culpados de absenteísmo, transgressão do racionamento ou contato com mulheres alemães eram automaticamente enviados a campos de concentração. Somente no primeiro semestre de 1943, 200.000 sofreram essa forma de castigo; um ano depois, em 1944, o Ministro dos Armamentos, Speer, queixou-se a Hitler de que as SS estavam ainda saqueando sua força de trabalho a uma taxa de 30.000 a 40.000 operários por mês.

Nos últimos doze meses da guerra, o exército de trabalho escravo de Pohl chegava a 600.000 indivíduos: 250.000 trabalhavam em fábricas de armas de propriedade privada (tal como a Krupp), 170.000 em "Empresas Speer" estatais, 130.000 na agricultura e indústria de serviços e o restante em canteiros de obras.

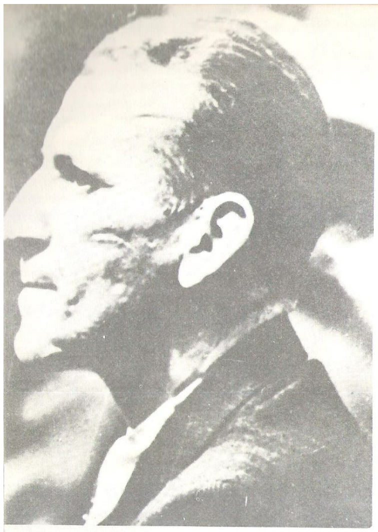
Embora, por essa ocasião, a situação do Reich estivesse tornando-se crescentemente anormal, certas leis normais ainda vigiam — tal como a inelutável lei da oferta e da procura. À medida que a carência colocava um prêmio na mão-de-obra, os "empresários" das SS capazes de fornecer ao mercado a mercadoria escassa — qualquer que fosse sua qualidade -— obtinham pingues lucros. O volume exato do lucro envolvido e a razão entre rendimento e investimento emergem desta declaração preparada pelo departamento de contabilidade de custos da WVHA:

"A contratação, por empréstimo, de prisioneiros dos campos de concentração a empresas industriais rende, em média, um retomo diário de 6 a 8 marcos, dos quais 70 pfennigs devem ser deduzidos para alimentação e vestuário. Supondo-se uma esperança de vida de 9 meses dos prisioneiros dos campos, multiplicamos essa soma por 270 e obtemos um total de 1.431 marcos. Este lucro pode ser aumentado por utilização racional do cadáver, isto é, mediante uso das obturações a ouro, roupas, artigos de valor, etc., mas, por outro lado, cada cadáver representa um prejuízo de dois marcos, que é o custo da cremação."

Em teoria, o lucro pertencia ao Reich. Na prática, frequentemente encaminhava-se para um dos favoritos do Reichsführer, tal como o comandante de Buchenwald, Hermann Pister, que fez fortuna pessoal fornecendo mão-de-obra KZ aos industriais do Ruhr. Negociando com Krupp, Mannesmann e o resto, o Oberführer Pister podia quase alegar ser um colega desde que, além de seu posto no KZ, ocupava uma lucrativa diretoria na companhia fabricante de armas das SS, na companhia de construções, e assim por diante.

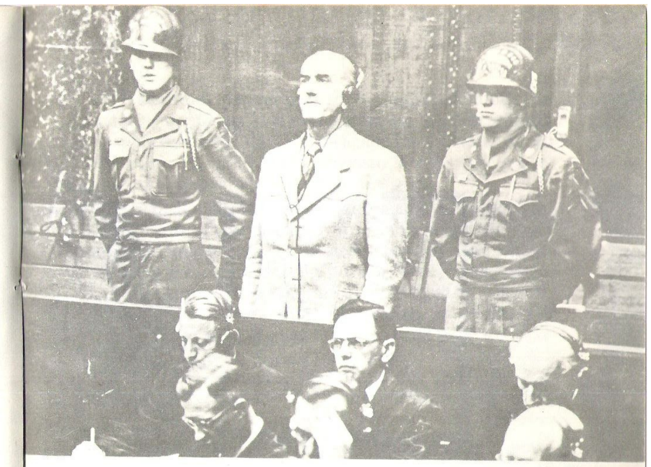
Pister, contudo, ainda ficava aquém de seu predecessor, o Lagerkommandant Koch, de Buchenwald, que, após o arrebanhamento de milhares de judeus no Kristallnacht de novembro de 1938, desviara grande riqueza “confiscada para o Reich” para seus próprios bolsos. Himmler, que nutria idéias muito claras sobre a questão da corrupção — embora não fosse totalmente avesso a tirar vantagem financeira do seu cargo, deduzia o custo da gasolina “oficial” usada nos passeios de sua família do seu salário pessoal — disse a líderes das SS em Posen, em outubro de 1943: “Tomamos as riquezas dos judeus e quem quer que tocar num único Reichsmark renuncia à vida.”

A draconiana declaração de Himmler soava, por igual, verdadeira e falsa. A dura disciplina e os salários magros davam às SS uma aura de austeridade, mas isto era uma cortina de fumaça por trás da qual o nazismo — apropriadamente definido como “um apelo ao Schweinehund íntimo de todo alemão” pelo líder social democrata Kurt Schuhmacher — servia como ponto de convergência de todos os instintos vis.



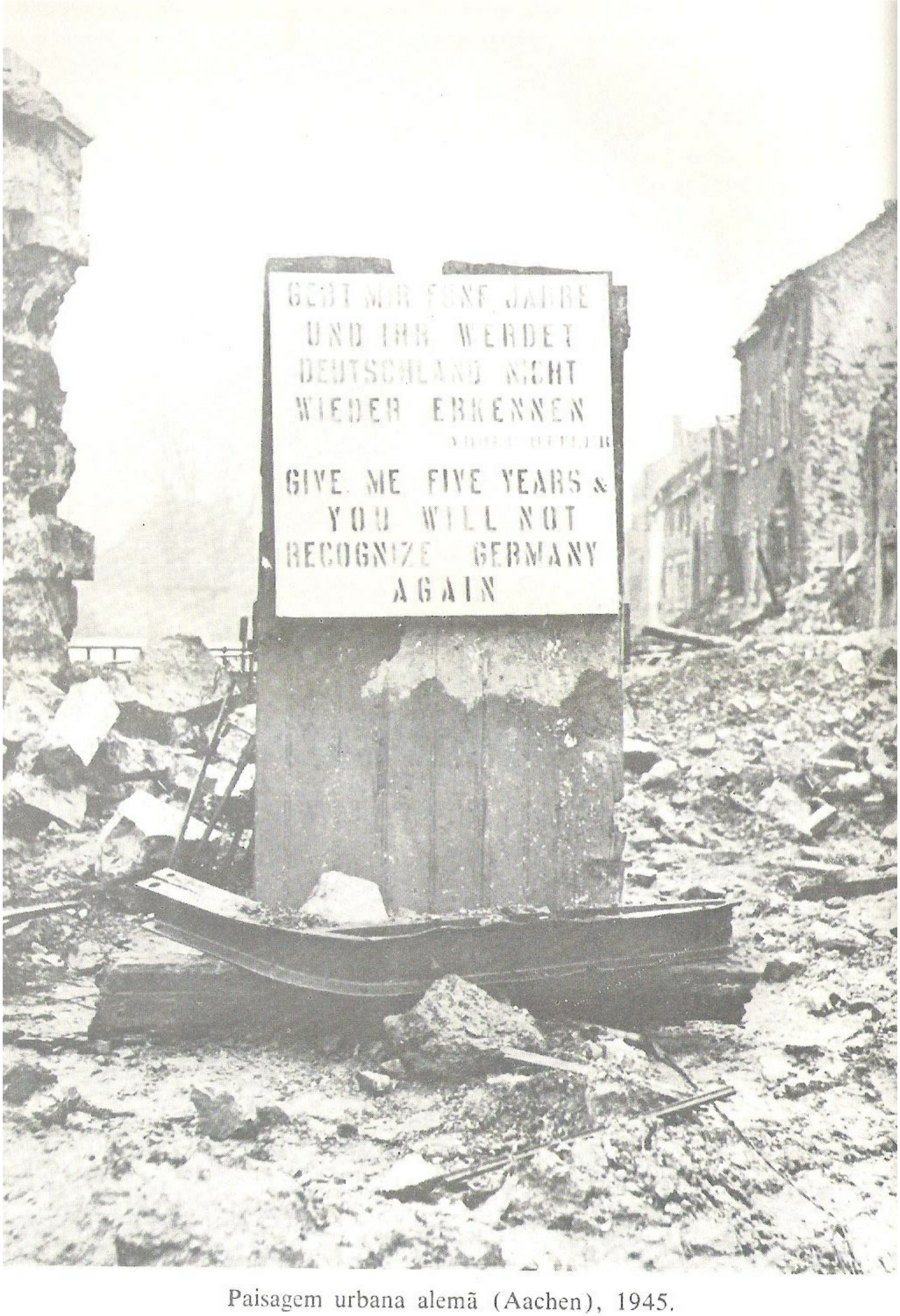
Os Julgamentos de Nuremberg: Ernst Kaltenbrunner, o principal criminoso de guerra das SS. Executado em 1946.

Os Julgamentos de Nuremberg: Comandantes dos *Einsatzgruppe*, os organizadores das atrocidades cometidas por trás da frente oriental. A apelação de Otto Ohlendorf (primeira fila, à esquerda) contra a sentença de morte somente foi indeferida em 1951.

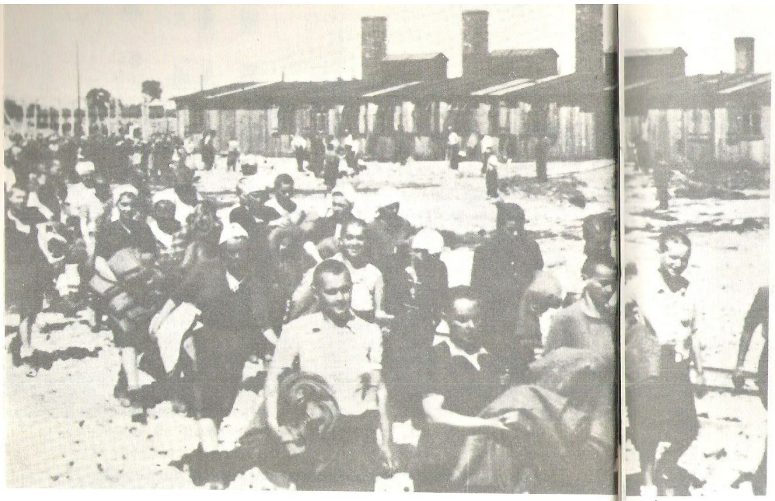


Os Julgamentos de Nuremberg: Osvald Pohl, Chefe do Departamento da Administração Econômica das SS, ouve a sua sentença de morte (3 de novembro de 1947).

O sinal rúnico das SS — símbolo de tirania para a geração do pós-guerra. Protesto contra a invasão russa da Tchecoslováquia em 1968.


GEBT MIR FUNF JAHRE
UND IHR WERDET
DEUTSCHLAND NICHT
WIEDER ERKENNEN
GIVE ME FIVE YEARS &
YOU WILL NOT
RECOGNIZE GERMANY
AGAIN

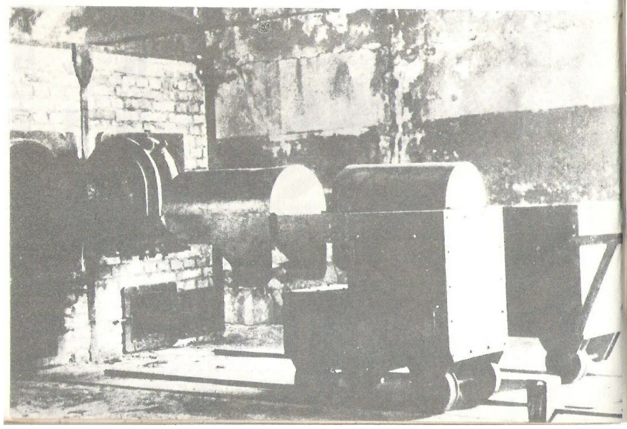
Paisagem urbana alemã (Aachen), 1945.

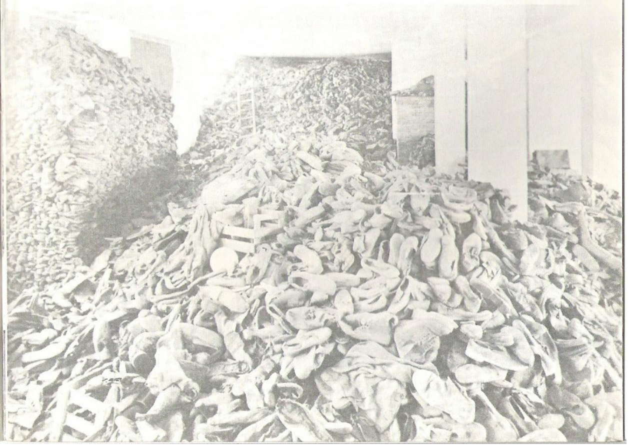


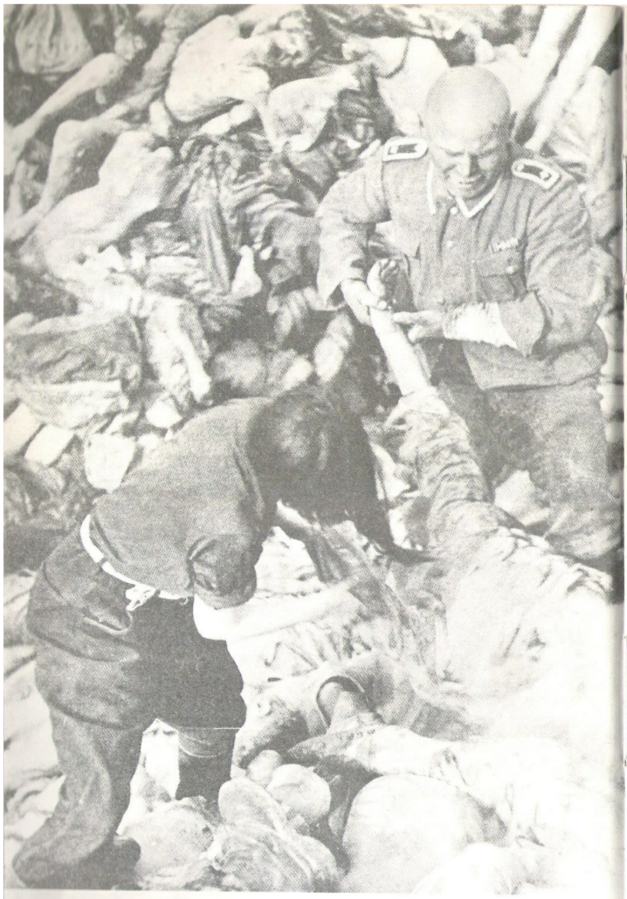
Auschwitz: a chegada.

Auschwitz: os fornos.

Auschwitz: o que restou.

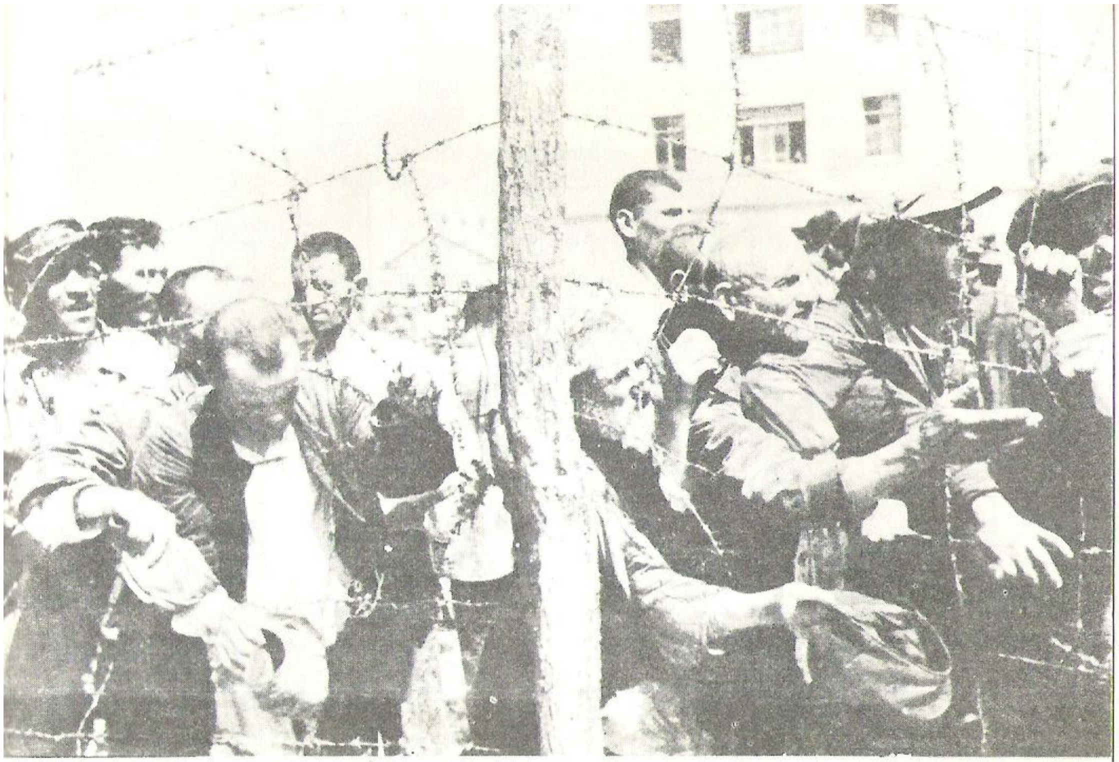






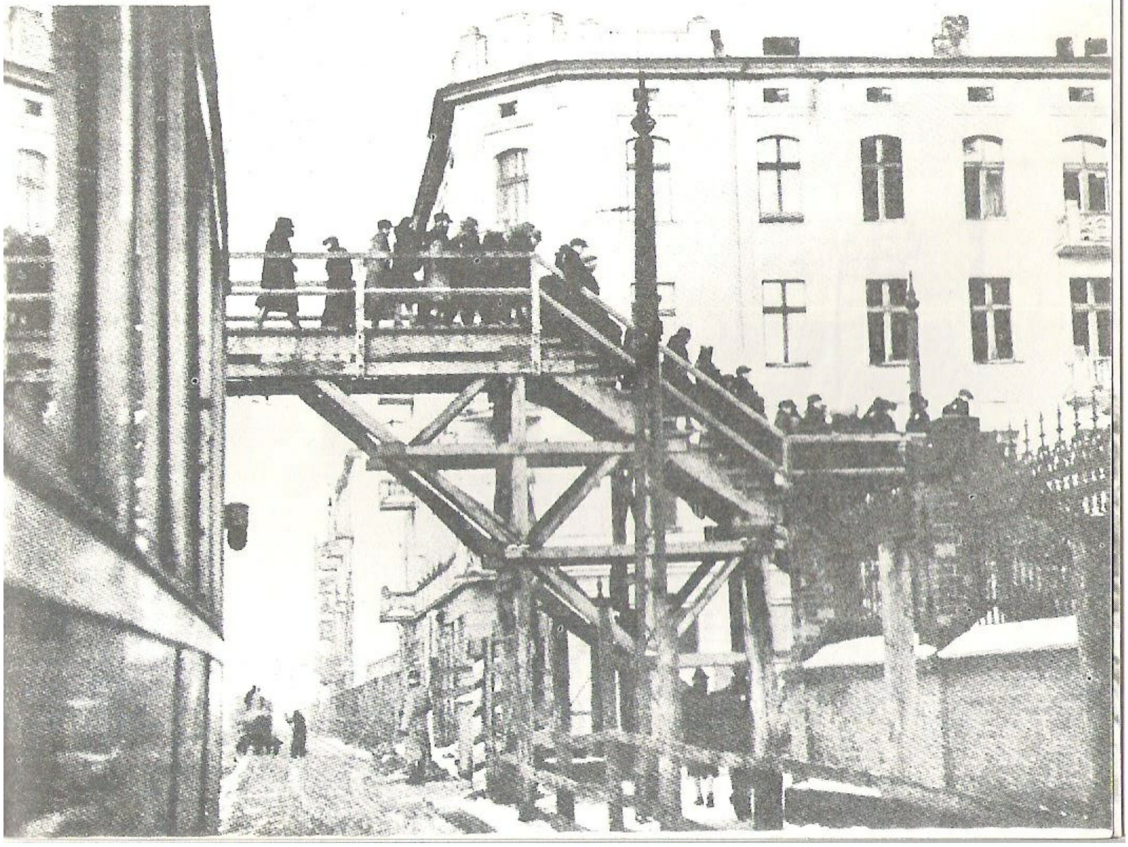
Belsen, abril de 1945. Sob ordens britânicas, guardas do campo enterram suas vítimas em sepulturas coletivas.

Himmler, morto depois de ter engolido uma cápsula de cianureto (23 de maio de 1945). O seu suicídio, após vã tentativa de esconder a identidade, constituiu o golpe final na moral das SS.



Judeus russos suplicando comida (1941).

Ponte de acesso ao gueto de Lodz (1941).



6. O COLAPSO DO TERCEIRO REICH

A CORRUPÇÃO DENTRO DAS “SCHUTZSTAFFELN” PROVOCAVA retaliação de forma altamente seletiva. Todas as instituições nazistas constituíam hierarquias nas quais o castigo dependia do cargo ocupado pelo transgressor na ordem da bicada. Assim, após uma investigação da Divisão de Cavalaria das Waffen SS acantonada em Varsóvia, sob acusações de fraude em moeda e transações com as propriedades confiscadas dos judeus, dois oficiais inferiores foram executados enquanto seu comandante altamente implicado, Hermann Fegelein, astro de provas de obstáculos, fundador da (aristocrática) Reiter SS e “cunhado de Hitler” —- pelo casamento com Gretel Braun — saía impune.

Pela mesma razão, a bonança financeira de Koch, de Buchenwald, dependia de Eicke e Pohl, cuja conivência o rico Lagerkommandant comprava com presentes regulares de 10.000 Reichsmark. Embora o departamento fiscal responsável por Buchenwald e o líder regional das SS e da Polícia, Príncipe Waldeck Pyrmont (figadal adversário de Koch), pedisse repetidamente uma investigação das emaranhadas finanças do campo, o toque de Midas de Koch sobreviveu mesmo à designação para a frente de combate do Administrador-Chefe dos KZ, Eicke, em 1941. Tempos depois, contudo, Himmler efetivamente mandou abrir um inquérito — devido a um recrudescimento de zelo puritano ou porque sentiu a necessidade de controlar seu excessivamente poderoso súdito Pohl.

O investigador das SS, Dr. Morgen, deparou com subterfúgios em toda parte, culminando com a ação extremamente evasiva de Koch, que conseguiu ser transferido para o comando do campo de Lublin mesmo antes de o Dr. Morgen iniciar o trabalho. Em Lublin, onde o novo comandante confiava na poderosa proteção de Globocnik, a sua administração corrupta resultou logo depois numa tentativa de fuga em massa, depois da qual — para privar o Dr. Morgen de potenciais testemunhas de acusação — Koch mandou liquidar milhares de prisioneiros.

Nada obstante, especialmente em virtude da tentativa de fuga em massa, Koch foi finalmente executado por decisão judicial — um fim muito incomum de uma carreira corrupta nas SS (no sentido nazista). Dando um exemplo, Rudolf Hoss, o ex-assassino do Freikorps que se tomou o primeiro Lagerkommandant de Auschwitz, foi acusado, em 1943, de apropriar-se de dentes de ouro. Considerado “culpado”, obrigaram-no a trocar o comando do Auschwitz pela Vice-Diretoria de Inspeção dos campos de concentração — um cargo mais alto, embora produtor de menos prêmios!

A promoção como resultado da gritante má conduta constituía um paradigma nos processos judiciais das SS. Oskar Dirlewanger, condenado estuprador de crianças e chefe do Sonderkommando das Waffen SS, unidade composta de ex-presidiários libertados, chamou a atenção do Dr. Morgen através de notícias de saque geral e extorsões no gueto de Cracóvia. Ao solicitar um mandado de prisão para ele, descobriu o investigador que Dirlewanger — cujas diversões no refeitório dos oficiais incluíam aplicar injeções de estricnina em moças judias e observar-lhes a agonia — não estava sob a jurisdição do líder regional das SS e Polícia, mas de Gottlob Berger, do Departamento Central das SS, em Berlim.

Ao receber o pedido do Dr. Morgen, Berger designou Dirlewanger para combate aos “partisans” na Rússia Branca e promoveu-o a Oberführer durante a viagem.

Os affaires Koch, Hoss e Dirlewanger contituem ilustrações do modo como as rivalidades interdepartamentais — líder regional das SS e Polícia versus Lagerkommandant, comando das Waffen SS versus líder regional das SS e Polícia — determinavam os processos judiciais da organização. Na Ordem Negra e no Estado nazista como um todo o combate à corrupção pouco mais era do que uma função de rivalidade entre claques de poder rivais.

O primeiro pré-requisito para a eliminação da corrupção é uma clara distinção entre o certo e o errado, o que faltava inteiramente na sociedade nazista. No Terceiro Reich podia acontecer que o médico de um campo de concentração obtivesse um grau de doutorado na Universidade de Freiburg, apresentando uma dissertação que fora escrita para ele — em troca de rações de sobrevivência — por dois prisioneiros de Buchenwald. Mais importante ainda, era possível no Terceiro Reich que trezentos e cinquenta médicos (um em cada trezentos na profissão) tomassem parte em experimentos médicos nos KZ, disfarçados em pesquisas. Os experimentos abrangeram um largo aspecto da "ciência médica" e infligiram mortes indescritivelmente dolorosas a um número incontável de prisioneiros.

A pesquisa de técnicas de esterilização envolvia exposição a grandes doses de raios X, castração completa, esterilização com o emprego de drogas e injeção de líquidos inflamatórios no útero. Outros experimentos incluíam beber água salgada, infecções com gás, feridas gangrenosas, transplantes de ossos, exposição a gás fosgênio e de mostarda, provocação artificial de fleimões, e assim por diante.

No campo de Neuengamme, o Dr. Heisskeyer injetou bacilos de tuberculose em crianças judias e observou-lhes tranquilamente a morte. No campo de Dachau, o Dr. Rasher realizou experimentos de supercongelamento — no alegado benefício de pilotos forçados a saltar no mar — nos quais os prisioneiros eram imergidos durante longos períodos em água quase no ponto de congelamento. Himmler, o curioso da homeopatia, ouvira algumas histórias de comadres segundo as quais, após salvamentos no mar, as esposas dos pescadores do Mar do Norte levavam os maridos semicongelados para a cama a fim de esquentá-los. Em consequência, ordenou ao Dr. Rasher que iniciasse experimentos de ressuscitação com o calor corporal e determinou ao campo feminino de Ravensbruck que enviasse ao médico quatro prostitutas, que seriam as fornecedoras de "calor animal". Na ordem, Himmler salientou que as quatro escolhidas, que entrariam em contato físico com os prisioneiros dos KZ, em circunstância alguma poderiam ser prostitutas alemãs.

As SS foram amiúde descritas como um Estado dentro do Estado, mas há aí certa simplificação exagerada. A dinâmica do poder no Terceiro Reich era complexa demais para caber em definições resumidas e, infelizmente, a falta de espaço impede-nos de alongar mais o assunto. Talvez ambos os extremos possam ser evitados com uma analogia histórica, ainda que tênue, entre os impérios de Carlos Magno e Hitler.

Tanto o Primeiro como o Terceiro Reich foram governados — sob o Santo Imperador Romano e o Führer, respectivamente — por poderosos e mutuamente hostis feudatários: as contrapartidas nazistas dos belicosos duques e margraves eram os Chefes do Partido, das SS, das SA, do Ministério da Propaganda, do Ministério do Exterior, dos Ministérios dos Territórios Orientais e da Frente Trabalhista. Combinando uma deferência abjeta pelo Führer com peçonhenta antipatia recíproca, Bormann, Himmler, Lutze, Goebbels, Ribbentrop, Rosemberg, Ley — para não mencionar o construtor de impérios par excellence, Goering — atracavam-se numa guerra civil de mutáveis frentes, aliados, inimigos, neutros, e um único fator constante: a luta pelo poder.

Neste conflito, Himmler conseguiu vencer com maior frequência os rivais do que eles a ele. De sua inexpugnável base de poder, incessantemente invadiu a esfera de competência da Wehrmacht, do Ministério do Interior, do Ministério do Exterior, do Ministério dos Territórios Orientais e outras instituições do Estado nazista. Em agosto de 1943, substituiu oficialmente o Ministro do Interior Frick, de quem fora subordinado meramente nominal desde 1937.

O antagonismo entre Himmler e Ribbentrop remontava a uma época muito distante e fora pontilhado por incursões das SS nos assuntos externos que contrariavam a política oficial do Reich. Em 1940 na Romênia, por exemplo, o Reich exerceu pressão para colocar no poder o Marechal Antonescu na qualidade de um chefe de um governo pró-alemão, enquanto o SD apresentava um candidato rival, Horia Sima, líder da Guarda de Ferro. Mesmo depois de instalado Antonescu no poder (com a ajuda das tropas alemãs que haviam entrado no país), o SD ainda apoiou uma tentativa de golpe da Guarda de Ferro — embora sem resultados. A frustração das Schutzstaffeln foi agravada pela nomeação, por Ribbentrop, de uma fornada inteira de dignitários das SA como Embaixadores do Reich nos satélites alemães dos Balcans, onde estes sobreviventes do “putsch” de Rohm exerciam poderes de vice-reis.

Não muito tempo depois, a oportunidade de um contragolpe apresentou-se à Ordem Negra. O Dr. Luther, um chefe de Departamento do Ministério do Exterior, fez circular entre as partes interessadas em Berlim um memorando confidencial sobre a incapacidade mental de Ribbentrop. Himmler, contudo, não enviou o documento a Hitler desde que relutava em provocar um acerto de contas com Ribbentrop logo em seguida ao “Caso Sima”. Mais importante ainda, com as vitórias nazistas reduzindo rapidamente a área européia que não estava nas mãos alemãs — e com isto o campo de ação da formulação da política externa —, ele talvez tivesse resolvido conceder a Ribbentrop o monopólio de um campo cada vez menor.

Daí em diante, concentrou-se em reforçar seu poder na Europa ocupada, onde, embora até 1943 os comandantes de corpos do exército fossem superiores dos comandantes das SS em todas as frentes de combate, eram subordinados em todas as áreas da retaguarda aos líderes regionais das SS e Polícia. Além de exercer vastos poderes policiais, as SS conseguiam infiltrar-se incessantemente na administração dos territórios ocupados. Na Polônia, coagiram o Governador Hans Frank (figadal inimigo de Himmler) a nomear Krüger, alta patente das SS e chefe de Polícia, como seu Secretário de Estado graças ao simples expediente de apresentar-lhe provas de sua corrupção pessoal, descoberta por um dos colegas do Dr. Morgen. Na Rússia ocupada, ganharam influência adicional quando o Ministro do Reich para os Territórios Orientais, Rosenberg, sentiu-se obrigado a solicitar a ajuda de Gottlob Berger contra seu próprio todo-poderoso súdito, o excepcionalmente resistente Reichskommissar Koch, da Ucrânia.

Mas na guerra recíproca dos feudatários nazistas, a sorte — ou a tolerância de Hitler — raramente sorria sempre para o mesmo beligerante. Enquanto ampliava seus interesses no governo da Europa ocupada, Himmler sofria um revés na esfera econômica: o seu antigo cúmplice (dos dias do “putsch” de Rohm), Goering, criou o Haupttreuhandstelle Osé (ou Fundo de Fideicomisso Oriental), que se apossou de todas as propriedades industriais confiscadas na Polônia e Rússia

No auge da guerra, Viktor Lutze, o incolor substituto de Rohm como Chefe do Estado-Maior das SS, aliou-se ao Governador Hans Frank numa fronde anti-Himmler de potencial considerável — Frau Lutze era parente de von Brauchitsch, Comandante-Chefe da Wehrmacht — muito embora a ameaça tenha se evaporado quando o líder das tropas de assalto morreu logo depois num acidente de automóvel.

As intrigas e lutas pelo poder na corte de Hitler tinham sua contrapartida dentro do campo mais estreito da organização das SS. Embora Himmler não mantivesse uma corte no sentido tradicional da palavra, alguns membros de sua entourage imediata tinham acesso mais imediato a ele — e, correspondentemente, maior influência — de que oficiais de graduação superior. A principal figura do círculo íntimo era o Standartenführer Rudolf Brandt, o assíduo datilografo promovido a Assistente-Chefe, e cuja intercessão era indispensável a todos aqueles que queriam uma audiência com o Reichsführer. Em menor evidência figurava o Dr. Korherr, um professor universitário que trabalhava também como estatístico das SS e "detetive particular" de Himmler nos assuntos dos seus altos oficiais — uma atividade extramuros que resultou numa violenta surra em Korherr e sua eventual transferência para um posto provinciano secundário. Havia ainda o "médico" finlandês de Himmler, Felix Kersten, que devia seu prestígio como piadista político e sua habilidade em levá-lo a praticar raros atos de compaixão, à capacidade de aliviar as cãibras estomacais crônicas do seu exaltado paciente.

A morte de Heydrich em junho de 1942 deixara um vácuo no ápice da estrutura de poder das SS. Himmler procrastinou durante oito meses antes de preenchê-lo. A curta lista de sucessão constava de apenas três nomes: o Dr. Stuckart, Ernst Kaltenbrunner e Max Schellenberg, o diretor do serviço de espionagem das SS, o SD (cujas sugestões de contatos com o chefe da espionagem americana na Suíça, Alan Dulles, em meados de 1942, foram vetadas por Himmler no rescaldo do Caso Sima e do memorando de Luther). O Dr. Stuckart era Staatssekretat do Ministério do Interior e o Obergruppenführer Kaltenbrunner a maior patente das SS e Chefe da Polícia de Viena.

A escolha final de Kaltenbrunner como Chefe do RSHA foi influenciada pelo cálculo de Himmler de que, como novato na capital e nas suas cabalas, o austríaco seria um instrumento mais dócil nas suas mãos do que os demais. O termo "dócil" pode parecer extremamente impróprio quando aplicado a esse bandido de cara vermelha, mas, de fato, Kaltenbrunner durante todo seu tempo no cargo não conseguiu estabelecer a ascendência de seu antecessor sobre ps seis poderosos chefes de departamento do RSHA, que incluíam Oswald Pohl e Heinrich Müller, Chefe da Gestapo.

Foi “Gestapo Müller” quem, em princípios de 1944, baixou a notória “diretriz do cartucho” de acordo com a qual os prisioneiros de guerra soviéticos que haviam ajudado a identificar comissários políticos, capturados para fins de liquidação, foram também executados como Geheimmnistrager (portadores de segredos). O expurgo sangrento logo depois era estendido a todos os prisioneiros russos acusados de tentativa de fuga, recusa ao trabalho e induzimento à insatisfação.

A dizimação, comandada por Müller, da população russa dos campos ocorreu na mesma ocasião da extensão da Solução Final aos três quartos de milhão de judeus da Hungria. Desviando vagões militares urgentemente necessários, um pequeno quadro de especialistas do Departamento IV B4 do RSHA, dirigido pelo Obersturmbannführer Eichmann — auxiliado por oficiais húngaros e por fascistas do Partido da Cruz da Flecha — em três curtos meses realizou o arrebanhamento e a deportação de quase meio milhão para as câmaras de gás de Auschwitz.

Ao chegar o verão, a maior parte da Hungria estava judenrein (limpa de judeus). Com o desembarque dos aliados na Normandia e o declínio da boa sorte alemã, contudo, o Chefe de Estado Húngaro, Almirante Horthy, sorrateiramente, resolveu pôr um ponto final nas deportações e tirar o país da guerra. A fim de frustrar essa manobra, uma unidade das Waffen SS sob o comando de Otto Skorzeny (que havia arrancado Mussolini do cativeiro nos Alpes durante um golpe aéreo um ano antes) foi enviado a Budapest, onde sequestrou Horthy e levou-o ao Reich como prisioneiro. Os seus sucessores da Cruz da Flecha no governo mantiveram a Hungria na guerra e continuaram as deportações.

A derrubada de Horthy constituiu um de uma série de triunfos das Waffen SS obtidos na retaguarda da frente de combate durante os estágios finais da guerra.

Em agosto, a distante aproximação dos russos precipitou um levante em massa em Varsóvia. As forças alemãs na capital polonesa eram comandadas pelo Gruppenführer von dem Bach-Zelewski, que tinha às suas ordens contingentes da Polícia e das Waffen SS, reforçados pela ralé criminosa de Dirlewanger e a brigada Kaminski, russa, que odiava os poloneses. Na ocasião em que o Exército Vermelho se reagrupava no outro lado do Vístula, Varsóvia foi engolfada por um Walpurgisnacht de morte, fogo e saque. As atrocidades perpetradas pelo Sonderkommando Dirlewanger foram tais que levaram o Chefe do Estado Maior da Wehrmacht, General Guderian, a pedir uma preparação a Hitler, enquanto a conduta de Kaminski, pelo que se sabe, levou Bach-Zelewski a mandar liquidá-lo pouco depois do esmagamento da revolta de Varsóvia, em outubro de 1944.

Desde que além da Hungria e Polônia, as honras de batalha da Schutzstaffeln incluíam a Eslováquia, onde o Obergruppenführer Gottlob Berger estabelecera a paz dos cemitérios após um levante no outono, a estrela das SS subia visivelmente no céu sombrio do Terceiro Reich.

Mês a mês aumentava o poder de Himmler. Após o fracasso da Conspiração de Julho, substituiu o General Fromm na qualidade de Comandante do Exército de Reserva. Em seguida, assumiu o comando geral do programa de armas-V e, em outubro, a virtual direção do Volksturm, uma milícia de emergência de alemães entre as idades de dezesseis e sessenta anos (cujo treinamento ideológico, contudo, continuava a ser responsabilidade de Bormann).

Em 9 de novembro de 1944 ocorreu o que equivaleu a sua investidura como herdeiro presuntivo: Himmler usou da palavra na reunião, em Munique, da

Velha Guarda, substituindo um grato Hitler — um desvio sem precedentes da sagrada rotina do Partido.

Esta honra política foi seguida por uma ambígua promoção militar. Por iniciativa de Bormann, que queria desacreditar o rival militarmente inexperiente, Himmler recebeu o Comando do Grupo de Exército do Alto Reno no início do último inverno da guerra.

Embora a guerra mal estivesse a uns seis meses da derrota final, o povo alemão, a Wehrmacht e, acima de tudo, as SS eram ainda, de modo geral, devotadas ao Führer. A Ordem Negra permaneceu esmagadoramente fiel — e mais ainda porque os não-alemães das Waffen SS (que, em princípios de 1945 superavam realmente em número os cidadãos do Reich) lutavam com o desespero de confessos traidores de suas pátrias.

As Waffen SS como um todo continuaram a realizar prodigiosas façanhas militares e conseguiram repetir mesmo suas horrendas obras em Lídice. As cidades de Klissura, no norte da Grécia, por exemplo, Oradour e Tulle, na França, Putten, na Holanda, e outras cidades em outros países, compartilharam do destino da aldeia de mineiros tcheca depois de provocações igualmente banais. Paralelamente ao extermínio de civis inermes, houve o de soldados inimigos desarmados, com o massacre pelas Waffen SS, de prisioneiros americanos em Malmedy e canadenses em Ancienne Abbaye, nas Ardenas.

Enquanto os soldados aumentavam incessantemente sua reputação de bravura militar e excessos sanguinários, alguns generais das SS começaram a nutrir dúvidas sobre a infalibilidade do Führer em assuntos estratégicos. Após o Dia-D, Sepp Dietrich exigiu inteira liberdade dos comandantes de campo na eventualidade de um colapso da frente e tanto Hausser (promovido do

Segundo Corpo Blindado das SS para o Comando do Sétimo Exército) como seu sucessor, Obergruppenführer Bittrich, fizeram voz comum com o comandante de seu corpo de exército, Rommel, nas amargas críticas à estratégia de guerra de Hitler.

Rommel convencera-se da impossibilidade de vitória alemã após os desembarques na Normandia e sabia também da Conspiração dos Oficiais, de 20 de julho de 1944, cujo fracasso levou-o ao subsequente suicídio por ordem da Gestapo.

No dia 20 de julho culminaram os vários planos contra Hitler que estavam sendo preparados por círculos militares e da Resistência civil pelo menos desde o irrompimento da guerra. O mais destacado conspirador civil (e Chanceler designado da Alemanha Livre) era Carl Goerdeler, o ex-Prefeito conservador de Leipzig. Entre os mais íntimos colegas de Goerdeler figurava o antigo Ministro das Finanças da Prússia, Dr. Popitz, que tinha um conhecido, o advogado Dr. Langbehn, que por acaso era vizinho de Himmler em Dahlem, um subúrbio de Berlim.

Em princípio de 1943, Popitz pediu a Langbehn que sondasse Himmler sobre a possibilidade de soltar balões de ensaios de paz dirigidos ao Ocidente. O advogado conseguiu finalmente promover um encontro entre Popitz e o Reichsführer. O membro da Resistência disse-lhe que ele era o único líder suficientemente poderoso na Alemanha capaz de tirar o país de uma guerra que não podia ser ganha. Insistiu em que ele depusesse Hitler e iniciasse conversações com os britânicos e americanos. Himmler — que graças a Schellenberg conhecia bem essa linha de raciocínio — adotou uma atitude reservada, mas interessada. Em setembro de 1943, contudo, quando a Gestapo decifrou mensagens que implicavam Langbehn em contatos com os Aliados, cortou todos os contatos e ordenou-lhe a prisão.

Durante todo esse tempo, a Gestapo mantinha discreta vigilância de Goerdeler, Popitz e outras figuras da Resistência. Em janeiro, toda a rede provinciana de conspiradores, o denominado Kreisauer Circle, foi detido. O principal artífice da conspiração da bomba, Coronel Stauffenberg, porém, permaneceu livre uma vez que seu posto no quartel-general do Exército de Reserva dava-lhe grande imunidade ao controle da Polícia.

Com o fracasso da bomba de Stauffenberg de assassinar Hitler no dia 20 de julho de 1944, a máquina de terror de Himmler começou a funcionar a todo vapor. Todos os principais conspiradores foram detidos sem demora e sentenciados à morte pela notória “Corte Popular” — muito embora a rapidez das detenções e do processo judicial contrastassem acentuadamente com a demora com que algumas sentenças foram executadas. Goerdeler deveu os repetidos adiamento de sua execução a ninguém mais do que ao próprio Himmler. Depois de obrigar o prisioneiro a escrever uma detalhada descrição de seu plano de paz, Himmler visitou-o pessoalmente na cela, onde lhe pediu que agisse como intermediário entre Churchill e ele mesmo. Goerdeler manifestou-se de acordo e pediu para viajar à Suécia, onde daria prosseguimento ao plano. Nesta altura, porém, Himmler, provavelmente julgando a viagem à Suécia arriscada demais, mudou de idéia novamente e ordenou a execução de Goerdeler (fevereiro de 1945).

Outros dignitários das SS tergiversaram também de idêntica maneira nas vésperas da derrota. O Dr. Stuchart, o Staatssekretar no Ministério do Interior e um dos candidatos à sucessão de Heydrich, deixou que um ministro de graduação inferior o influenciasse o suficiente para refrasear e, destarte, virtualmente anular a ordem que estendia a Solução Final a judeus casados com não judias e aos descem dentes desses casamentos (os denominados Mischlinge).

A própria implementação da Solução Final estava sendo modificada. Um encontro entre Himmler e o Presidente da Suíça, Musi (em território austríaco em outubro de 1944) resultou na salvação de alguns milhares de judeus “privilégiados”, contra o pagamento de cinco milhões de francos suíços levantados pelas organizações judaicas. (Eichmann sugerira previamente negócio semelhante aos líderes comunais dos judeus húngaros, embora sem resultado.)

Em outubro, igualmente, Himmler ordenou a dinamitação dos crematórios de Auschwitz, que o Exército Vermelho alcançaria três meses depois. Isto implicou a necessidade de mudar a natureza das deportações procedentes da Hungria. Em vez de serem enviados para execução a gás, os judeus restantes deviam ser levados em marchas forçadas para os campos de trabalho do Reich.

Determinou-se o encerramento do programa de exterminação e os comandantes dos KZ foram informados nesse sentido. Isto, porém, de modo algum melhorou a situação dos prisioneiros, uma vez que, no intuito de eliminar toda evidência incriminadora, Himmler ordenara a evacuação de todos os campos de concentração que se encontravam no caminho dos exércitos invasores aliados. Simultaneamente, deu instruções para que os guardas fuzilassem todos os prisioneiros que se atrasassem na marcha e assim, meio ano depois de terem os crematórios deixado de vomitar fumaça, algumas estradas de acesso à Alemanha ficaram literalmente juncadas de cadáveres em uniformes listrados.

O tratamento contraditório dado por Himmler aos judeus refletia-lhe o pensamento predominantemente esquizofrênico nos últimos meses da guerra. Enquanto parte de sua mente continuava a revolver em torno da idéia tabu de uma abertura para o Ocidente (vias intermediárias tais como o Cônsul Sueco em Budapest, Paul Wallenberg), aplicava todas suas faculdades mentais restantes ao prosseguimento da guerra.

Em tudo isto demonstrou total mediocridade e, em março de 1945, por urgente insistência de Guderian, foi substituído do comando do Grupo de Exército do Alto Reno. No mesmo mês ocorreu nova erosão da reputação militar das SS. O colapso do VI Exército Panzer de Sepp Dietrich na frente húngara de tal modo o enfureceu, que Hitler ordenou que as braçadeiras com os nomes das divisões SS constituintes do VI — “Das Reich” “Adolf Hitler” e “Hohenstauffen” — fossem solenemente arrancadas dos uniformes dos soldados.

Pouco depois, Hitler recebia o troco do tratamento dado àqueles cuja “honra era a lealdade”. O Obergruppenführer Felix Steiner, que algo desobedientemente sugerira ao líder belga das SS, Leon Degrelle, que os britânicos e americanos fossem recebidos com bandeiras com a inscrição “Esta é a frente anti-soviética”, comemorou o sexagésimo quinto aniversário de Hitler (20 de abril de 1945) desobedecendo a ordem do Führer de levantar o cerco de Berlim, o que teria significado lançar sua força de 10.000 homens contra 100.000 russos.

Ainda assim, ao mesmo tempo, 650 das Waffen SS belgas de Degrelle continuavam a combater os russos que tentavam cruzar o Oder até restarem apenas trinta e cinco deles. Na verdade, ao longo de frentes de combate cada vez menores, unidades das SS continuavam a lutar obstinadamente — bem como executar possíveis capituladores a fim de assegurar que a ordem de resistir até o último cartucho, enviada da capital sitiada, fosse obedecida.

Naquela ocasião, fechando os exércitos russos o cerco de Berlim, Himmler, que se considerava o sucessor legítimo do quase defunto Hitler, iniciou traiçoeiras negociações com os inimigos com que a Alemanha estivera lutando em duas guerras separadas, embora paralelas — os judeus e os aliados.

Uma vez que a guerra judaica do Reich fora um choque entre a agressão total e um completo desamparo, sem paralelo na história, as manobras de paz de Himmler, embora politicamente irrelevantes, revestiam-se de um toque de humor negro. Vinte e quatro horas depois de ter dado o adeus final a Hitler e aos companheiros deste último, que animadamente lhe celebravam o aniversário na casamata, Himmler encontrou-se com Norbert Masur, do Congresso Mundial Judaico, na cidade de Hartzwalde no norte da Alemanha, região ainda não ocupada.

Masur era o primeiro judeu que Himmler encontrava em doze anos como indivíduo e não como espécime indiferenciado de um gênero condenado à extinção. Himmler abriu a reunião de Hartzwalde (preparada por Schellenberg e Kersten) insistindo em que sua política de emigração poderia ter beneficiado os judeus e culpando pelo fracasso a obstrução de outros países. Tentou mesmo argumentar que os campos de concentração eram, na realidade, centros de treinamentos. Masur ignorou o palavrório e solicitou que fossem libertados todos os judeus que se encontravam nos campos e interrompidas todas as marchas de morte que acompanhavam as evacuações. Himmler, porém, ainda dilacerado pelo medo de ser descoberto por Hitler e o desejo de um álibi que pudesse apresentar ao Ocidente, não concedeu coisa alguma, salvo uma já debatida transferência de mil mulheres judias do campo de concentração de Ravensbruck para a Suécia.

Três dias depois, Himmler encontrou-se em Lubeck com o conde sueco Bernadotte, seu intermediário com o Ocidente. Durante o encontro, ainda considerando-se Comandante-Chefe alemão, Himmler finalmente concordou, a instância de Schellenberg, em oferecer a rendição às Potências Ocidentais, mas não aos russos. Bernadotte, duvidando da viabilidade disto, perguntou ao Reichsführer o que ele faria na eventualidade de lhe rejeitarem o oferecimento. Respondeu Himmler: “Neste caso, assumirei o comando da Frente Oriental e morrerei em combate”.

A declaração era puro exagero — parcialmente porque, a curto prazo, Hitler, que ouvira falar do oferecimento de paz de Lubeck, através de uma irradiação da BBC captada na casamata, constituía ameaça muito mais séria à vida de Himmler do que o Exército Vermelho. Imediatamente ao ouvir a notícia, Hitler, aos berros, ordenou a prisão de Himmler e deu vazão a sua fúria homicida atirando no membro das SS mais próximo, o seu "cunhado" e oficial de ligação com Himmler, Hermann Fegelein.

O mensageiro a quem fora confiada a ordem de prisão de Himmler, o Marechal-do-Ar von Greim (o último homem a fugir de avião da sitiada casamata) encontrou o traidor no quartel general da costa báltica do Almirante Doenitz, Comandante-Chefe dos Exércitos Setentrionais, mas teve a prudência de não levar avante a missão. Doenitz continuou a desconhecer a traição de Himmler e, de fato — desde que a notícia da morte de Hitler era esperada a qualquer minuto — considerava-o como virtualmente seu novo Führer. Finalmente, verificou-se que foi ao próprio Doenitz que Hitler concedeu a sucessão no testamento político redigido antes de seu suicídio conjunto com Eva Braun (30 de abril de 1945). O período de soberania do governo de Doenitz, do qual Himmler — para profunda contrariedade sua — foi excluído, estendeu-se de 1o de maio de 1945 até o Dia da Vitória, a 8 do mesmo mês.

Nesse dia, Himmler raspou o bigode e reduziu sua comitiva de 150 homens, que incluía o Obergruppenführer Ohlendorf e von Woyrsch, a um número que pudesse ser transportado em quatro automóveis. No dia 10 de maio os quatro carros partiram numa direção sudoeste, mas tiveram de ser abandonados na margem direita do Elba. Os fugitivos foram transportados para a outra margem por pescadores.

Himmler, ainda mais disfarçado com um tapa-olho, conduzia documentos de identidade em nome de Heinrich Hitzinger (que fora executado após o julgamento do "Tribunal Popular"). No dia 23 de maio, foi detido num posto de controle britânico e levado para o Campo de Interrogatório 031, onde foi reconhecido e posto sob guarda armada. No fim da tarde, um médico do exército, convencido de que ele escondia veneno no corpo, examinou-lhe o ânus, o cabelo e as orelhas e, finalmente, ordenou-lhe que abrisse a boca. No momento em que ia inserir dois dedos na boca do prisioneiro, Himmler subitamente trincou os dentes — esmagando uma ampola de veneno. Vomitórios e lavagens estomacais não deram resultado e ele morreu em questão de minutos.

Dois dias depois (25 de maio de 1945) o cadáver, enrolado em cobertores do exército e redes de camuflagem, foi enterrado em local desconhecido nas proximidades de Lüneburg. Antes da guerra, o Primeiro Sargento Edwin Austin, que prestou este último serviço ao Reichsführer, fora lixeiro.

PÓS-ESCRITO: NUREMBERG E DEPOIS

E ASSIM O REICHSFÜHRER SEGUIRA O FÜHRER E O REICH PARA O LIMBO — para uma esfera da história situada além do mito ou das complicações da posteridade. Himmler desaparecera. Mas o que dizer dos seus correligionários sobreviventes — indivíduos que, incidentalmente, podiam ser identificados com igual facilidade (através do número do grupo sanguíneo tatuado nos braços) ?

Ceifando no processo esgotados compatriotas, eles lutaram até o último minuto — ou quase até o último. No dia do suicídio do Führer, o Gruppenführer Mohnke, cujos fanáticos do Leibstandarte arrancaram de adegas soldados feridos e escolares como advertência aos pusilânimes, tentou fugir e fracassou. O caso de Mohnke não foi absolutamente o único. Neste tipo de conduta, os altos escalões da Schutzstaffeln mais uma vez — apenas desta vez inconscientemente — macaqueavam o Reichsführer.

Não decreta ele a luta até o último cartucho enquanto ele mesmo empenhava-se em negociações de rendição? Não havia — pelos padrões que ele mesmo proclamava — sido culpado de ainda mais grave falta no cumprimento do dever quando, em vez de morrer em batalha ou insolentemente justificar-se diante do tribunal dos vencedores, fugira e morrera como rato encurralado?

O autor neonazista Erich Kern [1] escreveu, ao apagar das luzes da derrota:

“Um oficial das SS, portador da Cruz de Cavaleiro, enforcou-se na latrina de um acampamento, deixando uma nota na qual declarava que não podia mais viver, desde que fora traído pelo seu Reichsführer. Ele, que negara enterros militares aos suicidas das SS, engolira cianureto em vez de aceitar a responsabilidade de salvar da forca centenas de pobres diabos que haviam apenas lhe cumprido as ordens.”

O veterano SS Kern deu voz a um sentimento comum a muitos; Himmler, o homem que criara o mito das SS, fora útil também para derrubá-lo. Após a libertação, notícias sobre os campos haviam-se espalhado, deixando uma marca indelével na mente do homem em toda parte, ainda que o colapso da moral das SS no pós-guerra se devesse mais à sepultura sem nome nas proximidades de Lüneburg do que às pirâmides de esqueletos de Belsen.

Belsen, incidentalmente, proporcionou um exemplo contrastante da recuperação da moral das SS. Por volta do outono de 1945, circularam boatos de que os britânicos haviam deliberadamente levado à morte os prisioneiros de Belsen — além de inflacionar as cifras de mortalidade do campo ao colocarem uma inscrição, “Aqui Jazem Cinco Mil”, sobre sepulturas coletivas contendo um número não verificado, mas alegadamente inferior de cadáveres.

Mas houve também exemplos opostos, de arrependimento. O Obergruppenführer Herbert Backe, antigo Ministro dos Alimentos do Reich, antes de suicidar-se, escreveu a um sobrevivente de Buchenwald, Eugen Kogon, pedindo-lhe perdão pelas rações de fome que fornecera aos prisioneiros dos campos.

No rescaldo da guerra, contudo, a um mundo ultrajado interessava mais a desforra dos vencedores do que o arrependimento dos vencidos. Os Aliados convocaram um Tribunal Militar Internacional em Nuremberg que (em setembro de 1946), considerou as SS como organização criminosa e acusou seu mais alto líder, Ernst Kaltenbrunner, Chefe do Departamento Central de Segurança do Reich, de grande criminoso de guerra ao lado de Goering [2], Ribbentrop, Sauckel, Ley, Streicher, Frick, Keitel e outros.

Esses instigadores da agressão e perseguição nazista acabaram como deviam, na forca — precedidos por alguns dos mais notórios (embora de patentes inferiores) guardas dos KZ, tal como a donzela SS Irma Grese, que colecionara abajures feitos de pele dos prisioneiros.

O biênio 1947-1948 assistiu ao julgamento dos oficiais do Einsatzgruppen em Nuremberg — bem como a denúncia da Administração Econômica das SS e dos “Médicos da Morte”, acusados de experimentos nos KZ. A intensificação da Guerra Fria nessa ocasião — o Bloqueio de Berlim, o golpe comunista na Tcheco-Eslováquia, a Guerra da Coréia -— induziram daí em diante os Aliados a temperar a justiça com certa dose de compaixão condutível à integração da Alemanha no campo ocidental. Disto resultou geral comutação das penas de morte e drásticas reduções das sentenças de prisão.

A maquinaria judicial de apelação dos Aliados ficou congestionada com petições de clemência. Quando o Alto Comissário americano, John MacCloy, finalmente indeferiu, em julho de 1951, as apelações de sete oficiais das SS, condenados à morte nos julgamentos de 1947-1948, muitos alemães acusaram-no de ter feito durante três anos um jogo sadista de gato e rato.

O destino dos “Sete de Landsberg” (assim chamados em virtude do local onde estavam presos) agitou profundamente a opinião pública e uma petição de protesto atraiu centenas de milhares de assinaturas.

No centro dessa cause célèbre figuravam Oswald Pohl e Otto Ohlendorf. Ambos comportaram-se de modo extraordinário na barra do tribunal. Pohl o assassino de judeus comparou o julgamento ao famoso caso Dreyfus — no qual um judeu fora falsamente incriminado por anti-semitas — e descreveu a si mesmo como bode expiatório do Obergruppenführer Wolff e o outros dignitários das SS, ainda em liberdade.

A conduta de Ohlendorf foi ainda mais extravagante. Enquanto esperava julgamento sob a acusação de noventa mil assassinatos, este economista treinado analisou o funcionamento da concorrência imperfeita na economia nazista e censurou acremente seus colegas de prisão, o ex-Ministro dos Armamentos Albert Speer, de ter favorecido grandes firmas em detrimento dos artesãos na adjudicação de contratos governamentais. Requeridos sobre a racionalização que fizera das execuções de ciganos, como “medidas de contra-espionagem” Ohlendorf citou o teatrólogo do século XVIII, Schiller, sobre o papel dos espiões ciganos no Guerra dos Trinta Anos.

Ao ser perguntado por que a lista de resultados o Einsatzgruppe D — noventa mil vítimas — era muito inferior à das demais unidades, replicou Ohlendorf: “Considerei indigno de mim apresentar resultados que não correspondessem à verdade!”

Por ocasião da controvérsia de Landsberg, alguns eminentes veteranos das SS — como Paul Hausser — lançaram uma campanha para que a antiga força fosse excluída da classificação geral de organização criminosa em que a pusera o Tribunal Militar Internacional. A campanha teve um êxito notável: o Chanceler Adenauer, apoiado pelo líder soçial-democrata Ollenhauer, atestou que as Waffen SS possuíam as mesmas qualidades militares de coragem e decência da Wehrmacht e, demais disso, incluiu certo membro do seu pessoal nos casos previstos na Cláusula 131 do Governo de Bonn (que dava aos funcionários públicos nazistas direito à pensão na República Federal).

Mesmo que a "Cláusula 131" incluísse — pelo menos temporariamente — o primeiro chefe da Gestapo, Rudolf Diels, o especialista em eutanásia, Dr. Clauberg, e as viúvas de Heydrich e do General das Waffen SS, Turner — que tornara a Sérvia judenrein — verificou-se mais tarde a solicitude de Bonn pelo bem-estar e respeito dos veteranos das SS não fora inteiramente em vão. [3]

Muitos dos 300.000 soldados sobreviventes das SS na Alemanha Ocidental haviam-se agrupado no Hilfsgemeinschaft auf Gegenseitigkeit (HIAG, ou Associação de Ajuda Mútua), uma organização de veteranos potencialmente perigosa, camuflada como serviço de localização de antigos Kameraden.

Se a HIAG lenta e relutantemente passou da rejeição completa do Governo de Bonn para uma mal-humorada coexistência com ele, o crédito por isso se deveu — em seguida ao Chanceler Adenauer -— ao herói-criminoso-de-guerra Panzer Meyer. O famoso comandante SS de tanques, sentenciado pelo massacre de Ancianne Abbaye (ver a pág. 84) e em seguida perdoado, denunciou os Kameraden que viviam ainda num passado de sonhos nacionalistas. E continuou, descrevendo a República Federal como "nosso Estado", no qual os membros da HIAG podiam viver com suas esposas e filhos.

Alguns SS aceitaram o novo Estado a ponto de participarem de seus processos democráticos numa grande variedade de níveis. O ex-Sturmführer Waldemar Kraft serviu como Ministro sem Pasta no gabinete de Adenauer, o ex-Gruppenführer Reinefarth, comandante de unidades policiais das SS no Levante de Varsóvia, foi membro do Land Parlamento de Schleswig-Holstein, enquanto o ex-Hauptsturmfüher Otto Hunsche (ajudante de Eichmann na Hungria) fazia parte do conselho de um distrito rural em Hesse.

Hunsche serviu no governo local sob nome suposto — expediente este usado também por membro das SS que subiram para os altos escalões do serviço público. Documentos falsos e amigos altamente colocados colocaram sem dificuldade o Professor Heyde, ex-especialista em eutanásia e oficial médico de Dachau, num posto importante no serviço médico de Schleswig-Holstein, onde opinava sobre pedidos de pensão de sobreviventes inválidos dos campos de concentração.

Outros Doktoren — não médicos — das SS ingressaram no setor privado usando seus próprios nomes. A boa-vontade de alguns industriais do Ruhr permitiu ao ex-Obergruppenführer Werner Best (Plenipotenciário do Reich na Dinamarca ocupada) e ao ex-Brigadeführer Franz Six (designado Plenipotenciário dos SD na Grã-Bretanha ocupada) participarem do milagre econômico alemão no nível da administração intermediária.

A reintegração na vida do pós-guerra assumiu numerosas formas. Antes de suas respectivas prisões, na década de 1960, o ex-Sonderkommando Friedrich Meyer treinou cadetes de Polícia na Politzeischule, nas proximidades de Münster, enquanto o ex-Sturmbannführer Helmut Bischoff (que costumava punir trabalhadores escravos recalcitrantes na fábrica subterrânea de foguetes das Harz Mountain, enforcando-os pessoalmente) trabalhava no serviço de localização da Cruz Vermelha.

Neste clima de amnésia aparente — apenas-aparente porque os moinhos da justiça moinham lentamente — alguns veteranos sentiram-se afogados em nostalgia. O antigo Obergruppenführer Wolff publicou uma série de suas reminiscências numa revista ilustrada e, dessa maneira, involuntariamente, deu indicações de atrocidades de guerra anteriormente desconhecidas. Esse bizarro exemplo do “publique e o resto que se dane” mereceu a Wolff uma sentença de quinze anos de prisão.

A nostalgia do carregador de Hotel Kurt Bolender assumiu forma diferente. Ao ser preso, descobriu-se que o antigo assistente do Lagerführer no campo de extermínio de Sobibor, havia conservado como recordação, durante vinte anos, o cabo metálico de seu rebenque (gravado com suas iniciais). Pouco depois, Bolender cometeu suicídio enquanto aguardava julgamento em Hagen, na Vestfália. Um inquérito Gallup, realizado em Hagen por ocasião do processo, revelou que a palavra Sobibor não possuía conotação alguma para nove entre dez moradores da cidade. Alguns pensavam que fosse o nome de um novo detergente.

A indiferença pública, a esclerose burocrática e a morte das testemunhas sobreviventes combinaram-se para debilitar a aplicação da lei federal sobre crimes de guerra. Assim, a maior operação isolada de assassinato do Terceiro Reich — a dos Einsatzgruppen — ficou à margem da atenção das autoridades judiciárias até 1958 e poderia ter continuado sem expiação sine die, não fosse a iniciativa de um resoluto policial. O ex-Chefe de Polícia de Memel, Bernhard Fischer-Schweder, processou as autoridades federais por lhe recusarem reingresso na força policial — destarte dando origem a investigações que lhe revelaram o papel, na qualidade de SS Oberführer, nos massacres efetuados pelo Einsatz de judeus lituanos e iniciando uma série de julgamentos dos Einsatzgruppen que duraram até a década de 1960.

Os processos contribuíram para esclarecer um ponto crucial nas controvérsias do pós-guerra a respeito das Schutzstaffeln: eram os homens das SS obrigados a matar sob pena de serem eles mesmos mortos? Refutando o argumento padrão de defesa dos criminosos de guerra, o antigo Brigadeführer

Six declarou que a participação no Einsatzgruppe podia ser evitada desde que o indivíduo se apresentasse voluntariamente para serviço na linha de frente ou para outros. O ex-Oberscharführer Matthias Graf disse em depoimento que a recusa de uma patente no Einsatzgruppe custara-lhe apenas “descrédito social” e uma curta pena de prisão.

A mais divulgada investigação de crimes de guerra alemães foi o gigantesco julgamento de Auschwitz, realizado em Frankfurt no período 1964-65, possuindo alguns dos vinte e três acusados nomes em que havia sugestões de imortalidade. Haviam todos se reajustado à vida civil com notável facilidade: Oswald Kaduk, como enfermeiro, cujos pacientes berlinenses haviam apelidado de “Papa Kaduk”, e o Dr. Viktor Capesius (a autonomeada “Encarnação de Satã” de Auschwitz), como rico e grandemente estimado farmacêutico em Goeppingen. Segundo seus depoimentos, nenhum dos acusados tinha a menor idéia “para o que servia Auschwitz”. Com uma única exceção, demonstraram todos absoluto desprezo pelo tribunal.

Os julgamentos continuam (embora a maioria dos alemães gostasse de vê-los concluídos), bem como a controvérsia sobre o papel das SS. Paul Hauser, o mais idoso estadista da HIAG, publicou recentemente (1966) um óbvio Soldaten wie andere auch, Der Weg der Waffen SS — (Soldados como os Demais — o Caminho das Waffen SS). Em livros anteriores, Hausser louvou as virtudes militares de Oskar Dirlewanger (criminoso de guerra executado) e de Gottlob Berger (que cumpre pena de vinte e cinco anos por assassinato de judeus durante a guerra) —e descreveu as Waffen SS como uma das precursoras da OTAN.

Adolf von Thadden e os cofundadores do NPD realizaram o amplamente divulgado lançamento de seu partido à beira da sepultura dos Sete de Landsberg — na suposição de que “o sangue de seus mártires fertilizará a Igreja”. Nas eleições federais de 1969, os nacionais democratas conseguiram 4,3 por cento dos votos depositados.

Em outros países do mundo há unanimidade de opinião sobre o papel das Schutzstaffeln. As iniciais SS provavelmente continuarão a ser símbolos de tirania abominável das gerações vindouras. Na primavera de 1968, jovens franceses nascidos muito depois do massacre de Oradour berraram-nas contra o esquadrão antitumulto da Polícia francesa — enquanto meses depois, no outro lado da Europa, enfurecidos tchecos, nascidos muito depois de Lidice, garatujavam "USSR" sobre os tanques soviéticos.

O homem das SS, um autômato que nunca deverá ser esquecido, devastou a Europa e tornou o mundo um lugar mais pobre e mais sombrio. As lendas judaicas falam de Golem, um monstro de barro que um rabi milagreiro animou, colocando a letra "CHAI" (hebraico correspondente à "vida") em sua boca.

O homem das SS não era um monstro de barro, mas de carne e osso. As letras que o animavam eram "TOD" (palavra alemã para "morte"). Hitler, porém, embora autor de maravilhas, não era um sacerdote. Seu poder sacerdotal derivava de Nietzsche, que escrevera no Assim Falou Zaratustra: "Diz você que uma boa causa santificará até mesmo a guerra? Digo-lhe que uma boa guerra a tudo santifica."

---

1 — Erich Kern, Der Grosse Rausch (Zurique, 1948), pág. 184.

2 — Goering, na verdade, enganou o carrasco tomando veneno.

3 — Uma das alternativas abertas, àqueles acusados de liquidarem a herança

do Terceiro Reich era um ataque maciço sobre todas as instituições e indivíduos culpados. O “pragmatista” Adenauer escolheu outra: procurou atrair o grande resíduo de nazistas inculpados existente na República Federal, mediante concessões, e frisando o perigo do vivo Stalin ou Khruschev — em contraste com o falecido Hitler.

GLOSSÁRIO

HIAG — Associação de Ajuda Mútua dos Soldados das SS

KZ — Campo de Concentração

OKW — Supremo Comando das Forças Armadas

RSHA — Departamento Central de Segurança do Reich

RUSHA — Departamento Central de Raça e Colonização

SA — Tropas de Assalto

SD/SS — Serviço de Espionagem das SS

WVHA — Departamento Central de Administração Econômica

Abwehr — Serviço de Espionagem Militar

Ahnenerbe — Fundação de Pesquisa da Herança Ancestral das SS

Asoziale — Prisioneiro anti-social (isto é, criminosos ou inimigos do trabalho) dos campos de concentração

Bildungsbürgertum — Classe média em virtude de educação (distinguindo-se aqui da riqueza)

Braunes Haus — Sede do Partido Nazista em Munique

Eindeutschung — Germanização, isto é, transformação de cidadãos estrangeiros em alemães

Einsatzgruppe — Grupo operacional encarregado de execuções em território ocupado

Frauenlager — Campo de concentração para mulheres

Freikorps — Bandos para-militares direitistas ativos após 1918

Gauleiter — O mais alto líder do Partido Nazista numa Gau, ou província do Terceiro Reich

Gestapo — Polícia Secreta do Estado

Gleichschaltung — Coordenação ou alinhamento com o Estado Nazista

Gouvernement-Générál — Polônia ocupada pelos nazistas

Innenministerium — Ministério do Interior do Reich

Iron Guard — Organização fascista romena

Judenrein — Limpo de judeus

Judenreservat — Um aglomerado de guetos

Kamerad — Camarada — forma costumeira de cumprimento nas formações do Partido Nazista

Kleiribürger — Pequeno burguês

Kristallnacht — Noite de Cristal, o massacre organizado de novembro de 1938, assim denominado devido às vitrinas quebradas das lojas judaicas

Lager — Campo (ou prisão) de concentração

Lebensborn — Fundação Fonte da Vida — organização de adoção e sequestro de crianças, mantida pelas SS

Leibstandarte — Guarda pessoal de Hitler

Mischling — Pessoa de ascendência mista alemã-judaica

Ostindustrie Ges.m.b.H. — Indústria Oriental Ltda.

Protektorat — A Boêmia e a Morávia ocupadas pelos nazistas

Putsch — Tentativa de golpe de Estado

Reichstag — Parlamento alemão

Reichswehr — Exército alemão. Em 1935, o nome foi mudado para Wehrmacht

Reiter SS— SS montada

Schutzstaffeln — Esquadras de Proteção

Spartacists — Precursores do Partido Comunista Alemão

“Das Schwarze Korps” — Semanário oficial das SS

Sonderkommando — Força-tarefa especial das SS

Stosstruppe — Tropas de Choque

Sturmabteilung — Tropas de assalto

Totenkopf — Caveira

Verfügungstruppe — Formações militarizadas das SS, rebatizadas de Waffen-SS, no inverno de 1939-1940

Volksdeutsche — Alemães residentes fora do Reich

Volksgruppe — O conjunto dos Volksdeutsche dentro de um país especifico

Volksgemeinschaft — A comunidade de folk — a imagem projetada pelos nazistas de tuna sociedade harmoniosa.

Waffen SS — ver Verfügungstruppe

Wehrkreis — Distrito Militar

Wehrmacht — ver Reichswehr

Weimar Republik — O Estado democrático alemão, constituído em 1919 e destruído pelos nazistas em 1933.

Quadro de Patentes

SS	EXÉRCITO ALEMÃO	EXÉRCITO BRITÂNICO
Reichsführer	Generalfeldmarschall	Marechal-de-Campo
Obergruppenführer	General	General
Gruppenführer	Generalleutnant	Tenente-General
Brigadeführer	Generalmajor	Major-General
Oberführer	Oberst	Brigadeiro
Standartenführer	Oberst	Coronel
Obersturmbannführer	Oberstleutnant	Tenente-Coronel
Sturmbannführer	Major	Major
Hauptsturmführer	Hauptmann	Capitão
Obersturmführer	Oberleutnant	Tenente
Untersturmführer	Leutnant	Segundo-Tenente
Sturmscharführer	Stabsfeldwebel	Subtenente
Hauptscharführer	Oberfeldwebel	Primeiro-Sargento
Oberscharführer	Feldwebel	Segundo-Sargento
Scharführer	Unterfeldwebel	Terceiro-Sargento

Unterscharführer	**Unteroffizier**	**Quarto-Sargento**
Rottenführer	**Gefreiter**	**Cabo**
Sturmann	**Oberschütze**	**Anspeçada**
SS-Mann	**Schütze**	**Soldado**